

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

Kethlin Nadine Meurer

**O PAPEL DO JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRIGADA  
MILITAR NO VALE DO RIO PARDO**

Santa Cruz do Sul

2020

Kethlin Nadine Meurer

**O PAPEL DO JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRIGADA  
MILITAR NO VALE DO RIO PARDO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Cristiane Lindemann.

Santa Cruz do Sul  
2020

Kethlin Nadine Meurer

**O PAPEL DO JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRIGADA  
MILITAR NO VALE DO RIO PARDO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

---

Dr.<sup>a</sup> Cristiane Lindemann  
Professora orientadora – UNISC

---

Dr.<sup>a</sup> Patrícia Regina Schuster  
Banca examinadora – UNISC

---

Dr. Leonel Fernando Aurélio Aires  
Banca examinadora – UNISC

Santa Cruz do Sul

2020

## AGRADECIMENTOS

Construir um trabalho de conclusão de curso, pensar no assunto, em entrevistas e no quanto essa pesquisa pode agregar não apenas na minha vida, mas na de outras pessoas, foi um desafio e tanto.

Embora eu tenha pesquisado, corrido atrás e me dedicado, a humildade é necessária nessas horas para que se reconheça que nada se faz sozinho. Se consegui concluir este trabalho tão importante na minha caminhada acadêmica é porque tive pessoas ao meu lado que me apoiaram, me instruíram, apontaram caminhos e me ajudaram, seja com uma palavra de consolo, elogio sincero ou desejo de me ver bem, feliz e tendo sucesso.

Citar nomes sempre é uma tarefa complicada, pois diariamente muitas pessoas fazem a diferença na minha vida, mas gostaria de fazer alguns agradecimentos especiais. Sou grata à minha mãe, minha rainha Silvane Meurer, pela compreensão, por muitas vezes ter ficado comigo em um fim de semana inteiro e entendido que eu precisava estar em frente ao computador realizando esse trabalho antes de qualquer outra coisa. Agradeço por inúmeras vezes ter me mantido calma e reforçado o quanto é importante eu acreditar na minha capacidade.

Não poderia deixar de agradecer ao meu pai, Gerson Meurer, que desde 2016 não está mais aqui comigo fisicamente, mas é a estrela mais linda do meu céu. Agradeço a ele, porque desde criança incentivou os meus sonhos e falava com orgulho que teria uma filha jornalista. Foram inúmeras as vezes em que eu escrevi essa monografia cansada, devido às correrias do dia a dia, mas lembrava dele e do quanto ele sempre quis ver eu me formando. Então eu pensava: “Vamos Kethlin, tu está quase lá!”. Sempre tive pais muito presentes na minha vida e se hoje sou o que sou, devo muito a eles. Também sempre fui incentivada a fazer o que eu gosto e apostar na profissão que me faz feliz.

Sou, da mesma forma, imensamente grata à minha família e aos meus amigos por torcerem por mim e vibrarem com as minhas conquistas, mandando energias positivas para que eu tivesse as melhores inspirações para escrever esta monografia.

Também não tenho palavras para agradecer a minha orientadora, Cristiane Lindemann, que é uma pessoa e profissional incrível. Uma das melhores professoras

que eu tive a oportunidade de conhecer na Universidade de Santa Cruz do Sul. Atenciosa, meiga, competente, a Cris realmente ama o que faz, aposta no aluno, se dedica, se preocupa e quer o bem. Por mais professores como ela!

Por fim e não menos importante, sou grata por Papai do Céu me dar saúde e sabedoria para escrever, pesquisar, estudar e concluir este trabalho. Agradeço pela vida que tenho e sou muito feliz na profissão que escolhi. Espero contar ainda muitas histórias, entrevistar, ouvir gente e fazer a diferença com o Jornalismo.

## RESUMO

Esta monografia propõe analisar o papel do Jornalismo do Jornal Gazeta do Sul na construção da imagem da Brigada Militar (BM) no Vale do Rio Pardo. Para tanto, foram abordados conceitos teóricos como funções e história da Brigada Militar; o contexto da BM no Vale do Rio Pardo; conceito de imagem de um grupo ou instituição; o papel do Jornalismo e a questão da segurança pública. O estudo aponta o quanto as matérias da editoria de Polícia da Gazeta do Sul são capazes de fazer os leitores terem uma visão positiva ou negativa em relação ao trabalho da Brigada Militar. Além da pesquisa bibliográfica, esta monografia utilizou como recursos metodológicos a técnica da entrevista – com o coronel Valmir José dos Reis, comandante do Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo, que relatou a visão da Brigada Militar sobre o trabalho da Gazeta; com os quatro jornalistas autores das seis matérias selecionadas para a análise deste trabalho, e com o gestor de Conteúdo Multimídia do jornal. Com o intuito de enriquecer ainda mais a coleta de dados e cumprir os objetivos propostos, também apostou-se na realização de um grupo focal com 12 leitores da Gazeta do Sul para discutirem suas visões a respeito da Brigada Militar a partir do que leem no jornal. O Jornalismo, além de informar, é capaz de construir imagens, o que pode ser percebido através dos dados levantados durante a execução desta monografia. Dos achados, ressalta-se que os jornalistas são a favor de mostrar tanto os feitos positivos quanto as falhas da instituição. Em contrapartida, embora a Brigada Militar cometa falhas, assim como qualquer outra instituição, os leitores não deixam de carregar consigo uma admiração pela BM. Trata-se de um grupo cuja responsabilidade maior – garantir a segurança pública – reflete diretamente na vida dos cidadãos e tal objetivo vem sendo cumprido há 183 anos na região. Inferimos, pois, que esses dois elementos também são basilares na percepção do público.

**Palavras-chave:** Jornal Gazeta do Sul. Brigada Militar. Jornalismo. Imagem institucional. Vale do Rio Pardo.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 BRIGADA MILITAR: FUNÇÕES E HISTÓRIA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 A Brigada Militar no Vale do Rio Pardo.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 A imagem de um grupo ou instituição.....</b>	<b>21</b>
<b>3 PAPEL DO JORNALISMO .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 A segurança pública em pauta.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2 Jornalismo e construção de imagem(ns).....</b>	<b>33</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>37</b>
<b>4.1 Pesquisa bibliográfica.....</b>	<b>39</b>
<b>4.2 Pesquisa documental.....</b>	<b>40</b>
<b>4.3 Análise de conteúdo.....</b>	<b>41</b>
<b>4.4 Entrevista.....</b>	<b>43</b>
<b>4.5 Grupo focal.....</b>	<b>45</b>
<b>4.5.1 Aplicação do grupo focal.....</b>	<b>46</b>
<b>4.5.2 Perfil dos participantes.....</b>	<b>46</b>
<b>5. JORNALISMO COMO CONSTRUTOR DE IMAGEM.....</b>	<b>48</b>
<b>5.1 A visão da Brigada Militar sobre o trabalho do Jornal Gazeta do Sul.....</b>	<b>51</b>
<b>5.2 A imagem da BM a partir de diferentes perspectivas.....</b>	<b>53</b>
<b>5.2.1 A perspectivado jornal.....</b>	<b>54</b>
<b>5.2.2 A perspectiva dos jornalistas.....</b>	<b>57</b>
<b>5.2.3 A perspectiva do público.....</b>	<b>64</b>
<b>5.2.3.1 O grupo focal na visão dos participantes.....</b>	<b>70</b>
<b>5.3 Que imagem da BM o Jornalismo da Gazeta constrói?.....</b>	<b>71</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>82</b>

<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE D.....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE E.....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICE F.....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE G.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE H.....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICE I.....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO C.....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO D.....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO E .....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO F.....</b>	<b>95</b>





## 1 INTRODUÇÃO

Os veículos de comunicação há muitos anos exercem um papel importante na sociedade. Além de manterem as pessoas informadas, contribuem para a formação de opiniões e construção de sentido acerca dos mais variados temas. A atividade jornalística tem a responsabilidade de mediar assuntos de interesse público, conforme os aspectos de cada região, seja pelo rádio, televisão, internet ou veículos impressos. Com o excesso de informações existente, em especial por meio da rede mundial de computadores, cabe ao jornalista saber filtrar e transmitir da forma mais objetiva, verdadeira e clara possível uma notícia.

Em todas as editorias, os jornalistas tornam-se formadores de opinião, ou seja, o discurso midiático, muitas vezes, gera efeitos diretos na tomada de decisões do público. A angulação, por exemplo, é uma das estratégias de abordagem jornalística e se refere ao foco que os jornalistas dão para a elaboração de uma pauta, aprofundando ou não a discussão sobre um determinado tema. Além disso, a linguagem utilizada e as fontes escolhidas podem moldar a forma como uma realidade é construída e compreendida pela população.

Uma das editorias que costuma atrair o público é a de Polícia, conforme pode-se observar através do número de compartilhamentos, comentários e acessos nas redes sociais dos veículos de comunicação.<sup>1</sup> É possível notar que, frequentemente, os meios são tomados por notícias da área policial, as quais têm relação direta com a questão da segurança pública. Os meios jornalísticos apostam nessa editoria, cumprindo assim seu papel social, de fiscalizar os órgãos públicos e tornar evidente aquilo que não esteja de acordo com os direitos dos cidadãos, visando maior proteção aos cidadãos.

É em função desse “poder” que o Jornalismo tem, bem como da popularidade da editoria de Polícia, que esse trabalho busca entender o papel do Jornalismo na construção da imagem da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo. Para tanto, optou-se por investigar o conteúdo publicado pelo jornal Gazeta do Sul, que integra o Grupo Gazeta de Comunicações, composto por dois jornais, cinco emissoras de rádio, uma editora, uma fundação e um portal de notícias, e tem como foco a produção de conteúdo e informação para as comunidades do Vale do Rio Pardo e Centro-Serra.

---

<sup>1</sup> Esta informação é proveniente de observação exploratória, decorrente da rotina profissional.

Conforme pontua Reginato (2016), as notícias veiculadas em jornais e em outros meios de comunicação são propagadas pela voz pública. A autora também acredita que as notícias são capazes de provocar uma ação pública, além de contribuir para o debate público e fazer com que as pessoas tenham assunto entre si em uma roda de amigos. Nesta mesma linha, é possível dizer que o Jornalismo contribui na construção da imagem de pessoas e instituições, como a Brigada Militar (BM), por exemplo.

A BM é uma instituição que tem como valores a hierarquia e disciplina, ética, comprometimento e lealdade, proatividade, profissionalismo e excelência, legalidade, transparência e responsabilidade social<sup>2</sup>. Além disso, busca promover e preservar a segurança pública, valorizar o policial militar e a instituição, contribuir para uma melhor qualidade de vida de todos.

Diante do papel do Jornalismo e da importância da Brigada Militar no Rio Grande do Sul, este trabalho tem como principal objetivo entender como o Jornalismo, especificamente praticado pelo jornal Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul, contribui para a construção da imagem da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo. Entre os objetivos específicos está verificar como o Jornal Gazeta do Sul aborda a BM em seus conteúdos; entender a importância do Jornalismo para a construção do papel da Brigada Militar e sua relevância junto ao público; compreender qual a visão dos leitores da Gazeta do Sul sobre a BM e qual a visão da Brigada Militar acerca do trabalho realizado pelo jornal Gazeta do Sul.

O jornal Gazeta do Sul<sup>3</sup>, objeto de estudo deste trabalho, foi fundado em 26 de janeiro de 1945. É diário desde 1995, com edições de segunda a sexta-feira e conjunta de sábado e domingo. Com gráfica própria, o jornal chega a 30 municípios da região do Vale do Rio Pardo e Centro-Serra e especificamente em Santa Cruz do Sul, é entregue todos os dias em 14% dos imóveis do município.

Além disso, em função de ser o único diário em Santa Cruz do Sul - com tiragem de 9.800 exemplares por dia -, o mais antigo em circulação e por abordar com frequência notícias da área policial, tanto da cidade mencionada quanto de municípios vizinhos, tem potencial para interferir na construção da identidade da BM, motivo pelo qual será o veículo analisado. Devido ao seu tempo em circulação, fundado em 26 de janeiro de 1945, esse jornal foi durante muitos anos a principal fonte de informação de

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/negocio-missao-visao-e-valores>> Acesso em 15 de março de 2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www.gaz.com.br/conteudos/nos\\_somos\\_a\\_gazeta/](http://www.gaz.com.br/conteudos/nos_somos_a_gazeta/)> Acesso em 15 de março de 2020.

muitas pessoas – e talvez para algumas ainda seja –, conquistando a confiança dos leitores e credibilidade. Diante disso, carrega consigo a responsabilidade de moldar formas de pensar.

A escolha por entender essa relação do Jornalismo com a Brigada Militar ocorre justamente pela importância da BM como órgão de segurança, conhecida por ser força de segurança pública, assumindo a função do policiamento ostensivo e da preservação da ordem pública no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul. É interessante pontuar que a história desta instituição se confunde com a própria história do Estado do Rio Grande do Sul, conforme abordaremos no referencial teórico.

É possível perceber nas conversas informais com cidadãos que atuam em diferentes áreas e têm perfis socioeconômicos bastante distintos, o quanto o Jornalismo pode contribuir para que as pessoas criem uma determinada imagem da Brigada Militar – observação exploratória que instigou a realização desta pesquisa científica. Conforme o jornalista aborda um tema e o tom que ele dá à notícia, o leitor, ouvinte ou telespectador, por exemplo, faz uma interpretação que pode ser positiva ou negativa acerca desta instituição.

Pelos motivos postos, acredita-se que identificar como o Jornalismo praticado pela Gazeta do Sul, um veículo de comunicação tradicional, único diário em Santa Cruz do Sul, e com muita história, ajuda a construir a imagem da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo torna-se relevante em termos sociais e também acadêmicos.

Como metodologia, optou-se pela pesquisa de caráter qualitativo. Silveira (2009) explica que são características da pesquisa qualitativa a objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno, entre outras. Além disso, tem uma preocupação com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, por isso foca na compreensão e explicação das relações sociais.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, inicialmente foram realizadas pesquisas bibliográficas e documental, para compreender o trabalho da Brigada Militar e sua importância, além de descrever o seu histórico, bem como o da Gazeta Grupo de Comunicações. No âmbito teórico, buscou-se entender o papel do Jornalismo como produtor de sentido e construtor de realidade(s) e/ou imagem(ns). Além disso, esta pesquisa também fez uso da técnica de entrevista, aplicada com profissionais da Gazeta do Sul e da BM, pesquisa documental, análise de conteúdo e grupo focal, realizado com um grupo de 12 pessoas.

A estrutura da monografia está organizada da seguinte forma: no capítulo 2 fala-se sobre a Brigada Militar, funções e história da instituição, a partir de autores como Simões (2002), Rocha (1987), Reis (2017). Também nesse capítulo foi abordado o contexto da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo e sua história na região por meio de informações do site oficial da Brigada Militar e de Linhares (1970). Foi tema do capítulo ainda o conceito de imagem de um grupo ou instituição (CALAZADS, 2003; REIS, 2017). No capítulo 3 aborda-se o papel do Jornalismo, com Reginato (2016), Traquina (1999), Chaparro (2001), Bucci (2000), Fonseca (2008), Sousa (2001), Fausto Neto (2009), Benneti e Storch (2011), Charaudeau (2006). O capítulo 3 também destaca o tema segurança pública a partir de Albernaz e Caldeirinha (2009), Batista (2007), Porto (2009), Marques e Veloso (2014), além do Jornalismo como construtor de imagem(ns), através de Hall (2006), Simonetti Júnior (2010), Batista (2007), Albernaz e Caldeirinha (2009) e Karam (2004). Já no capítulo 4 aborda-se a metodologia utilizada para a construção desse trabalho; no capítulo 5 apresentam-se os dados e a análise e, por fim, no capítulo 6 são apontadas as considerações finais.

## 2 BRIGADA MILITAR: FUNÇÕES E HISTÓRIA

Antes de conhecer a instituição Brigada Militar, é preciso compreender a sua origem e importância para a sociedade. Além disso, conhecer um pouco da história e saber qual o papel da instituição é fundamental para a compreensão dos comportamentos dos policiais e entendimento do porquê da sua existência. A Polícia Militar existe em todo o país, mas no Rio Grande do Sul recebe a denominação de Brigada Militar. O trabalho desenvolvido pela BM, por exemplo, tem as mesmas atribuições da Polícia Militar.

Simões (2002) explica de que maneira surgiu a Polícia Militar brasileira. Com a vinda da Família Real para o Brasil, o país passou a ter mais autonomia, o que fez o ciclo colonial transformar-se de forma rápida até a extinção. Em função dessa nova perspectiva da vida nacional, ocorreu a implantação do sistema de polícia da Corte, o que representou o surgimento das polícias militares no Brasil, tratando-se do ponto de vista legal. Deste modo, depreendemos que o período colonial contribuiu para a formação da mescla primitiva da origem da nação brasileira que compartilhou as nações militares.

Como força militar, por sua vez, a Brigada Militar tem o seu contexto inserido na consolidação republicana do Rio Grande do Sul no fim do século XIX (SIMÕES, 2002). Rocha (1987) assinala que a deterioração do poder imperial em função do contínuo confronto com as manifestações de aspiração teve como consequência a Proclamação da República, no dia 15 de novembro de 1889. Em São Paulo, desde o Manifesto Republicano em 1870, a ideia de República - ou seja, regime no qual os governantes do estado são escolhidos através de eleições diretas ou indiretas - foi se fortalecendo. O manifesto condenava a monarquia constitucional e julgava a hereditariedade. No Rio Grande do Sul, o espírito liberal foi renovado depois deste manifesto, o que fez ser fundada a Revolução Farroupilha, que estava na origem das lutas políticas pela República.

Rocha (1987) ressalta que com o auge da campanha abolicionista a partir do ano de 1887 e a intensificação da questão militar, a propaganda republicana não deu mais trégua. Além disso, com a Proclamação da República no dia 15 de novembro de 1889, Marechal Deodoro assumiu a presidência de forma provisória. Na mesma data, passaram a exercer o papel de governadores do Rio Grande do Sul Marechal José Antônio Corrêa da Câmara e Visconde de Pelotas. Foi inaugurado, desta forma, o

período de consolidação da República, que, no Rio Grande do Sul, foi marcado por lutas políticas entre republicanos históricos e liberais – período que se manteve até 1895.

O início da República desencadeou uma transformação no sistema político-administrativo do país, fazendo- com que se apagassem os vestígios da monarquia. Em relação à segurança pública, foram realizadas transformações na polícia, na Guarda Nacional e na Força Policial. Conforme Rocha (1987), essas transformações consistiam no fato de que os Governos dos Estados deveriam adotar determinadas medidas para que fosse possível manter a segurança pública, defesa e garantia da liberdade e dos direitos dos cidadãos. Os Governos Estaduais também poderiam organizar uma Guarda Cívica destinada ao policiamento do seu território. Diante disso, foi extinta a Força Policial do Rio Grande do Sul, a qual recebeu o nome de Guarda Cívica.

Nesse caso, o comandante seria uma pessoa de grande confiança do presidente do Estado e a nomeação dos ocupantes dos cargos de oficiais seria feita pelo presidente, com a indicação do comandante-geral. A Guarda Cívica tinha o papel de manter a tranquilidade pública e auxiliar a justiça; teve ao todo 15 comandantes.

Embora a missão fosse praticamente a mesma da Força Policial, a diferença estava no fato de que a Guarda permitia englobar uma variedade de ações, aumentando também o efetivo. Contudo, a Constituição fez surgir novidades para a força pública, havendo uma separação entre as atividades da mesma e das guardas policiais dos municípios. A força pública tinha como objetivo manter a ordem e a integridade do território, deixando a força policial à disposição do presidente. Já as guardas municipais ficavam sob o comando do delegado de polícia de cada localidade. Assim, após 18 meses do novo regime, a Guarda Cívica foi afastada da atividade policial e direcionada para ações de caráter militar, o que fez surgir o embrião da força militar no estado do Rio Grande do Sul (ROCHA, 1987).

O novo presidente do país, Marechal Deodoro da Fonseca, transformou a Guarda Cívica em 28 de março de 1892 em Corpo Policial, com uma estrutura tipicamente militar. Isso porque as quatro seções foram transformadas em um batalhão de infantaria e em um regimento de cavalaria.

O Corpo Policial foi importante para que ocorresse o contragolpe que devolveu o governo constitucional ao poder. Foi em 15 de outubro de 1892 que o doutor Fernando Abbott, Presidente do Estado em exercício e Secretário dos Negócios do Interior e Exterior na época, criou a Brigada Militar no Rio Grande do Sul e extinguiu a

Guarda Cívica. Diante disso, a força estadual passou a ser formada por dois batalhões de infantaria, um regimento de cavalaria, além de três corpos de reserva (ROCHA, 1987).

Pode-se dizer, então, que a Brigada Militar substituiu a Guarda Cívica para se tornar a força mantenedora do regime republicano federalista, ou seja, o regime onde há grande autonomia para todas as províncias que fazem parte da federação. A Força Policial (corporação policial) foi transformada por acontecimentos políticos na Guarda Cívica (corporação militarizada). Porém, o desejo de consolidar o regime adotado pelo Brasil fez com que houvesse a substituição da Guarda Cívica.

Logo após a Proclamação da República, isto é, na última década do século XIX, os vários corpos de polícia foram unificados em cada estado, formando uma única força pública, mesmo com denominação diferente, como exemplo da Brigada Militar, no Rio Grande do Sul. Entre 1945 e 1964, as Polícias Militares deixaram arquivadas suas pretensões a exército regional, voltando-se progressivamente às tarefas policiais comuns. Houve um período da redemocratização, quando as duas polícias retornaram às suas atividades originais. (REIS, 2017, p.24).

O *site* institucional da Brigada Militar do Governo do Estado do Rio Grande do Sul também traz algumas informações sobre a história da instituição<sup>4</sup>. Em 1837 a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul encontrava-se em uma situação conturbada devido à ação dos farroupilhas. Em função disso, o presidente Antonio Elzeário de Miranda e Britto criou a Lei Provincial nº 7, em 18 de novembro de 1837. Sendo assim, teve origem a Força Policial da Província, com o efetivo de 19 oficiais e 344 praças. O principal objetivo era auxiliar na justiça, manter a ordem e a segurança pública na capital, nos subúrbios e nas comarcas.

No entanto, a regulamentação dessa lei apenas aconteceu no dia 5 de maio de 1841, quando entrou em vigor o Regulamento do Corpo Policial. Após sua regulamentação, ocorreu a nomeação dos primeiros oficiais. O Corpo Policial iniciou suas atividades no dia 14 de julho de 1841, sob o comando do tenente-coronel do Exército Quintiliano José de Moura, na época, chefe de polícia em Porto Alegre.

Em 1893 ocorreu a primeira atuação da Brigada Militar Gaúcha. O trabalho foi realizado na Revolução Federalista que iniciou no Rio Grande do Sul, mas também aconteceu no Paraná e em Santa Catarina. As ameaças de invasão ao Rio Grande do Sul pelos federalistas, a partir do Uruguai, fez com que fossem criados pelo Governo 17 corpos provisórios e um esquadrão de cavalaria, civis que ficaram subordinados à Brigada Militar.

---

<sup>4</sup>Disponível em: <<https://brigadamilitar.rs.gov.br/historia>>. Acesso em 26 de setembro de 2020.



A Brigada Militar, como força militar do Rio Grande do Sul originou-se de sucessivas transformações intimamente engajada à Proclamação da República. Deixou de ser Força Policial da Província, existente desde 1837 para ser a Guarda Cívica republicana. E, logo em seguida, face à necessidade de manter o regime instituído, foi transformada em força militar. Conclui-se daí que o “exército sul-rio-grandense” foi consequência da evolução política brasileira e atendeu não só a interesses gaúchos, mas principalmente, interesses da própria República Brasileira. (ROCHA, 1987, p.37).

Em 24 de maio de 1917 foi assinado um acordo entre o presidente do Rio Grande do Sul, Ministro da Guerra e o Comandante da Brigada Militar e a partir dessa data a Brigada Gaúcha passou a atuar como força auxiliar do Exército e considerada organização permanente.

A Brigada Militar, durante a República Velha, escreveu sua história como força militar participando de quase todos os conflitos armados ocorridos no país. Defrontou-se com os liberais e federalistas em 93, com os libertadores em 23, com os revoltosos paulistas em 24, com os Tenentistas e a coluna Prestes de 24 a 26. Participou da revolução de 30 e 32. (ROCHA, 1987, p.48).

Conforme o Estatuto da Brigada Militar (2009), a BM foi instituída com o intuito de preservar a ordem pública no Rio Grande do Sul e é considerada Força Auxiliar, reserva do Exército Brasileiro. Além disso, trata-se de uma instituição regular, organizada por meio de uma hierarquia e disciplina, tendo como autoridade o Governo do Estado e sendo composta por uma categoria especial de servidores públicos estaduais que recebem o nome de servidores militares.

A carreira de policial militar inicia com o ingresso na Brigada Militar e tem como intuito obedecer uma hierarquia. O ingresso na instituição se dá por meio de concurso público e pode ser feito por todos os brasileiros, sem distinção de raça, sexo ou de crença religiosa. No entanto, existem algumas regras para que seja possível tornar-se um policial militar: ser brasileiro(a), estar em dia com as obrigações eleitorais e militares, ter boa conduta pública e privada, não estar respondendo a processo criminal, não ter sido isento do serviço militar devido a algum problema de saúde, além de obter a aprovação nos exames do curso, como os físicos, psicológicos, médicos, intelectual.

A hierarquia e a disciplina militares são a base institucional da Brigada Militar. A hierarquia militar é a ordenação da autoridade em níveis diferentes, dentro da estrutura da corporação, sendo que a ordenação se faz por postos ou graduações e, dentro de um mesmo posto ou de uma mesma graduação, se faz pela antiguidade no posto ou graduação, consubstanciada no espírito de acatamento à sequência de autoridade. A disciplina militar é a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o organismo policial militar e coordenam o seu funcionamento regular e harmônico, traduzindo-se pelo cumprimento do

dever por parte de todos e de cada um dos seus componentes. (ESTATUTO DA BRIGADA MILITAR, 2009, p.7).

Quando uma pessoa ingressa na Brigada Militar, ela tem alguns compromissos estabelecidos. Entre eles, precisa prometer regular a própria conduta levando em conta os preceitos morais, cumprir à risca as ordens das autoridades às quais estiver subordinada, além de ter que se dedicar inteiramente ao serviço militar, à manutenção da ordem pública e à segurança da comunidade, mesmo com o risco da própria vida. Na Brigada Militar, a subordinação decorre apenas de uma estrutura hierárquica e isso não interfere, de forma alguma, na dignidade pessoal do servidor militar.

Conforme Reis (2017), dez anos depois de ter ocorrido o processo de redemocratização, a polícia passou a deixar de lado as tarefas de repressão política. O trabalho então voltou-se à nova realidade social, quando manter a segurança da sociedade tornou-se o foco principal.

## **2.1 A Brigada Militar no Vale do Rio Pardo**

Cada região apresenta características distintas. Enquanto algumas são mais violentas, outras registram um percentual menor de criminalidade. Para entender melhor o trabalho da Brigada Militar do Vale do Rio Pardo, a principal região na qual o Jornalismo da Gazeta do Sul é focado, é preciso compreender de que forma a instituição se divide e como deu-se o seu surgimento.

Não é possível abordar o início do trabalho da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo sem citar o 2º Batalhão de Polícia Ostensiva, localizado na cidade de Rio Pardo, considerado uma unidade histórica da instituição, local onde o primeiro batalhão na região foi instalado no ano de 1970.

De acordo com Linhares (1970), a solicitação do Quartel da Escola Militar de Tiro em Rio Pardo, por exemplo, ocorreu por parte da Irmandade Senhor dos Passos para a Caridade (1848/1880). Tal pedido resultou na cedência de um edifício, no ano de 1881, ao Governo Imperial para que fosse instalada a Escola Militar de Tiro. Mais tarde, em 1897, foi cedido ao Governo Imperial para a instalação da Escola Militar Preparatória e de Tática, que continuou sendo sede de forças federais até 1929.

A inauguração do 2º Batalhão de Polícia Militar ocorreu no dia 18 de abril de 1970, sendo instalado no local onde foi sediada anteriormente a Associação Rural, com abrangência de 29 municípios. Após nova reestruturação, o 2º Batalhão de Polícia

Militar passou a ter responsabilidade sobre os municípios de Pantano Grande e Encruzilhada do Sul e, em 2011, o município de Amaral Ferrador. Após deixar a instalação em Santa Maria, o batalhão foi fundado em Rio Pardo (LINHARES, 1970).

Já no dia 15 de fevereiro de 1982, o 2º Batalhão de Polícia Militar foi organizado, recebendo a denominação de 2º Batalhão de Infantaria, que conservou até a reorganização da Brigada Militar, em 1936. O primeiro comandante do batalhão foi o tenente coronel Cipriano da Costa Ferreira que, mais tarde, também assumiu o Comando Geral da Brigada Militar.

Com o surgimento da Revolução Federalista, o batalhão entrou em ação, seguindo para Caçapava em fevereiro de 1893. O objetivo do trabalho era lutar contra forças rebeldes que ocupavam a cidade. A revolução foi considerada uma das mais violentas e sangrentas no Sul do país. Teve início em 1893 e término em 1895 e ocorreu durante o governo de Floriano Peixoto, no período denominado “República da Espada”. Trata-se de uma guerra civil gaúcha que foi disputada entre os federalistas (maragatos) e os republicanos (pica-paus). Durante o movimento, os maragatos tentaram tomar a cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, em função da posição estratégica, espalhando-se por outros estados da região Sul, como, por exemplo, Santa Catarina e Paraná, (LINHARES, 1970).

Antes de ser inaugurado em Rio Pardo, o batalhão passou por outras cidades. Vale destacar que em meio às mudanças, em 1953, o batalhão, com sede em Porto Alegre, foi transferido para Santa Maria, onde permaneceu instalado por 17 anos. Mas graças a um esforço comunitário teve a nova sede construída em Rio Pardo.

Ainda na administração do prefeito Sr. Azul Cintra, por ocasião da proposta orçamentária para 1969, já se notava o propósito de ser possibilitada a vinda de uma unidade militar para Rio Pardo, reflexo de antiga aspiração da Cidade Histórica. Dada a deliberação da Brigada Militar do Estado, de transferir de Santa Maria para outra localidade o 2º Batalhão de Polícia Militar, abria-se uma perspectiva promissora e a Administração Municipal, desde logo, iniciou démarches, com a cobertura do Legislativo local e o apoio das forças vivas da comunidade riopardense. (LINHARES, 1970, p.43)

Mais tarde, após o surgimento do primeiro quartel da Brigada Militar na região do Vale do Rio Pardo, formou-se o Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo. Conforme consta no site oficial da Brigada Militar<sup>5</sup>, o Comando Regional foi criado no dia 8 de junho de 1998. Além disso, é dividido em três batalhões, sendo o 2º

---

<sup>5</sup>Disponível em: <<https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/sobre-o-crpo-vrp>> Acesso em 13 de setembro de 2020.

Batalhão de Polícia Militar com sede em Rio Pardo, que abrange os municípios de Rio Pardo, Amaral Ferrador, Pantano Grande e Encruzilhada do Sul— cuja história foi contada neste capítulo. Também existe o 23º BPM, que abrange os municípios de Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vera Cruz, Venâncio Aires, Mato Leitão, General Câmara, Vale Verde, Passo do Sobrado, Barros Cassal, Gramado Xavier, Boqueirão do Leão, Candelária, Vale do Sol, Herveiras, Sobradinho, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Passa Sete, Segredo, Lagoão, Arroio do Tigre, Tunas e Estrela Velha. E, por fim, o 35º BPM, que integra os municípios de Cachoeira do Sul, Paraíso do Sul, Cerro Branco e Novo Cabrais. No total, possui uma responsabilidade territorial de mais de meio milhão de habitantes, segundo o site oficial da Brigada Militar.

O Comando Regional foi de fato instalado no dia 30 de junho de 1998 e até hoje está situado na Rua 28 de Outubro, número 143, em Santa Cruz do Sul, tendo como comandante regional atualmente o coronel Valmir José dos Reis. O trabalho é voltado à filosofia de Polícia Comunitária, sendo extremamente importante a participação da sociedade para a resolução dos problemas da segurança pública.

Quanto ao 23º BPM, Batalhão que contempla o maior número de cidades, foi criado em 21 de agosto de 2002 através de portaria do Comandante Geral da Brigada Militar, Coronel Gerson Nunes Pereira. Foi no dia 22 de abril de 2003 que o major Cláudio Mattanna assumiu o comando do Batalhão constituído por uma Assessoria de Efetivo e Logística e uma Assessoria de Inteligência e Operações, duas Companhias com dois Pelotões cada uma e um Pelotão de Operações Especiais (POE). As evoluções continuaram e, em 23 de maio de 2012, foi inaugurada no Batalhão a Sala de Gestão Operacional, Videomonitoramento e GPS, com o intuito de aumentar a segurança da sociedade. Trata-se de uma central única de despacho e atendimento de ocorrências urgentes ou emergenciais, com atuação regional, vinculada à Secretaria de Segurança Pública (SSP).

Um Termo de Cooperação entre a Prefeitura de Santa Cruz do Sul e a Brigada Militar foi firmado em 9 de junho de 2014 para a implementação do sistema de videomonitoramento, passando de Sala de Gestão Operacional para Centro Integrado de Operações e Emergenciais. Nesse caso, no local trabalham em conjunto com a Brigada Militar, a Polícia Federal, Guarda Municipal, Fiscalização de Trânsito e a Polícia Civil, com o objetivo de unir forças e estabelecer estratégias melhores para manutenção da segurança pública.

No dia 13 de dezembro de 2018, o 23º Batalhão de Polícia Militar, que estava localizado na Rua 28 de Outubro, junto ao Comando Regional, passou a ser instalado na Rua Galvão Costa. Atualmente, o 23º BPM está dividido em cinco Companhias, sendo uma na sede do Batalhão, em Santa Cruz do Sul; uma localizada no Centro Integrado de Segurança Pública (CISP), no bairro Arroio Grande; uma em Venâncio Aires (3ª Companhia, localizada no Bairro Centro); uma em Candelária (4ª Companhia, Bairro Nova Germânia) e uma em Sobradinho (5ª Companhia, Bairro Centro, abrangendo vinte e três municípios do Vale do Rio Pardo).

Em relação ao 35º Batalhão de Polícia Militar, segundo o site oficial da instituição,<sup>6</sup> o mesmo foi instalado em Cachoeira do Sul no dia 20 de agosto de 2002. Atualmente está situado no Bairro Santa Helena. Sua origem remete a 20 de setembro de 1909, quando, no referido município, foi instalado o primeiro Grupamento de Polícia Militar. Após, em função do destaque que recebeu, passou para a condição de 2ª Companhia do 2º Batalhão de Rio Pardo, onde estava em operação junto à Prefeitura Municipal de Cachoeira do Sul.

Ainda conforme o site oficial da Brigada Militar, nos dias de hoje o 35º Batalhão de Polícia Militar é composto por cinco Unidades Operacionais subordinadas. A 1ª Companhia tem como função realizar o policiamento ostensivo nas ruas, além de contar com duas patrulhas escolares. A 2ª Companhia, conta com duas Patrulhas Comunitárias do Interior que têm um trabalho voltado ao combate de abigeato, roubos e ocorrências de risco e Força Tática, atuando no policiamento extraordinário. Também existe o 3º GPM (Cerro Branco), 4º GPM (Paraíso do Sul) e 5º GPM (Novo Cabrais), que trabalham na manutenção da segurança pública nos municípios que integram o território.

## **2.2 A imagem de um grupo ou instituição**

A Brigada Militar é uma instituição que preza por determinados valores e à medida que ocorrem mudanças na área da segurança pública, o trabalho da BM também é adaptado.

Quando não há a autoridade simbólica, o acesso ao objeto, à identidade, dá-se pela violação e apreensão, desta forma, podemos pensar que a autoridade policial militar não é fundada no exercício de uma violência real, na exibição de um poder real e na produção de uma violência real. [...] Em nossa sociedade determinadas características comuns são causas do aprisionamento da pessoa, muito mais do que a conduta desta. Elas fazem parte do

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/35bpm>. Acesso em 26 de setembro de 2020.

estereótipo, sem estereótipo não há intervenção do sistema penal. Desta forma, o trabalho policial está interseccionado nesta demanda. (CALAZANDS, 2003, p. 30-31).

Conforme Calazands (2003), atualmente a polícia militar é considerada uma instituição pública que tem como o dever manter a segurança pública, tendo que obedecer a uma hierarquia e disciplina. Levando-se em conta os termos constitucionais, é possível dizer que a Polícia Militar brasileira faz parte do Sistema de Segurança Pública, tendo como dever manter defender a população e o patrimônio mediante o trabalho de policiamento ostensivo.

A Brigada Militar constitui-se num espaço secularmente masculino, regulado por normas e sistemas de hierarquias, assim como por escalas de valores e disciplinarização, características herdadas do modelo militar. Porém, essa instituição tem passado por algumas mudanças, tanto no seu modo de atuação (modelo de polícia) quanto em relação ao aspecto da inserção feminina em suas atividades (no ano de 1986).(CALAZANDS, 2003, p.46).

Segundo Calazands (2003), a identidade socioprofissional do policial está relacionada à questão dos valores do trabalho baseado no cumprimento de determinadas prescrições. No Estatuto da Brigada Militar (2009) constam algumas regras que devem ser cumpridas pelos policiais para a construção de uma identidade positiva. O não cumprimento dessas regras pode fazer com que o policial seja punido. As tarefas policiais são exercidas sob um comando que tem relação com um grau hierárquico.

Para desenvolverem o trabalho da melhor forma possível, o que contribui para a construção de uma imagem positiva da Brigada Militar, os policiais passam por treinamentos e instruções que são estruturados de acordo com a realidade de cada região. A essência do sistema disciplinar do policial militar sempre teve como uma das características o funcionamento do sistema penal, conforme o que consta no Estatuto da Brigada Militar (2009). Negligências, atrasos ou desobediências acarretam punições que têm, entre tantas outras consequências, uma maior demora para se aposentar e dificuldade para se obter um cargo de oficial.

A partir de uma perspectiva coletiva, conforme o site oficial da Brigada Militar <sup>7</sup> do Rio Grande do Sul, a instituição tem como ponto estratégico a paz social, com tranquilidade e segurança pública, e a missão de proteger a sociedade, contribuindo, desta forma, para que as pessoas tenham qualidade de vida e o Estado se desenvolva.

---

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://www.bm.rs.gov.br/negocio-missao-visao-e-valores>> Acesso em 13 de setembro de 2020

Já a principal imagem que a Brigada Militar deseja ter é ser referência em polícia ostensiva, sendo valorizada e reconhecida pelas pessoas como uma instituição moderna, profissional e efetiva, de maneira que se exerça da melhor forma possível as atividades policiais para proteção de cada ser humano, conforme o que consta no site oficial da instituição. No que se refere aos valores prezados pela Brigada Militar, estão a hierarquia, disciplina, ética, comprometimento, lealdade, proatividade, profissionalismo, excelência, legalidade, transparência e responsabilidade social.

O comandante do Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo, coronel José Valmir dos Reis, de acordo com informações publicadas no site da Brigada Militar<sup>8</sup>, acredita que existem alguns aspectos que caracterizam a atuação da BM na região, sendo a tecnologia somada à segurança pública, efetivo que realiza um trabalho focado no serviço policial, além da região ter uma equipe de inteligência policial aliada ao policiamento ostensivo e a intensificação de ações de polícia ostensiva no interior, através das Patrulhas Comunitárias do Interior (PCIs). O trabalho das PCIs consiste na realização de visitas nas residências do interior. Com isso, o policial estabelece um vínculo com a comunidade e uma maior aproximação da sociedade. Além disso, por meio de tais ações, a Brigada Militar tem conhecimento sobre as principais demandas das comunidades no que se refere à segurança pública.

O coronel Reis (2017) explica que de nada adianta a imposição de leis se não houver a aplicação e para que sejam cumpridas de fato é preciso de uma fiscalização, momento em que se destaca o trabalho da polícia. Ele ainda pontua que, pelo fato do trabalho da polícia estar diretamente ligado com a prática de crimes, desentendimentos e tragédias, muitas vezes a instituição é vista com uma imagem negativa. Além disso, essa imagem é criada porque a Brigada Militar acaba sendo acionada apenas quando algo ruim acontece. Contudo, conforme o coronel Reis, também comandante do Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo, o trabalho da BM é voltado a atender as necessidades e expectativas da sociedade, de maneira que sejam evitados os conflitos na sociedade.

Nesse contexto, não se deve adotar uma postura conformista de que a imagem da polícia, essencialmente, é negativa. Deve ser clara a ideia de que a importância da polícia suplanta todo esse conteúdo negativo. O que evidencia essa afirmativa é o fato de a polícia ser o único órgão presente em todos os locais, durante as 24 horas do dia e todos os dias da semana, podendo ser rapidamente acionada por um simples aceno de mão ou um

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/sobre-o-crpo-vrp>. Acesso em 26 de setembro de 2020.

telefonema para o número do serviço que sequer é cobrado. (REIS, 2017, p. 36-37).

O autor também acredita que é preciso desmistificar a sensação negativa que as pessoas criam. Para Reis (2017), as formas de fazer as pessoas construírem uma imagem positiva da Brigada Militar está no investimento na profissionalização dos recursos humanos, ou seja, apostar na qualificação dos policiais para que sejam diminuídos os erros no exercício da atividade policial. Além disso, acredita ser interessante uma aproximação maior com as mídias para divulgação das ações positivas de polícia, levando também à sociedade uma verdadeira noção do que é o trabalho de um policial.

Segundo ele, é através do exercício da polícia comunitária que também é possível construir uma imagem positiva da BM. A comunidade tem um papel importante na tentativa de controle da criminalidade, isso porque pode participar de programas de prevenção, informar a polícia sobre qualquer movimentação diferente na própria comunidade, levar as demandas à instituição no que se refere à segurança pública.

Para que a sociedade tenha uma polícia eficiente, também precisa colaborar e a comunidade deve adotar uma posição unificada contra a criminalidade, violência e desrespeito à lei. Conforme Reis (2017), a sociedade desejar ter uma sensação de segurança e bem-estar e, em meio a esse contexto, a polícia comunitária tem se mostrado eficaz e eficiente.

Segundo Reis (2017), no policiamento ostensivo tradicional, o policial não costuma ser conhecido da comunidade, porque realiza patrulhamento em carros após os chamados por meio do 190. No entanto, existem as Patrulhas Comunitárias do Interior que estabelecem uma maior aproximação da comunidade. Ou seja, diariamente policiais se deslocam até as residências do interior, conversam com moradores, estabelecendo uma maior aproximação e um vínculo positivo.



### 3 O PAPEL DO JORNALISMO

Quando se propõe realizar uma pesquisa científica em Jornalismo torna-se fundamental entender qual de fato é o seu papel. É certo que os avanços tecnológicos trouxeram uma série de mudanças ao fazer jornalístico e ao modo como as pessoas consomem informações, o que incita reflexões a respeito da função do Jornalismo. Segundo Reginato (2016), a voz pública é capaz de propagar as notícias veiculadas em jornais e em outros meios de comunicação; já Traquina (1999), assinala que o jornalista é um porta-voz da opinião pública, capaz de dar expressão às diferentes vozes. Diante disso, os leitores conseguem satisfazer sua curiosidade, agregar conhecimento e, não raras vezes, compartilhar em uma roda de amigos. Além do mais, Traquina (1999) defende que as notícias não apenas exercem o papel de motivar o debate público, mas também de provocar uma ação pública que depende de iniciativa do Ministério Público e outros órgãos da justiça (MP) e sempre se inicia por meio da denúncia, considerada peça inicial do processo. As denúncias podem ser feitas a um veículo de comunicação que então noticia o acontecimento, ouve o MP e o instiga a tomar alguma providência.

O sociólogo Max Weber estudou em 1910 a Sociologia da Imprensa e entendeu que ela desempenha um papel na formação da opinião pública, em especial por publicizar determinados temas e questões. Weber relaciona, então, a função do jornal com a expectativa do público, o que pode se modificar conforme o contexto. Diante disso, o público, de certa forma, espera de um veículo de comunicação esclarecimentos e informações sobre alguns fatos – o que é uma das finalidades do Jornalismo, de acordo com Bucci (2000). Para ele, o papel desta profissão é justamente de informar, esclarecer, abrir para o público o acesso à informação, à educação e ao conhecimento, guardando uma distância crítica em relação ao senso comum.

Conforme Chaparro (2001), o papel que o Jornalismo deveria cumprir – e que teria deixado de cumprir ou estaria cumprindo mal – é investigar, para que assim possa estabelecer sentidos intelectualmente honestos ao que acontece e é relatado. Além do mais, pontua o autor, o Jornalismo tem um caráter social específico de produzir conteúdos que reforcem formas de a sociedade vivenciar o tempo presente e, assim, pode-se dizer que registra a História enquanto ela acontece.

Peucer (2004) destaca que os profissionais do Jornalismo precisam ter capacidade de julgamento, no sentido de verificarem o que de fato pode fazer a diferença na vida do leitor, ouvinte ou telespectador. Contudo, as pessoas sentem a

necessidade de se manterem informadas e também exercem papel importante no processo de informação.

Para Fonseca (2008), discutir o papel do Jornalismo compete não apenas a jornalistas e pesquisadores, mas às pessoas de uma forma geral, já que as indústrias culturais contemporâneas ocupam espaço no processo de informar e de formar uma opinião pública. Os jornalistas apostam na publicação de conteúdos que acreditam ser o que os leitores, ouvintes, internautas ou telespectadores desejam consumir. Buscar entender o que o público quer ver e se ele irá entender tem relação com a construção de uma ideia de leitor:

O Jornalismo, desde uma perspectiva discursiva, organiza-se a partir de uma enunciação que considera a relação com o outro. Por mais que o jornalista, de forma geral, não tenha contato com o público e não receba sua influência de forma direta, os movimentos de construção do discurso estão intrinsecamente ligados ao que os jornalistas imaginam serem as expectativas dos leitores. Dessa forma, questões como o que o público quer ver? e será que o leitor vai entender? são parte do processo de construção de uma ideia de leitor. (BENNETI; STORCH, 2010, p.207).

Reginato (2016) tenciona, dizendo que embora muitos autores defendam que o papel do Jornalismo é informar, é preciso problematizar e se questionar: que informação é essa? Ela defende que a finalidade do Jornalismo seja informar de modo qualificado, sendo necessário, para tanto, saber a diferença entre informação e conteúdo de informação jornalística. A informação, como o próprio nome já diz, vem somente acompanhada do fato, do acontecido, do que alguém já viu, enquanto uma informação jornalística é algo apurado por profissionais que verificaram a veracidade do fato. Nesse cenário, a qualidade da informação é fundamental e deve atender preceitos como: ser atual, plural, verificada, relevante, correta, contextualizada, bem redigida, ampliar o conhecimento sobre algum tema específico e sobre o mundo para que assim seja dado sentido aos acontecimentos. (REGINATO, 2016).

Para além das questões técnicas que envolvem a prática jornalística, Breed (1999) explica que informar as pessoas sobre assuntos da atualidade é uma necessidade prática e democrática de uma imprensa livre e responsável. Nesta mesma linha, Sousa (2001) defende que o Jornalismo é uma forma de comunicação em sociedade e que nos estados democráticos de direito, sua principal função é manter um sistema de vigilância e de controle dos poderes. Para o autor, os salários, os recursos, as fontes usadas, as rotinas de trabalho também contribuem para que se estabeleça diferenças na prática jornalista no que se refere aos conteúdos, na forma de contar as histórias e de debater as problemáticas.

É óbvio que o Jornalismo não está unicamente relacionando com a vigilância dos agentes de poder. O Jornalismo deve ser comunicação útil. Informar, jornalisticamente falando, também significa noticiar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes, estejam ou não relacionados com a ação dos agentes de poder. Os acidentes, os casos de polícia, o desporto, a moda, o patrimônio natural e histórico, as notícias do estrangeiro, o comportamento da bolsa, a informação de serviços, os testes comparativos para ajudar o consumidor a fazer as melhores escolhas são alguns dos muitos exemplos de temáticas abordadas pela imprensa jornalística. (SOUZA, 2001, p. 13).

Para Sousa (2001), informar significa trazer para o espaço público os assuntos socialmente relevantes que poderiam passar despercebidos. Ele também cita que um jornal pode contribuir para a formação dos seus leitores ao informar sobre diferentes temas. A linha editorial do veículo é que vai nortear como este conteúdo noticioso será trabalhado e outros critérios de noticiabilidade também podem interferir, como disponibilidade de equipamentos e de pessoal, espaço disponível para publicação, dentre outros.

Kunczik (1997) concorda com a afirmação de Souza (2001) de que existem diferentes formas de fazer Jornalismo, isso porque o que se produz em uma imprensa regional e local é diferente do que se faz em veículos de comunicação maiores. Além disso, para Kunczik (1997) há uma diferença considerável entre repórteres locais, jornalistas de agências de notícias, correspondentes estrangeiros, chefes de redação ou porta-vozes patronais que se responsabilizam pelo trabalho de relações públicas de uma organização.

Com frequência os meios de comunicação são vistos como sistemas sócio-técnicos que têm intercâmbio contínuo e dinâmico com o ambiente, em que sócio-técnico se refere à dependência mútua dos aspectos técnicos sociais. Entre os componentes principais de uma organização que produz mensagens em massa encontram-se os receptores não-organizados – leitores, ouvintes de rádio, telespectadores -, que são relativamente impotentes e não têm influência sobre os meios de comunicação. (KUNCZIK, 1997, p.17-18).

Não se pode descartar a afirmação de que para algumas pessoas, a realidade apresentada pelos veículos jornalísticos é tida como algo não questionado. No caso de quem não têm acesso a outras ferramentas que permitam ampliar o conhecimento, muitas vezes o que lhes é ofertado é considerado uma realidade única e verdadeira.

Traquina (1999) destaca que a informação jornalística é capaz de produzir sentido, além de um conhecimento que vai agregar, questionar ou negar a relação e comportamento que alguém mantém em um espaço com mais indivíduos. O jornalista, por sua vez, seleciona apenas uma parte da realidade para construir narrativas, omitindo

outras. Além do mais, é fundamental considerar que as pessoas têm percepções distintas sobre a realidade, produzindo diferentes sentidos de acordo com o que é anunciado, selecionado e divulgado pelos jornalistas.

Selecionar alguns elementos da realidade e omitir outros nem sempre é sinônimo de manipulação. Há casos em que este recorte não se dá de forma intencional, mas sim por algum contratempo nas rotinas produtivas. Kunczik (1997) explica que selecionar notícias significa restringir o volume de informações e essa seleção é feita por jornalistas que avaliam o que deve ou não ser publicado. “Os porteiros decidem quais os acontecimentos serão divulgados e quais não serão, contribuindo assim para moldar a imagem que o receptor tem de sua sociedade e de seu mundo.” (KUNCZIK, 1997, p.237).

O receptor, aliás, é peça fundamental a ser considerada quando se fala nas funções do Jornalismo. Não se pode esquecer que há um contrato de leitura estabelecido entre o público e o veículo de comunicação, o qual pode ser considerado como os ideais formulados pela instituição jornalística com o intuito de estabelecer vínculos com os leitores, e que são colocados em funcionamento por meio de estratégias discursivas. Segundo Mata (1999), os meios já não podem ser mais considerados transportadores de sentidos, tampouco espaços de interação entre produtores e receptores, mas podem ser entendidos como modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido.

De acordo com Fausto Neto (2007), o contrato de leitura pode ser considerado um conjunto de normas e prescrições que um discurso propõe e prevê para que o receptor as observe como condição de interpretação. O conceito também pode ser definido como operações que visam estabelecer o “modo de dizer” do jornal e que se explicitam nas mensagens endereçadas ao leitor.

Além disso, um contrato de leitura consiste na organização dos procedimentos do jornal ou veículo de comunicação para que consiga explicitar seus vínculos com seus enunciados e, assim, descrever a realidade ofertada. A matéria-prima de um veículo de comunicação são as notícias – e, no caso de um jornal, especificamente, elas aparecem em formato de textos. A produção e distribuição desses textos seguem algumas regras que têm como intuito a circulação, ou seja, a instituição de vínculos entre jornal-leitor.

Por mais que o jornalista, de forma geral, não tenha contato com o público e não receba sua influência de forma direta, os movimentos de construção do discurso estão intrinsecamente ligados ao que os jornalistas imaginam serem as expectativas dos leitores. Dessa forma, questões como o que o público

quer ver? e será que o leitor vai entender? São parte do processo de construção de uma ideia de leitor. (BENETTI; STORCH, 2011, p.207).

Segundo Benetti e Storch (2011), o Jornalismo se constrói no interior do processo de negociação com o leitor, que o reconhece a partir do contrato de comunicação. Além disso, o Jornalismo é organizado a partir de uma enunciação que leva em conta a relação com o outro. Nesse contexto, é instigante considerar o potencial do Jornalismo enquanto construtor de identidade ou de imagens acerca de determinados fatos, fontes, instituições etc.

Charaudeau (2006) explica que as mídias têm como papel divulgar acontecimentos do presente, que se situam em uma co-temporalidade enunciativa. É por esse motivo que se torna necessário aproximar o instante do surgimento do acontecimento com o instante do consumo da notícia. Aliás, é a atualidade que chama atenção de grande parte dos leitores, ouvintes ou telespectadores, pois o que os mesmos desejam consumir são informações do que aconteceu no presente momento. “É o que dá à notícia seu caráter factual desprovido, em seu princípio, de qualquer qualificação subjetiva e de qualquer tentativa de explicação de sua razão de ser.” (CHARAUDEAU, 2006, p.133).

Ainda segundo o autor, a noção de atualidade é de principal importância no contrato midiático, tanto que é possível dizer que ele guia as escolhas temáticas.

Uma notícia é, por definição, efêmera. Dura tanto quanto um relâmpago, o instante de sua aparição. [...] A notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo; além do mais, é para evitar o que as mídias temem – e que depende da representação que têm a esse respeito –, a saber: a saturação. (CHARAUDEAU, 2006, p.134).

As mídias, segundo Charaudeau (2006), estão presas a duas questões, chamadas de imaginários, que determinam dois tipos de públicos. Um dos públicos se apega à imprensa regional, à política local, enquanto há aqueles que consomem mais conteúdos da imprensa nacional, com a política interna e externa. Cada comunidade reúne conhecimentos e crenças sobre o mundo e que “as mídias se encarregam de tornar visível através de uma apresentação estruturante” (CHARAUDEAU, 2006, p.143). No caso desta pesquisa, a relação que se estabelece é do público com uma imprensa regional, já que o Jornal Gazeta do Sul tem como foco acontecimentos principalmente do Vale do Rio Pardo no que se refere à segurança pública.

### 3.1 A segurança pública em pauta

Assuntos relacionados à violência e criminalidade são vistos com frequência em diferentes meios jornalísticos – televisão, rádio, jornal, portais ou sites noticiosos, bem como outras plataformas informativas. A segurança pública é um direito dos cidadãos e deve ser assegurada pelo Estado – motivo este que justifica sua presença constante nos noticiários, evidenciando o papel do jornalismo de fiscalizador.

Entre os desafios de cobrir acontecimentos na área da segurança pública, segundo Albernaz e Caldeirinha (2009), o maior deles é a construção de um Jornalismo mais qualificado, capaz de contribuir para a formação de uma sociedade na qual a segurança pública é vista como responsabilidade e dever de todos. De acordo com os autores, os meios de comunicação são, muitas vezes, a principal fonte de informação e, por isso, exercem uma forte influência no que as pessoas pensam, independentemente do tema.

Para Albernaz e Caldeirinha (2009), a mídia amplifica experiências e possibilita que as pessoas compartilhem suas preocupações e visões sobre um determinado assunto veiculado. Essa influência interfere, muitas vezes, nos interesses e posturas diante de assuntos específicos, como é o caso da segurança pública. Foi na década de 80 que este tema teve destaque no cenário nacional, quando os índices de criminalidade nas grandes cidades brasileiras chegaram a níveis jamais vistos.

Embora se possa notar uma clara mudança de perfil na *praxis* dos meios de comunicação, ainda é preciso avançar na direção de uma cobertura de segurança pública crítica e aprofundada. Permanece o domínio do factual, das histórias e casos individuais como fonte para a construção de matérias sobre segurança. Naturalmente, os “fatos” são fundamentais, mas os conteúdos jornalísticos gerados a partir deles têm potencial para tornarem-se verdadeiros catalisadores de reflexão, produzindo elementos de informação que suscitem e qualifiquem o debate público sobre o tema. Entretanto, a despeito deste entendimento, o papel dos meios de comunicação na construção e implementação de políticas públicas de segurança permanece um campo bastante inexplorado. (ALBERNAZ; CALDEIRINHA, 2009, p. 13-14).

Para as autoras, a ideia de que a segurança pública é um dever exclusivo do Estado exerce uma forte influência sobre quais pessoas os jornalistas irão entrevistar para construir pautas referentes ao problema da violência e da criminalidade. Também acreditam que o Estado é suscetível às pressões vindas da imprensa que reproduzem o discurso de policiais e dos Governos nas matérias, dando à cobertura de segurança pública um tom muito oficial, com matérias de baixa pluralidade discursiva.

Imprensa e Governo devem estar também alinhados na intenção de construir políticas públicas de segurança mais igualitárias e abrangentes, contemplando a participação e o envolvimento de toda a população na concepção, elaboração e implementação dessas políticas. Os jornalistas e os governantes devem caminhar juntos em direção à construção de uma nação onde cada vida é importante e deve, portanto, ser protegida e preservada. (ALBARNAZ; CALDERINHA, 2009, p. 17-18).

Além disso, as autoras destacam que mesmo que a segurança pública seja um assunto muito comentado pelas pessoas, não é capaz de interferir na escolha de candidato no que se refere às eleições, por exemplo. A justificativa para isso acontecer está no fato de que o sentimento de insegurança das pessoas não está alinhado ao tempo dos ciclos eleitorais.

É devido a isso que as políticas públicas de segurança dão prioridade a medidas de curto prazo, que gerem visibilidade, como respostas para a população e para a imprensa. É por meio disso que alguma ação relacionada à segurança pode ser “lembrada” pelos eleitores e retratada pelos jornalistas, o que significa seguir os objetivos e estratégias de comunicação dos governos.

Albernaz e Caldeirinha (2009) também explicam que quando os jornalistas produzem informações e versões de uma realidade, eles são capazes de contribuir para a formação da opinião pública, o que implica em grande responsabilidade. Diante disso, as autoras acreditam que a imprensa e Governo devem estar comprometidos com o rompimento de desigualdades que afetam a sociedade e aumentam o problema da violência no país.

Porto (2009) afirma que a mídia não pode ser responsabilizada diretamente pelo crescimento no número de ocorrências policiais, mas deve ter como característica um canal de estruturação de sociabilidades violentas. Sobre segurança pública, a autora destaca que se a realidade é construída, apresentada, representada por meio de narrativas e imagens, sendo positivas ou negativas, isso vai interferir e provocar algum efeito na conduta das pessoas. Já Marques e Veloso (2014) defendem que a imprensa possui interesses próprios ao abordar o assunto segurança pública, porque ao tratar de uma área da administração pública, faz com que também esteja inserida em um jogo de interesses públicos e privados.

Conforme mencionou-se na introdução desta monografia, as matérias de polícia costumam ser de interesse da maioria das pessoas e pautam muitas rodas de conversa, dividindo opiniões. Para Batista (2007), existe uma relação estreita entre opinião pública e senso comum. A autora explica que o senso comum, por exemplo, é

construído a partir de uma ideologia dominante que também é uma grande formadora de opinião pública. Sua formação está associada às relações econômicas, humanas e à própria formação da opinião pública.

Esse movimento fechado de direito à voz caracteriza a opinião predominante de interesses comerciais e idealistas de ‘uma classe’ que tem muita influência na formação da opinião pública local, regional, nacional e mundial. Os meios de comunicação (de origem burguesa) são um dos maiores responsáveis pela formação da opinião pública ao lado da igreja, do estado, da escola e das empresas. (BATISTA, 2007, p.36).

Por serem responsáveis pela formação da opinião pública, os meios de comunicação são capazes de contribuir para que as pessoas criem uma determinada opinião sobre a segurança pública. Reis (2017) destaca que a segurança pública é um dos itens fundamentais para que exista uma convivência harmoniosa e equilibrada na sociedade. A participação da comunidade para combater o crime tem sido uma das melhores alternativas.

Verifica-se que a demanda por um novo papel da Polícia Militar implica em transformações no processo de atuação junto à comunidade, cabendo à Polícia Militar atuar como promotora da cidadania e gestora da paz, trabalhar junto e comprometida com a comunidade, visando mudar a visão que se tem atualmente sobre o papel das instituições responsáveis pela segurança pública no Brasil. (REIS, 2017, p.29).

Falar sobre segurança pública também é relacionar o tema com interesse público<sup>9</sup>. Além disso, esse interesse está inserido no Jornalismo, porque as atividades jornalísticas, de certa forma, são submetidas às leis gerais do país, mesmo que a profissão tenha códigos e manuais próprios, esses não podem afrontar com as constituições federais. “Dessa forma, enquanto serviço público, o jornalismo não pode afrontar o interesse público, assim como acontece, por exemplo, com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.” (CHRISTOFOLETTI; TRICHES, 2014, p. 486).

Ainda segundo Christofolletti e Triches (2014), o interesse público pode ser definido por meio de três conceitos. Um deles é o que os jornalistas acham que a audiência quer, o outro seria o que realmente é oferecido como prioridade nas notícias e, ainda, o que a audiência afirma querer. O que faria uma notícia ser considerada relevante, do ponto de vista do jornalista é se esse fato realmente influencia a vida das pessoas e se elas precisam saber disso. A repercussão da informação sinaliza aquilo que o jornalista interpreta como interesse público. Além disso, o interesse público também

---

<sup>9</sup>É válido destacar que é estabelecida uma diferença entre interesse público e interesse do público. Os interesses do público estão relacionados com o que a audiência afirma querer, enquanto o interesse público está associado ao que importante à sociedade, mesmo que o assunto não seja algum anseio da mesma. (CHRISTOFOLETTI; TRICHES, 2014).



pode ser interpretado como o somatório de valores-notícia e seria o pano de fundo de onde se identificariam esses valores. Segundo Karam (2004), os códigos de ética em Jornalismo têm a informação de interesse público como maior valor.

Quando se fala em segurança pública, logo as pessoas relacionam o assunto com as polícias, como se elas fossem exclusivamente responsáveis pela insegurança na sociedade. Contudo, Reis (2017) observa que isso acontece justamente porque as polícias são as mais visíveis no sistema de segurança pública, fazendo com que elas sejam as mais direcionadas quando os problemas afloram.

De acordo com Reis (2017), devido ao trabalho em conjunto de todos os órgãos de segurança pública, as polícias começaram a ser apoiadas para que se faça valer a frase de que a segurança pública é o dever do Estado e responsabilidade de todos.

É fundamental que se promova a participação, além dos órgãos e instituições corresponsáveis pela segurança pública, da comunidade nas questões referente ao tema. Assim, qualquer tentativa de controle da criminalidade e da busca pela paz social deve envolver a comunidade. A sua participação é fator decisivo na democratização dessas questões de interesse social; por isso a necessidade da implantação de projetos que objetivam uma melhor qualidade de vida para o ser humano. (REIS, 2017, p.38).

Para Karam (2004), uma matéria jornalística pode influenciar imediatamente uma ação social para pressões sociais, decisões governamentais com o intuito de resolver um problema. Diariamente a mídia traz informações sobre problemas da sociedade e de emergência cotidiana, como acidentes, homicídios e outros acontecimentos recorrentes. É por isso que o autor acredita que veicular apenas negatividade e manipulação está longe das efetivas possibilidades, já que o Jornalismo traz a realidade do mundo. Além disso, através do que é veiculado é possível construir uma imagem para um grupo ou instituição que pode ser positiva ou negativa.

### **3.2 Jornalismo e construção de imagem(ns)**

Através dos conteúdos publicados, o Jornalismo é capaz de fazer com que as pessoas produzam sentido acerca de empresas, instituições, acontecimentos ou pessoas. Ou seja, formulam ideias, reflexões, opiniões e críticas, assim, determinada imagem dos mesmos. Para refletir a partir desta perspectiva, abordaremos o conceito de identidade, buscando relacioná-lo ao campo jornalístico, partindo do pressuposto de que este tem potencial para fortalecer o primeiro ou, pelo menos, representá-lo, mesmo que de forma limitada ou parcial.

Hall (2006) trabalha três concepções sobre identidade no que se refere ao sujeito ao longo da história. Expressando uma visão individualista do sujeito, a primeira é denominada de identidade do sujeito. Nesse caso, prevalece a capacidade de razão e de consciência. O sujeito é entendido como um portador de um núcleo interior que emerge no nascimento e prevalece ao longo de todo seu desenvolvimento. Já a identidade do sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não é autossuficiente. No entanto, se forma através do contato com pessoas importantes. Enquanto isso, o sujeito pós-moderno é caracterizado por não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade acaba se modificando continuamente.

Além disso, Hall (2006) destaca que a sociedade não pode mais ser vista como determinada, mas em contínuo movimento, fazendo com que novas identidades surjam. Diante disso, acredita que se pode observar mudanças na identidade do sujeito pelo fato das identidades modernas estarem sendo fragmentadas. Essa situação faz com que não se tenha afirmações concretas sobre o que é a identidade. Em abordagem semelhante, Simonetti Júnior (2010) afirma que as identidades constroem posições de sujeito articulando os fenômenos culturais e classificando-os como pertencentes ou não a uma determinada identidade.

As identidades são um discurso que busca organizar o mundo buscando responder quem/o quê sou e quem/o quê é o outro, e as identidades culturais são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. (SIMONETTI JÚNIOR, 2010, p. 7-8).

A partir destes pressupostos, precisamos pensar no papel do Jornalismo enquanto construtor de realidades e, para além disso, de identidades. Ao (re)construir fatos e estruturá-los em diferentes narrativas, os jornalistas oferecem ao público uma representação daquilo que ocorreu. Assim, oferecem subsídios para que os cidadãos possam construir determinada imagem de pessoas, instituições, empresas, ou acontecimentos. Santos (2014) explica que a imagem começa a ser vista a partir do momento em que o homem é inserido na sociedade e quando a formação da autoimagem começa a ser relacionada ao mundo público e à cultura. Para ela, os estudos sociológicos demonstram que por mais individuais que a consciência e a identidade pareçam ser, não levam em conta uma localização social.

A imprensa teve – e certamente mantém até os dias atuais - um papel de grande relevância para a construção de uma identidade nacional, uma vez que o estabelecimento de um projeto de nação moderna passa incontornavelmente pela afirmação da língua vernácula, o que se dá através da educação e da

literatura ou da música, mas igualmente do jornalismo, que ainda se responsabiliza pela difusão e a legitimação de lideranças políticas e vultos históricos, intelectuais e artistas, identidades e estigmas. Difusão que ocorre em meio a um processo muitas vezes autoritário, geralmente imposto por um regime de pautas que não diz respeito necessariamente aos interesses públicos, mas sim aos da própria instituição. (DINIZ, 2008, p.11).

Segundo Felippi (2008), as identidades são o que caracteriza o pertencimento das pessoas a uma determinada cultura e a mídia tem contribuído para gerar identificações. Contudo, há quem acredite que a mídia tem padronizado a cultura, o que gera críticas. Essa padronização tem sido feita por meio da globalização, homogeneização e massificação. Para Felippi (2008), a mídia tem se apropriado das culturas regionais, o que resultou na mercantilização da economia. Tudo isso também contribui para influenciar o que as pessoas pensam em relação a diferentes temas.

Enquanto principal fonte de informação em uma sociedade de escala, o que se propaga através dos meios de comunicação acaba exercendo uma forte influência naquilo que pensamos sobre os mais diversos temas. A mídia amplifica experiências, atribuindo-lhes um sentido de coletividade, permitindo que partilhemos socialmente preocupações, entendimentos e percepções sobre eventos. (ALBERNAZ; CALDEIRINHA, 2009, p.12).

Conforme Wagner (2016), a sociedade recorre aos meios de comunicação, porque eles são capazes de elaborar o entendimento da realidade. Em função disso, os fatos apurados pelos repórteres e noticiados nas páginas impressas<sup>10</sup> são considerados referência pelo leitor, justamente porque, segundo Christofolletti (*apud* WAGNER, 2016), a mídia contribui para que se crie um julgamento social de pessoas e organizações, capaz de decidir sua imagem atual ou mesmo seu futuro imediato – o que ocorre, por exemplo, com a Brigada Militar, instituição intrinsecamente ligada ao tema da segurança pública e que é objeto de estudo desta pesquisa.

Batista (2007) reforça que o modo como se constrói as informações e a maneira como são veiculadas e apresentadas interfere na forma como o receptor recebe, principalmente aquele considerado desatento. Nesse caso, ele está acostumado com uma linguagem padrão, que tem o nome de comunicação de massa, com foco em grande parte do público. “Essa comunicação que se dirige ao grande público é meticulosamente planejada pelo pequeno grupo que tem acesso às informações para ‘decidir’ sobre a vida de outras pessoas.” (BATISTA, 2007, p.46).

O interesse do público sobre um assunto, por sua vez, existe de acordo com o que já vem sendo pautado pelos veículos de comunicação. Segundo Batista (2007), as

---

<sup>10</sup> Os meios de comunicação são capazes de elaborar o entendimento da realidade e isso ocorre não apenas através de edições impressas de jornais, mas também de outros meios como TV, rádio e plataformas digitais.

peças têm a capacidade de apenas repetir uma determinada notícia, ou, então, reconstruí-las em discussões com outras pessoas, sendo que cada uma pode ter uma determinada interpretação sobre um fato – ou seja, pode construir determinada imagem do mesmo, reforçando ou não a identidade de uma pessoa, grupo ou instituição. A autora ressalta que o interesse dos leitores associado a um recente conhecimento também interfere na escolha do que é publicado em um jornal. Os acontecimentos, então, seriam fatos considerados inesperados que recebem destaque nos meios de comunicação de acordo com o interesse de várias ordens.

O interesse também pode ser pautado pela agenda dos meios de comunicação que determinam os seus conteúdos veiculados. Esse ponto nos leva a refletir sobre questões como: a sociedade influencia a seleção do conteúdo midiático ou a mídia induz a sociedade a produzir o que ela (a mídia) deseja transmitir? – como no caso da violência, por exemplo, considerado polêmico. (BATISTA, 2007, p.63).

Conforme Karam (2004), o Jornalismo tem o papel de determinar que somente alguns assuntos merecem destaque nos veículos de comunicação, mas isso não exclui a seleção da natureza ideológica e política existente também hoje. “Mas inclui, é igualmente correto, inumeráveis acontecimentos de extremo interesse público, que só podem mesmo ser incorporados socialmente pela dimensão rítmica imediata do presente” (KARAM, 2004, p.31). Além disso, o autor ressalta que a finalidade da mídia é fazer com que as pessoas pensem e prolonguem um determinado acontecimento através de seus comentários. Isso significa que os veículos de comunicação também pautam as conversas do dia a dia das pessoas e isso retroalimenta um sistema de construção de imagens acerca dos mais variados temas, pessoas, empresas ou instituições, em consonância ou não com suas respectivas identidades.

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho busca identificar como o Jornalismo praticado pelo jornal Gazeta do Sul ajuda a construir a imagem da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo – ou seja, a preocupação não é uma representatividade numérica. Assim, a abordagem utilizada será de caráter qualitativo. Antes de explanar acerca das escolhas metodológicas, porém, será feita uma apresentação do objeto empírico de estudo escolhido – o Jornal Gazeta do Sul, fundado em 26 de janeiro de 1945.

Conforme já pontuou-se na Introdução, o veículo integra o Grupo Gazeta de Comunicações, composto por dois jornais, cinco emissoras de rádio, uma editora, uma fundação e um portal de notícias e tem como foco a produção de conteúdo e informação para as comunidades do Vale do Rio Pardo e Centro-Serra.

O jornal tem gráfica própria e é diário desde 1995, com edições de segunda a sexta-feira e conjunta de sábado e domingo, chegando a 30 municípios da região do Vale do Rio Pardo e Centro-Serra. Especificamente em Santa Cruz do Sul, é entregue todos os dias em 14% dos imóveis do município<sup>11</sup>.

Quanto à tiragem do jornal, atualmente é de 9.800 exemplares por dia, com acréscimo de 800 exemplares nas edições de final de semana. De acordo com o gestor de Conteúdo Multimídia da Gazeta do Sul, Romar Rudolfo Beling, há, ainda, 3.500 assinantes do Portal Gaz, o que totaliza 13.300 assinantes tanto no impresso quanto digital.

Já em relação à equipe de jornalistas vinculados ao jornal Gazeta do Sul, há 42 profissionais. Na produção de materiais da editoria de polícia, que são veiculadas todos os dias no jornal, trabalham dois repórteres.

Como já mencionado, o Grupo Gazeta também é composto por outros veículos de comunicação. Entre eles está a Rádio Gazeta AM que entrou no ar no dia 28 de maio de 1980, operando na frequência de 1.180 KHz, mas que hoje opera em FM, na frequência 107,9, devido ao processo de migração do AM para FM. A inauguração da Rádio Gazeta FM aconteceu em 1983 e também em Santa Cruz, operando na frequência de 101,7 Mhz.

Em 1984 ocorreu a aquisição de um tradicional jornal sediado em Sobradinho. Com circulação às terças e sextas-feiras, o bi-semanário Gazeta da Serra é o principal

---

<sup>11</sup>Disponível em: <[http://www.gaz.com.br/conteudos/nos\\_somos\\_a\\_gazeta/](http://www.gaz.com.br/conteudos/nos_somos_a_gazeta/)> Acesso em 15 de março de 2020.

veículo de comunicação da região Centro-Serra. Em 1991 o grupo comprou a Rádio Rio Pardo AM, empresa com meio século de atuação, que em 2018 migrou para o FM, operando na frequência 103,5 Mhz. A Gazeta também adquiriu nos anos 90 a antiga Rádio Umbu FM, na frequência de 98,1 Mhz, e em 1997 foi incorporada ao grupo a Editora Gazeta Santa Cruz Ltda., que trabalha na produção de anuários sobre o agronegócio nacional e publicações especiais sobre eventos e cidades.

E, por fim, o Grupo Gazeta também tem um portal de jornalismo denominado Portal Gaz<sup>12</sup>, lançado em novembro de 2009 e abastecido por conteúdos produzidos por todos os profissionais que integram o grupo.

Uma vez situado o objeto empírico de estudo, retomamos a proposta metodológica, cuja abordagem será de caráter qualitativo, pois em como objetivo o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou organização (SILVEIRA; CORDOVA, 2009). São características da pesquisa qualitativa a objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno, entre outras. Além disso, tem uma preocupação com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, por isso foca na compreensão e explicação das relações sociais.

Para que seja possível alcançar os objetivos propostos, inicialmente foram realizadas pesquisas bibliográfica<sup>13</sup> e documental para compreender o trabalho da Brigada Militar e sua importância, além de contextualizar a Gazeta Grupo de Comunicações. A partir desta mesma técnica, o embasamento teórico-conceitual visou sobretudo entender o papel do Jornalismo como produtor de sentido e construtor de identidade. Nas etapas posteriores, esta pesquisa também fez uso da técnica de entrevista, e análise de conteúdo<sup>14</sup> de seis matérias publicadas pelo jornal Gazeta do Sul. Por fim, um grupo focal foi realizado para compreender que imagem o público tem da Brigada Militar.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <[www.gaz.com.br](http://www.gaz.com.br)> Acesso em 15 de março de 2020.

<sup>13</sup> A pesquisa bibliográfica é a base de todo o trabalho científico. Portanto, já foi utilizada para realização do projeto de monografia e foi retomada para aprofundar o referencial teórico quando a monografia for concretizada.

<sup>14</sup> A análise tem caráter exploratório, visou mapear as fontes, angulação e os valores-notícia em algumas matérias jornalísticas do Jornal Gazeta do Sul. Partindo deste olhar, buscou-se compreender a construção de sentido do público acerca destes conteúdos.

#### 4.1 Pesquisa bibliográfica

Feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, a pesquisa bibliográfica é uma das técnicas metodológicas mais comuns e mais utilizadas. Essas referências teóricas são publicadas em forma escrita e são encontradas em livros e artigos científicos, essencialmente. Segundo Silveira e Córdova (2009), qualquer trabalho científico é iniciado com uma pesquisa bibliográfica, a qual permite que o pesquisador descubra o que já foi publicado sobre um assunto de seu interesse. Para que seja feita com qualidade, o recomendado é que se tenha claro e definido o tema da pesquisa.

De acordo com Pizzani (2012), após o tema de uma pesquisa ser definido é preciso ir em busca do material bibliográfico que pode ser encontrado em três tipos distintos de fontes informacionais: as fontes primárias, as fontes secundárias e as fontes terciárias. As fontes primárias contêm os trabalhos originais com conhecimento original e publicado pela primeira vez pelos autores, como as teses universitárias, livros, relatórios técnicos, artigos em revistas científicas, anais de congressos.

Já as fontes secundárias, como o próprio nome sugere, se referem a trabalhos não originais, mas que geralmente citam os trabalhos originais. São exemplos de fontes secundárias os artigos de revisão bibliográfica, tratados, enciclopédias e os artigos de divulgação. As fontes terciárias contêm índices categorizados de trabalhos primários e secundários, com ou sem resumo. Sendo assim, são as bases de dados bibliográficos, os índices e as listas bibliográficas.

Para a produção desse trabalho, foram consultadas referências que destacam a importância do Jornalismo e o quanto ele tem o papel de interferir na opinião dos leitores ou de quem recebe a informação, contribuindo, assim, para que se estabeleça sentidos (REGINATO, 2016; TRAQUINA, 1999; CHAPARRO, 2001; BUCCI, 2000; FONSECA, 2008; SOUSA, 2001; FAUSTO NETO, 2009; BENNETI E STORCH, 2011; CHARAUDEAU, 2006). Além disso, também foram verificados livros sobre a história da Brigada Militar e segurança pública (SIMÕES, 2002; ROCHA, 1987; REIS, 2017; Linhares, 1970; CALAZADS, 2003), bem como abordagens sobre Jornalismo como construtor de realidade – e, conseqüentemente, de imagem(ns) (HALL, 2006; SIMONETTI JÚNIOR, 2010; BATISTA, 2007; ALBERNAZ E CALDEIRINHA, 2009; KARAM, 2004).

A pesquisa bibliográfica foi fundamental desde o início da construção do trabalho, com a produção do projeto de monografia. Seguiu servindo de base até o final da investigação, pois é por meio dessa pesquisa teórico-conceitual que se torna possível fazer a interpretação dos dados e refletir acerca dos objetivos propostos.

## 4.2 Pesquisa documental

O trabalho apoiou-se na pesquisa documental, pois edições impressas da Gazeta do Sul foram analisadas e materiais que remetem à história da BM e do veículo jornalístico foram consultados. Para Silveira e Córdova (2009), a pesquisa documental percorre os mesmos caminhos da bibliográfica. No entanto, enquanto a pesquisa bibliográfica faz uso de fontes constituídas por material já elaborado, a documental utiliza fontes mais diversificadas como tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

Segundo Silva (2009), uma pesquisa documental é capaz de permitir a investigação de alguma problemática na forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social. No entanto, é preciso ter cuidado quando se estuda documentos, porque isso requer um estudo a partir do ponto de vista de quem os produziu.

Apesar de todos os documentos serem importantes para a pesquisa documental, recebem destaque e maior relevância os documentos de linguagem verbal e escrita, por constituírem os principais tipos de documentos na área da pesquisa educacional e também na comunicação. Ainda conforme Silva (2009, p. 4556):

A pesquisa documental, enquanto método de investigação da realidade social, não traz uma única concepção filosófica de pesquisa, pode ser utilizada tanto nas abordagens de natureza positivista como também naquelas de caráter compreensivo, com enfoque mais crítico. Essa característica toma corpo de acordo com o referencial teórico que nutre o pensamento do pesquisador, pois não só os documentos escolhidos, mas a análise deles deve responder às questões da pesquisa, exigindo do pesquisador uma capacidade reflexiva e criativa não só na forma como compreende o problema, mas nas relações que consegue estabelecer entre este e seu contexto, no modo como elabora suas conclusões e como as comunica.

Os documentos traduzem leituras e modos de interpretação vividos por um grupo de pessoas em um dado tempo e espaço. Diante disso, não se pode considerá-los como produções ingênuas. No caso desta pesquisa, foram selecionadas para análise seis



matérias da editoria de Polícia do Jornal Gazeta do Sul que incluem a Brigada Militar e que tiveram grande repercussão na época de suas publicações. Optou-se por escolher três matérias mais polêmicas sobre a BM e outras três que não tratassem sobre agressões cometidas por policiais com o intuito de estabelecer um equilíbrio. As mesmas serão apresentadas no subcapítulo 4.3.

### 4.3 Análise de conteúdo

Bardin (2011) explica que na análise de conteúdo o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás de mensagens. O trabalho de quem analisa é entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal. No entanto, é preciso ter outro olhar sobre aquilo que está sendo analisado, buscando outra significação.

Primeiramente ocorre uma pré-análise,<sup>15</sup> considerada uma fase de organização. Nesse processo ocorre uma leitura “flutuante”, que significa estabelecer um primeiro contato com os documentos que serão analisados. Segundo Bardin (2011), o material é escolhido, ocorre a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material. No caso deste trabalho, foi realizada uma pré-análise para selecionar e organizar as matérias jornalísticas da editoria de polícia do Jornal Gazeta do Sul que seriam norteadoras de toda a pesquisa. Foram analisados detalhadamente para cumprir os objetivos propostos. Integraram o *corpus* algumas matérias da editoria de polícia do Jornal Gazeta do Sul. O objetivo foi, num primeiro momento, mapear as fontes, angulação e os valores-notícia para, diante disso, estruturar as entrevistas e o roteiro do grupo focal, com vistas a analisar o que as pessoas comentam e interpretam sobre as respectivas matérias. Foram verificados os posicionamentos desses leitores, de maneira que se perceba qual a visão deles sobre a instituição.

Ao todo, foram selecionadas para apreciação dos leitores seis matérias da editoria de Polícia publicadas tanto nas edições impressas do Jornal Gazeta do Sul quanto no Portal Gaz. Uma das matérias tem como título *Sargento Sortica: o ex-xerifão*

---

<sup>15</sup> Bardin traz outras etapas de pesquisa, mas neste trabalho foi realizada apenas a pré-análise, que serviu de base para desenvolver as outras técnicas, sendo elas a entrevista e o grupo focal.

de Monte Alverne<sup>16</sup> (ANEXO A), foi publicada no dia 26 de maio de 2018 pela jornalista Ana Cláudia Müller e inclusive recebeu algum destaque na capa do jornal. A produção destaca a trajetória do sargento durante sua caminhada na Brigada Militar. Muito conhecido em Monte Alverne (3º distrito de Santa Cruz do Sul) e região onde trabalhou por aproximadamente 20 anos, o policial se aposentou em 2018. Além da trajetória, o texto aponta a importância do trabalho de Sortica, os desafios passados e o legado que deixou na localidade.

Outra matéria selecionada foi *Polícia vai investigar confusão entre morador do Avenida e PMs*<sup>17</sup>(ANEXO B), publicada em 14 de novembro de 2017 e escrita por Ana Cláudia Müller também. Na oportunidade, o conteúdo teve como base um vídeo que foi bastante veiculado e comentado nas redes sociais. O registro retratava a confusão entre brigadianos e um morador no Bairro Avenida, em Santa Cruz. Airton Adair Faust, de 54 anos, foi detido pelos policiais acusado de perturbação de sossego e desacato. Já os policiais foram denunciados por terem pulado a grade da residência onde o homem estava e derrubando-o no chão após a entrada deles não ter sido permitida. Foram colocadas as algemas em Faust, que foi levado à Delegacia de Polícia. Uma das reclamações da família diz respeito à suposta invasão dos brigadianos.

Outra das matérias levadas à análise tem o título *Reconhecimento para um herói da comunidade*<sup>18</sup> (ANEXO C), com publicação em 30 de julho de 2020 e autoria do jornalista Cristiano Silva, aparecendo também na capa do jornal. Em síntese, informa que o Estado instituiu o major Sebastião como patrono do 23º Batalhão de Polícia Militar com sede Santa Cruz do Sul. O oficial morreu em Santa Cruz do Sul durante um confronto com o bando de Seco, em 2006, considerado um dos maiores assaltantes de banco na época. O major Sebastião deixou um legado de respeito, carinho e admiração aos policiais do 23º BPM.

A matéria *Brigada Militar recupera carga de tabaco roubada em Vale Verde*<sup>19</sup> (ANEXO D) foi publicada no dia 15 de maio de 2020, feita pelo repórter Lorenzo Franchi, e se refere a uma ocorrência atendida pela Brigada Militar. Uma carga de tabaco havia sido roubada em uma quarta-feira em Vale Verde, mas foi recuperada por

---

<sup>16</sup> Matéria disponível em <[http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2018/05/26/120916-sargento\\_sortica\\_o\\_ex\\_xerifao\\_de\\_monte\\_alverne.html.php](http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2018/05/26/120916-sargento_sortica_o_ex_xerifao_de_monte_alverne.html.php)>.

<sup>17</sup> Matéria disponível em: <[http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2017/11/14/107263-policia\\_vai\\_investigiar\\_confusao\\_entre\\_morador\\_do\\_avenida\\_e\\_pms.html.php](http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2017/11/14/107263-policia_vai_investigiar_confusao_entre_morador_do_avenida_e_pms.html.php)>.

<sup>18</sup> Disponível em: <[http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2020/07/30/168638-reconhecimento\\_para\\_um\\_heroi\\_da\\_comunidade.html.php](http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2020/07/30/168638-reconhecimento_para_um_heroi_da_comunidade.html.php)>.

<sup>19</sup> Matéria também disponível em: <[http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2020/05/15/165657-brigada\\_militar\\_recupera\\_carga\\_de\\_tabaco\\_roubada\\_em\\_vale\\_verde](http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2020/05/15/165657-brigada_militar_recupera_carga_de_tabaco_roubada_em_vale_verde)> .

policiais militares na manhã do dia seguinte na localidade Faxinal de Dentro, interior de Vale do Sol. O caminhão foi localizado no Bairro Conventos, em Lajeado.

Outra matéria analisada é *Caçada a ladrões de banco acaba em denúncia contra policiais*<sup>20</sup> (ANEXO E), veiculada no Jornal Gazeta do Sul no dia 13 de agosto de 2019 e escrita pela jornalista Fernanda Szczecinski. O texto traz a informação da prisão dos quatro suspeitos do assalto à agência do Sicredi no município de Vale Verde. Contudo, em depoimento à Polícia Civil, os suspeitos – dois homens, de 42 e 39 anos, e duas mulheres, de 47 e 32 – relataram que foram agredidos e torturados por policiais militares. Um dos homens disse que foi obrigado a ficar nu e a sentar em uma estrada de chão, onde teria sido sufocado com uma camiseta molhada até desmaiar. De acordo com a denúncia, os policiais também teriam tentado introduzir uma barra de ferro no ânus do suspeito. Na matéria, o delegado regional Luciano Menezes relata as denúncias.

Por fim, *Visitantes dizem ter sido agredidos por PMs na Oktoberfest*<sup>21</sup> (ANEXO F) é o título de última matéria estudada. Publicada no dia 16 de outubro de 2017, também escrita pela jornalista da editoria de Polícia na época, Ana Cláudia Müller, a reportagem traz a informação de que o empresário e professor universitário, Daniel Hoppe, teria sido agredido na Oktoberfest por policiais militares do Batalhão de Operações Especiais (BOE) de Porto Alegre, que vieram a Santa Cruz para trabalhar na segurança dos frequentadores da festa. Contudo, conforme a matéria, a Brigada Militar não teve registro do acontecimento.

#### 4.4 Entrevista

Duarte (2004) destaca que uma boa entrevista exige, principalmente, que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa, que ele tenha conhecimento a respeito do contexto em que pretende realizar a investigação, domínio sobre o roteiro de entrevista, segurança e autoconfiança e algum nível de informalidade.

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade. (DUARTE, 2004, p.215).

<sup>20</sup> Disponível em: <[http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2019/08/13/151748-cacada\\_a\\_ladros\\_de\\_banco\\_acaba\\_em\\_denuncia\\_contra\\_policiais.html.php](http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2019/08/13/151748-cacada_a_ladros_de_banco_acaba_em_denuncia_contra_policiais.html.php)>.

<sup>21</sup> Matéria disponível em: <[http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2017/10/16/105194-visitantes\\_dizem\\_ter\\_sido\\_agredidos\\_por\\_pms\\_na\\_oktoberfest.html.php](http://www.gaz.com.br/conteudos/policia/2017/10/16/105194-visitantes_dizem_ter_sido_agredidos_por_pms_na_oktoberfest.html.php)>.

A entrevista em profundidade tem como intuito recolher respostas a partir da experiência de uma fonte. Quanto ao tipo de entrevista que será realizada e considerada a mais adequada para esse trabalho, optou-se pela semiaberta, que, de acordo com Duarte (2011), busca trabalhar a amplitude do tema, por meio do uso de perguntas abertas tanto quanto possível. É por meio dela que se torna possível explorar o máximo um determinado tema. Nessa entrevista é preparado um roteiro de antemão com questionamentos que devem ser lançados ao entrevistado de acordo com o desenrolar da entrevista. Diante disso, caso o entrevistado aborde naturalmente um assunto, a pergunta é deixada de lado, o que possibilita uma certa liberdade de quem é ouvido.

As entrevistas para este trabalho foram feitas através de e-mail e WhatsApp com os jornalistas que assinaram as seis matérias escolhidas para análise. A partir da análise de conteúdo exploratória, foram elaborados questionamentos específicos sobre a reportagem *Caçada a ladrões de banco acaba em denúncia contra policiais* (APÊNDICE A), da jornalista Fernanda Szczecinski. Também foi entrevistada a jornalista Ana Cláudia Müller, referente às matérias *Polícia vai investigar confusão entre morador do Avenida e PMs*, *Sargento Sortica: o ex-xerifão de Monte Alverne* e *Visitantes dizem ter sido agredidos por PMs na Oktoberfest* (APÊNDICE B). O jornalista Cristiano Silva foi entrevistado sobre a matéria *Reconhecimento para um herói da comunidade* (APÊNDICE E) e Lorenzo Franchi sobre a produção da reportagem com o título *Brigada Militar recupera carga de tabaco roubada em Vale Verde* (APÊNDICE F). Para esses profissionais foram feitos questionamentos sobre o processo de produção e apuração das matérias, o cuidado que tiveram ao redigi-las, escolha do foco, entre outros assuntos.

Também por meio de e-mail foi realizada uma entrevista com o editor do Jornal Gazeta do Sul, Romar Rudolfo Beling (APÊNDICE G), para relatar como são selecionados os assuntos da editoria Polícia que merecem destaque, quais os assuntos mais abordados sobre a Brigada Militar, entre outros. Tem-se, assim, uma visão institucional acerca do tema. A técnica da entrevista também foi aplicada, presencialmente, com o comandante do Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo, coronel Valmir José dos Reis (APÊNDICE H), com o propósito de verificar como a Brigada Militar enxerga a própria imagem nas narrativas do jornal e o quanto a veiculação de notícias no Jornal Gazeta do Sul é importante para a instituição.

Para a realização do processo de entrevistas também foram utilizadas gravações e anotações. O objetivo foi entender melhor quais são os critérios de produção de

conteúdo jornalístico no que se refere às matérias sobre a Brigada Militar do Jornal Gazeta do Sul, além de compreender a importância que o Jornalismo também tem para a construção da imagem da Brigada Militar. A gravação foi utilizada para que se escreva exatamente o que o entrevistado falou, para que se tenha fidelidade às palavras.

#### 4.5 Grupo focal

Com o intuito de entender qual a visão que os leitores do Jornal Gazeta do Sul têm sobre a imagem da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo, optou-se por utilizar como técnica o grupo focal. Ressel et al. (2008) explicam que se trata de um grupo de pessoas que se reúnem para discutir e dialogar sobre um tema em particular. Essa técnica é diferenciada por proporcionar a integração de pessoas que até então nem se conheciam. É por meio dela que se torna possível obter os dados necessários para uma pesquisa.

Através dessa interatividade ocorre descontração, as pessoas fazem descobertas, porque conversam e interagem entre si, facilitando também a formação de ideias novas e originais. “Gera possibilidades contextualizadas pelo próprio grupo de estudo. Oportuniza a interpretação de crenças, valores, conceitos, conflitos, confrontos e pontos de vista. E ainda possibilita entender o estreitamento em relação ao tema, no cotidiano.” (RESSEL et al., 2008, p. 780). Esta técnica, portanto, amplia a abordagem e permite um levantamento de dados bastante rico.

Cabe enfatizar que o Grupo Focal permite ao pesquisador não só examinar as diferentes análises das pessoas em relação a um tema. Ele também proporciona explorar como os fatos são articulados, censurados, confrontados e alterados por meio da interação grupal e, ainda, como isto se relaciona à comunicação de pares e às normas grupais. O GF também é adequado para ser consultado em estágios exploratórios de uma pesquisa, quando se quer ampliar a compreensão e a avaliação a respeito de um projeto, programa ou serviço. (RESSEL et al., 2008, p. 780).

A técnica foi usada em diferentes áreas do conhecimento, inclusive nos dias de hoje. No ano de 1946, durante a 2ª Guerra Mundial, o grupo focal foi necessário para que fosse possível verificar o potencial de persuasão da propaganda de guerra para as tropas.

O grupo focal como técnica de coleta de dados já é conhecido e utilizado há várias décadas, conforme mencionado anteriormente. Em relação a ele como técnica de análise, porém, as discussões são incipientes e divergentes. Sendo assim, propõe-se um delineamento estratégico para a apreensão do grupo focal, tanto para a coleta, quanto para a análise de dados. (BACKES et al., 2011, p. 440).

Ressel et al. (2008) explicam que para a realização dos encontros dos grupos focais, o ambiente das sessões grupais deve ser agradável, confortável e acolhedor. Como a formação do grupo é intencional, pelo menos deve existir um ponto de semelhança entre os participantes. No caso deste trabalho, todos são leitores da editoria de Polícia do Jornal Gazeta do Sul.

#### **4.5.1 Aplicação do grupo focal**

Diante das características do grupo focal e de suas finalidades, optou-se por fazer uso dessa técnica para a realização do trabalho, em especial para cumprir o objetivo de verificar o que os leitores da Gazeta do Sul pensam sobre o trabalho da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo. O propósito foi ouvir, em um único encontro, pelo menos dez leitores do jornal de diferentes idades, profissões e que não tenham vínculo com o jornal, nem com a Brigada Militar. A técnica foi executada no dia 5 de novembro de 2020, das 19h30min às 21h, em uma sala da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), e os participantes não tiveram seus nomes divulgados.

O convite para participação do grupo focal ocorreu por meio de ligações, além de trocas de mensagens via WhatsApp. Dos 13 contatados, todos aceitaram participar, porém, 12 compareceram ao encontro. Todas as pessoas foram orientadas a lerem seis matérias específicas da editoria de Polícia para que a conversa fosse conduzida a partir destas informações.

Com o intuito de conhecer ainda melhor os integrantes, cada um deles preencheu, primeiramente, no dia do encontro, uma folha com questionamentos sobre informações pessoais como idade, profissão, interesse pela editoria, frequência da leitura do Jornal Gazeta do Sul, entre outros aspectos (APÊNDICE I). Durante a reunião do grupo, esta pesquisadora fez a mediação das discussões, a partir de um roteiro pré-estabelecido (APÊNDICE J) e, após o término, todos foram convidados a fazer, por escrito, uma breve avaliação sobre o grupo focal e sobre a técnica realizada. (APÊNDICE K).

#### **4.5.2 Perfil dos participantes**

O grupo focal contou com a participação de 12 pessoas, sendo que apenas uma não reside em Santa Cruz do Sul, mas sim em Vera Cruz. A intenção foi fazer contato

com pessoas sem vínculo profissional com a Gazeta do Sul, nem Brigada Militar, e que não fossem jornalistas, pois isso poderia interferir na percepção acerca do tema da pesquisa. Além disso, buscou-se ouvir um público de diferentes idades.

As mulheres que participaram do grupo focal têm idades de 35, 47, 62 e 43 anos, sendo duas delas comerciantes, uma diretora administrativa e a outra contadora. Já os homens ouvidos têm idades de 24, 54, 58, 31, 64, 19, 23, 51, sendo agricultores, estagiário de engenharia, comerciário aposentado, servidor público e inseminador artificial. Embora os integrantes do grupo tenham contato com matérias da editoria de Polícia, o que surpreende é que praticamente todos (10 deles) têm preferência pela editoria denominada Geral, enquanto outras duas pessoas preferem Polícia e Panorama.

Os participantes foram unânimes em dizer que leem as notícias do Jornal Gazeta do Sul, principalmente da editoria de Polícia, para se manterem informados sobre acontecimentos da cidade, região, estado e país. Quanto à frequência de leitura das matérias do jornal, sete afirmaram ler diariamente; os demais leem de três a cinco vezes por semana.

No capítulo seguinte faremos a apresentação dos dados levantados a partir de todas as técnicas metodológicas aqui mencionadas, bem como a interpretação dos mesmos, à luz do referencial teórico.

## 5 JORNALISMO COMO CONSTRUTOR DE IMAGEM

A prática jornalística, conforme já mencionamos, tem um propósito social. Ao manter as pessoas informadas sobre o que acontece no mundo, geram-se distintos impactos que refletem em pequena ou grande escala – seja nas decisões pessoais tomadas pelos indivíduos, seja no funcionamento dos diferentes sistemas, como de saúde e econômico, por exemplo. Além disso, o Jornalismo é capaz de construir imagens acerca das instituições, pessoas, empresas. Foi a partir desse olhar que elaboramos os objetivos desta investigação, sendo o principal deles verificar como o Jornalismo do Jornal Gazeta do Sul contribui para a construção da imagem da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo. Tomando como base a abordagem realizada até aqui, iniciamos o presente capítulo com uma apresentação das fontes utilizadas nas seis matérias analisadas para este trabalho, destacando a segurança pública. Posteriormente, dividimos o mesmo em seções que visam contemplar, sobretudo, a visão da Brigada Militar, dos jornalistas e dos leitores acerca do tema que norteia a pesquisa.

Todas as matérias escolhidas para análise citam a Brigada Militar, embora cada uma aborde assuntos distintos, assim como diferentes fontes. No texto o *Sargento Sortica: o ex-xerifão de Monte Alverne* a única fonte ouvida foi o próprio Sortica, o qual relatou a própria história de vida durante todos os anos de carreira. Na notícia com o título *Polícia vai investigar confusão entre morador do Avenida e PMs*, uma das fontes era a esposa do morador supostamente agredido pelos policiais. A mulher, Gilzane de Oliveira Faust, relatou o que havia acontecido e defendeu o marido. Do outro lado foi dado voz ao subcomandante do 23º Batalhão de Polícia Militar da época, capitão Cristiano Marconatto, que explicou o que diz a lei e o que os policiais fizeram.

No texto *Reconhecimento para um herói da comunidade*, a fonte ouvida foi o comandante do 23º BPM, tenente-coronel Giovanni Paim Moresco, que reforçou a importância do trabalho do oficial que tombou em combate. Já na matéria *Brigada Militar recupera carga de tabaco roubada em Vale Verde* a principal e única fonte foi a própria Brigada Militar – o jornalista não menciona nenhum oficial da instituição como fonte para a obtenção das informações, mas sim, a BM.

A notícia com o título *Caçada a ladrões de banco acaba em denúncia contra policiais* apresenta mais de uma fonte. O delegado regional e titular da Delegacia de Polícia de Vale Verde, Luciano Menezes, foi a primeira fonte citada que relatou as



denúncias. Em segundo lugar aparece o posicionamento do subcomandante do 23º Batalhão de Polícia Militar, major Fábio Azevedo, que defendeu a Brigada Militar.

Por fim, a matéria *Visitantes dizem ter sido agredidos por PMs na Oktoberfest* foi a que mais teve fontes ouvidas das seis matérias selecionadas para análise. Entre elas estão o empresário e professor universitário Daniel Hoppe; o consultor de seguros Felipe Kopp; e Marcelo Beckenkamp, os quais relataram terem sido agredidos por policiais militares. Além deles, a Associação de Entidades Empresariais de Santa Cruz do Sul (Assemp) se manifestou sobre o ocorrido e lamentou a situação. O comandante da 1ª e 2ª Companhias da Brigada Militar e coordenador da segurança na Oktoberfest na época, capitão Rafael Menezes, falou em nome da instituição e afirmou que os fatos estariam sendo apurados.

Em todas as matérias analisadas, o tema segurança-pública recebe destaque, justamente porque contemplam o trabalho da Brigada Militar na sociedade, seja por meio da história de um sargento aposentado que muito fez pela comunidade, a recuperação de uma carga roubada ou supostas agressões cometidas por policiais militares durante os seus serviços. Além disso, os temas são de interesse público, porque para a sociedade torna-se importante mostrar o trabalho exercido pela Brigada Militar e o quanto ele impacta no dia a dia das pessoas.

Diante das matérias selecionadas e dos conteúdos abordados, é possível destacar a importância da Comunicação para o trabalho da Brigada Militar. A visão de Reis (2020), comandante do Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo, vai ao encontro do ponto de vista dos autores Albernaz e Caldeirinha (2009), os quais afirmam que os meios de comunicação são, muitas vezes, a principal fonte de informação e, por isso, exercem uma forte influência no que as pessoas pensam, independentemente do tema. Em sua obra, Reis (2017) já destacava que a construção positiva ou negativa da imagem da Brigada Militar pela sociedade se dá através do que e do quanto o trabalho da instituição é pautado nos veículos de comunicação. Em função disso, ele acredita ser interessante uma aproximação maior com as mídias para divulgação das ações positivas de polícia, levando também à sociedade uma verdadeira noção do que é o papel de um policial.

Conforme Reis (2020), a expectativa da sociedade para que a Brigada Militar dê alguma resposta diante dos acontecimentos é muito grande. Devido a isso, ele reforça que a instituição precisa manter a paz pública, segurança pública e o equilíbrio social para que a sociedade possa se desenvolver. Para o comandante, a inação em uma

ocorrência também pode construir uma imagem negativa da Brigada Militar. “Nós agimos dentro da nossa formação, treinamento, academias, currículos e experiência policial para fazer cumprir a paz social e a ordem pública” (REIS, 2020). As palavras do coronel corroboram com Calazands (2003) que também defende que a Polícia Militar é considerada uma instituição pública que tem como o dever manter a segurança pública, necessitando defender a população e o patrimônio mediante o trabalho de policiamento ostensivo.

Sobre a importância dos veículos de comunicação, Reis ainda observa que é por meio deles que a sociedade tem conhecimento de muitas ações desenvolvidas pela instituição. “A mídia é o principal vetor que leva informação à sociedade, que tira a sociedade da situação de desinformação chegando a pensar que ninguém está tomando alguma atitude.” (REIS, 2020). Além disso, é através da mídia que a Brigada Militar também consegue se comunicar com a sociedade, levando algumas respostas. “Nós somos uma fonte inesgotável de informação para a mídia, mas a mídia, por outro lado, cumpre um papel muito importante pra nós, nos comunicando com a sociedade” (REIS, 2020).

Para o comandante, o trabalho da mídia deve ser norteado pela razão e não emoção, o que vai ao encontro do que Peucer (2004) acredita. O autor ressalta que os profissionais do Jornalismo precisam ter capacidade de julgamento, no sentido de verificarem o que de fato pode fazer a diferença na vida do leitor, implicando, muitas vezes, em um trabalho não necessariamente voltado à razão. A ideia diverge com o pensamento do coronel que afirma que “se, por ventura, a mídia fugir da razão e dos fatos, e for buscar as emoções e pensamentos, poderá prestar não apenas à Polícia Militar, mas também à sociedade, um desserviço.” (REIS, 2020).

Prova de que a comunicação tem papel significativo para a Brigada Militar está no contato constante que a instituição busca ter com os veículos de comunicação da região, incluindo o Jornal Gazeta do Sul. Por meio de grupos no WhatsApp são repassadas informações sobre as ocorrências policiais. Além disso, a instituição conta com um setor de Comunicação Social, onde policiais militares exercem um trabalho focado no contato com a imprensa. Coletivas de imprensa também são realizadas e quando algum veículo faz contato com a Brigada Militar, as informações sobre as ocorrências são fornecidas.

O comandante observa a importância da construção da credibilidade tanto por parte da BM quanto dos veículos de comunicação: “Não sou eu, como comandante, que

vou falar sobre a credibilidade de uma matéria, mas sim os ‘clientes’ desse meio de comunicação. Quem tem que julgar a credibilidade das matérias não são as autoridades policiais, mas sim, a comunidade” (REIS, 2020) – perspectiva que abordaremos na seção 5.2.3.

Quanto à avaliação das matérias publicadas, Reis (2020) afirma: “Eu nunca vou dizer se uma matéria tem ou não qualidade. Os veículos são livres para publicar o que quiserem, mas se eu não concordar com a publicação eu faço uma nota de esclarecimento”. Nesse sentido, o coronel denota um entendimento acerca do Jornalismo bastante próximo daquilo que Traquina (1999) diz, ou seja, que o jornalista é um porta-voz da opinião pública, capaz de dar expressão às diferentes vozes, contemplando, sobretudo, pautas que sejam de interesse público. No subcapítulo a seguir será aprofundada esta discussão, a partir das matérias escolhidas e já apresentadas neste trabalho.

## **5.1 A visão da Brigada Militar sobre o trabalho do Jornal Gazeta do Sul**

Ciente do recorte feito das matérias para este estudo, o coronel Reis opinou sobre as publicações e podemos inferir que o posicionamento do oficial da Brigada Militar se assemelha às ideias de Marques e Veloso (2014) e Karam (2004). Os dois primeiros autores defendem que a imprensa possui interesses próprios ao abordar o assunto segurança pública, porque ao tratar de uma área da administração pública, faz com que também esteja inserida em um jogo de interesses públicos e privados. Já Karam (2004) acredita que o Jornalismo tem o papel de determinar que somente alguns assuntos merecem destaque nos veículos de comunicação.

Essas ideias são contempladas pelo coronel Reis quando questionado se foi precipitada a publicação da matéria da jornalista Fernanda Szczecinski sobre o fato de que os policiais militares teriam agredido os suspeitos do assalto à cooperativa Sicredi de Vale Verde – caso que ainda está sob processo de investigação e apuração. Segundo Reis (2020), o tempo ideal para a veiculação das notícias e o que merece ou não ser publicado é o próprio veículo de comunicação quem decide, mas é preciso levar em conta que nesse caso há o interesse da polícia e o interesse de criminosos, os quais relataram terem sido agredidos.

Me parece temeroso qualquer precipitação ou antecipação de fatos ainda em andamento. Críticas quanto ao nosso trabalho fazem parte, só não podem mexer com o nosso ponto de equilíbrio, porque nós estamos lidando com

vidas de pessoas, que é o patrimônio mais caro a ser preservado. Então não podemos dar tanta atenção a todos os comentários. Precisamos terminar uma operação com o menor dano possível à sociedade de bem. (REIS, 2020).

De acordo com Medeiros (2012), a mídia jornalística ocupa um lugar de visibilidade e poder social. Em função disso, “o discurso sobre a violência pode ser caracterizado como uma possibilidade de naturalizar conflitos, mas que também viabiliza alteridades” (MEDEIROS, 2012, p. 102).

Observamos os sentidos da violência postos em circulação a partir de uma acepção em que a especularização é o que dá corpo à reorganização dos sentidos no espaço público e é, portanto, uma escolha em nosso recorte de reflexão, pois os clamores por menos violência que ressoam na mídia dizem respeito a uma violência dada ao choque – espetáculo, como é o caso da violência que é mostrada como produtora de vítimas civis em uma guerra potencializada por retoques e disfarces destacados ou sublimados no trabalho de edição midiático que explicitam formas práticas classificadas como cruéis e repulsivas. [...] Há um silenciamento da multiplicidade de sentidos possíveis para nomear e narrar uma dada realidade, assim como a fixação de apenas alguns relatos e imagens sobre a mesma. (MEDEIROS, 2012, p.102).

Quanto ao espaço dado ao pronunciamento da Brigada Militar na matéria mencionada, produzida pela jornalista Fernanda, o coronel destaca que não se preocupa se o jornal deu pouco espaço ao posicionamento da instituição, mas existe sempre uma preocupação em encaminhar uma nota esclarecendo os fatos, caso necessário. Referente a essa matéria, a Brigada Militar inclusive divulgou uma nota oficial de esclarecimento no dia 13 de agosto de 2019, após a denúncia de agressão e tortura. Quem assinou foi o comandante do 23º Batalhão de Polícia Militar, Giovanni Paim Moresco, o qual, entre outras questões, evidenciou a responsabilidade que deve ser observada ao ser emitida qualquer avaliação prematura, invertendo os papéis sociais, daqueles que agem em nome da sociedade. Diante disso, o coronel Reis observa que a repercussão e a qualidade das informações devem ser preocupações dos donos dos meios de comunicação. “Uma publicação que a sociedade não aceite e que faz um filtro negativo pode tirar o que há de mais precioso em um veículo de comunicação: a credibilidade.” (REIS, 2020).

O comandante acredita que é temerosa a afirmação de que houve a agressão por parte dos policiais em qualquer matéria se o jornalista ou outra pessoa não esteve no momento da ocorrência.

Vale destacar, em consonância com Albernaz e Caldeirinha (2009), que quando os jornalistas produzem informações e versões de uma realidade, eles são capazes de

contribuir para a formação da opinião pública, o que implica em grande responsabilidade. O coronel reforça essa responsabilidade e salienta a importância do cuidado ao se publicar determinado assunto.

Nós estamos acostumados com isso. Não são raras as ocorrências de pessoas que nós levamos ao Fórum nos acusando de abusos, porque em meio a tudo isso existem interesses antagonizados. Eu não me arriscaria a me alinhar a opiniões de criminosos. Eu teria o maior cuidado de me alinhar a pessoas que colocaram em pânico o Vale do Rio Pardo se eu não tivesse presenciado o fato. (REIS, 2020).

Para o coronel, pelo fato da Brigada Militar ter 183 anos de existência no estado do Rio Grande do Sul, sua credibilidade não é manchada independente da matéria que for publicada. No entanto, ele assume que em alguns momentos erros podem ser cometidos. “Para as nossas reflexões, do tamanho da nossa responsabilidade, é importante que todos nos questionem. Temos que estar preparados para tudo isso. Se disserem que somos bonitos ou feios, temos que continuar trabalhando, focando na nossa missão.” (REIS, 2020).

Na avaliação de Reis (2020), matérias como a do trabalho desempenhado pelo sargento Sortica, sobre a recuperação da carga de tabaco roubada em Vale Verde e o reconhecimento do major André Sebastião Santos dos Santos que deu nome ao 23º Batalhão de Polícia Militar fazem as pessoas terem uma visão positiva da Brigada Militar.

Entre as seis matérias levadas em consideração para análise, uma delas se refere ao fato de que policiais militares teriam agredido, em 2017, visitantes durante a Oktoberfest<sup>22</sup>. Sobre esse acontecimento, o coronel avalia que a mídia estava correta. Foi aberto um inquérito e ouvidos todos os envolvidos. Um policial militar foi indiciado por crime de lesões corporais e abuso de autoridade. Ele não apenas foi indiciado pelo inquérito policial feito pela corregedoria regional da Brigada Militar, mas também denunciado na Justiça Militar do Estado. O desenrolar desse fato não chegou a ser publicado pelo Jornal Gazeta do Sul. Para o coronel, o jornal é livre para decidir quais assuntos publicar e não erra quando publica a verdade, mesmo que seja algo que contribua para a construção de uma imagem negativa da instituição. Ainda observa que através do que foi publicado pela Gazeta do Sul a Brigada Militar buscou entender de fato o que se passou, reunindo provas para que fosse tomada a melhor providência. Ele

---

<sup>22</sup>Festival de celebração das tradições germânicas, que acontece em Santa Cruz do Sul desde 1984, não havendo edição apenas em 1993, por dificuldades financeiras, e em 2020, em virtude da pandemia. Em média 400 mil visitantes frequentam a festa todos os anos.

pondera a importância de o jornal também dar essa resposta à comunidade, de maneira que esclareça, após muita pesquisa, se de fato as agressões aconteceram ou não.

## **5.2 Imagem da BM a partir de duas perspectivas**

Para entender o que os leitores pensam sobre as matérias da editoria de Polícia do Jornal Gazeta do Sul, foi realizado o grupo focal que coletou a opinião de 12 pessoas que leram as seis matérias analisadas. Contudo, também se buscou, com este trabalho, através da técnica de entrevista, verificar a perspectiva dos jornalistas referente às matérias produzidas por eles e qual o posicionamento do gestor de Conteúdo Multimídia da Gazeta Grupo de Comunicações, Romar Rudolfo Beling, no que se refere às notícias que citam a Brigada Militar.

Os jornalistas entrevistados foram Fernanda Szczecinski, 25 anos, que trabalhou durante quatro anos no Jornal Gazeta do Sul e por cerca de dois anos na editoria de Polícia; Ana Cláudia Müller, 32 anos, que também trabalhou na Gazeta por quatro anos e um ano na editoria de Polícia; Cristiano Silva, 31 anos, que há aproximadamente meio ano responde pela editoria no jornal. Além disso, também foi ouvido o jornalista Lorenzo Franchi, 24 anos, que atuou na editoria de Polícia do Grupo Gazeta por aproximadamente cinco meses. Antes de descrever o que cada jornalista pensa sobre suas matérias produzidas e como os leitores avaliam esses conteúdos, torna-se importante entender a linha editorial que o Jornal Gazeta do Sul segue no que se refere às notícias policiais.

### **5.2.1 A perspectiva do jornal**

A editoria de Polícia tem orientação rigorosamente igual a de todas as editorias, de acordo com o gestor de Conteúdo Multimídia da Gazeta Grupo de Comunicações, Romar Rudolfo Beling. A linha editorial do veículo considera os fatos no âmbito de polícia, segurança, violência ou ocorrências no trânsito de forma igualitária, sendo que todos são avaliados e abordados com o mesmo peso ou importância das demais áreas em sociedade (política, educação, saúde, arte & cultura, esportes, infraestrutura, agronegócio, vida em Sociedade etc). Ou seja, não há uma priorização para um segmento ou para um acontecimento em detrimento dos demais, porque o veículo compreende que o seu papel é informar de maneira ampla e

irrestrita, sobre tudo o que ocorre na região. “Tanto que, por conta disso, cada uma dessas editorias tem seu espaço reservado diariamente na edição, com as variações compreensíveis e eventuais de mais ou menos espaço conforme ocorram mais coisas ou mais fatos em determinada área.” (BELING, 2020).

Conforme Beling (2020), as sugestões de pautas ou os acontecimentos que envolvem a Brigada Militar são avaliados e conduzidos exatamente como ocorre em relação aos demais organismos dessa área, sem necessariamente priorizar uma em detrimento das demais.

Uma regra é pontual: a equipe de profissionais da Gazeta não toma por base apenas releases ou comunicados; nossos jornalistas são orientados a, recebendo releases ou indicações de pauta, fazerem contato direto com as fontes e com as partes envolvidas. Sob nenhuma hipótese publicaremos qualquer nota de que não possamos ter, nós próprios, confirmado se as informações conferem, e sem adequar o conteúdo de notas/releases/divulgações à nossa própria linha editorial e de padrão de linguagem. (BELING, 2020).

Diante disso, o profissional explica que toda e qualquer informação que chega da Brigada Militar, seja por relise<sup>23</sup>, seja por contato direto de algum profissional ou por indicação de pessoas da comunidade, será, por obrigação de protocolo editorial, entrar em contato direto com as partes envolvidas, com todas elas, e não apenas o ponto de vista, o depoimento ou a informação transmitida por uma delas.

O destaque em cada edição se impõe pela importância do acontecimento ou da ação, conforme a sua repercussão na realidade local, e isso a cada dia os editores e os jornalistas discutem em conjunto, no momento de conduzir a pauta. O relato de Beling vai ao encontro do pensamento de Peucer (2004), que destaca que os profissionais do Jornalismo precisam ter capacidade de julgamento, no sentido de verificarem o que de fato pode fazer a diferença na vida do leitor, ouvinte ou telespectador, valendo a pena ou não ser publicado. Na mesma linha, Kunczik (1997) diz que selecionar notícias significa restringir o volume de informações e essa seleção é feita por jornalistas que avaliam o que deve ou não ser publicado.

O gestor de Conteúdo Multimídia endossa que não há nenhum tipo de parceria entre o Jornal Gazeta do Sul e a Brigada Militar no que tange a conteúdo, pois o veículo é e sempre será independente, isento e imparcial, não apenas em relação à BM, mas em relação a todas as entidades e organismos. “Para nós, tanto a Brigada Militar quanto os

---

<sup>23</sup>Material informativo que tem como objetivo servir aos jornalistas de redação com conteúdos relevantes sobre uma determinada marca, empresa ou produto. O relise é utilizado principalmente pelas assessorias de imprensa.

demais organismos da área são fontes de informação, cujas manifestações são válidas e importantes em termos de segurança pública.” (BELING, 2020). Nesta mesma linha, Albernaz e Caldeirinha (2009) elencam os desafios de cobrir acontecimentos na área da segurança pública, sendo o maior deles a construção de um Jornalismo mais qualificado, capaz de contribuir para a formação de uma sociedade na qual a segurança é vista como responsabilidade e dever de todos. Porto (2009) acrescenta que a realidade é construída justamente através das imagens veiculadas, do que é escrito e publicado a partir das entrevistas feitas.

Segundo Beling (2020), o conteúdo relacionado à Polícia é conduzido de forma profissional, a tal ponto que eventualmente o jornal e os veículos da Gazeta publicam conteúdos que, por vezes, não são os que talvez um organismo “queria” que saísse, ou que a própria BM eventualmente questione. “Isso é parte indissociável do “fazer Jornalismo”, do informar, de não apenas veicular releases ou pontos de vista de um dos lados. Não abrimos mão, jamais, da amplitude de olhar, de ouvir todos os lados.” (BELING, 2020).

A seleção de fontes no âmbito da Polícia segue a orientação das demais editorias. De acordo com Beling (2020), sempre é preciso haver o contraponto, a palavra do outro lado envolvido ou, no mínimo, esse lado deve ser contatado. Ele explica que se o contato não foi possível, isso deve ser explicitado no texto. Contudo, tanto na matéria que aborda as denúncias de que os policiais teriam agredidos os indivíduos suspeitos do assalto ao Sicredi de Vale Verde, quanto na das agressões por parte dos policiais na Oktoberfest, até hoje o jornal não fez outras matérias para expor se realmente as agressões são verídicas – embora o caso da Oktoberfest tenha sido comprovado.

Beling (2020) esclarece que quando a fonte específica é a Brigada Militar, seja por acontecimento factual, seja por pauta exclusiva que está sendo conduzida pela editoria de Polícia da Gazeta, as fontes são selecionadas, junto à BM, entre os responsáveis por aquele setor ou aquela função, ou porque se trata dos profissionais diretamente envolvidos. “Nossa relação com a Brigada Militar é exatamente igual à que temos com os demais organismos da área e com todas as demais áreas públicas ou privadas.” (BELING, 2020).

Tanto em conteúdos polêmicos envolvendo policiais militares, quanto em todas as demais pautas de cunho mais polêmico, a regra é, de acordo com o gestor de conteúdo multimídia, ouvir sempre e de forma irrestrita os dois lados. Ele reforça que o



Jornal Gazeta do Sul não toma partido, pois o papel é informar, mostrar uma situação que está ocorrendo ou uma polêmica em curso. O fato de eventualmente uma das partes se dizer insatisfeita é porque, de acordo com Beling (2020), certamente preferiria ou gostaria que apenas seus interesses fossem levados em conta.

O gestor destaca que o veículo contribui para a imagem da Brigada Militar exatamente da mesma forma como contribui para a imagem de qualquer outra entidade ou instituição, pública ou privada. Ocupa-se de divulgar fatos, acontecimentos, elaborar conteúdos, preservar e recuperar a memória, a história e a cultura da região.

O jornal divulga e abre espaço para o trabalho de profissionais, empresas e instituições, entre elas a Brigada Militar. Quem faz a imagem da Brigada Militar, ou influi nessa imagem, não é a Gazeta, e nem é o jornal, a rádio, o portal. Quem faz e quem zela por essa imagem da Brigada é a própria Brigada, por sua forma de atuação. (BELING, 2020).

Ainda na opinião de Beling (2020), o jornal, o rádio, o portal dão espaço e ajudam a repercutir junto ao público o que a Brigada Militar fez ou os fatos nos quais esteve envolvida. Cumpre-se, assim, o papel do Jornalismo que, conforme Bucci (2000), é justamente de informar, esclarecer, abrir para o público o acesso à informação, à educação e ao conhecimento, guardando uma distância crítica em relação ao senso comum e mostrando os trabalhos das instituições, como o da Brigada Militar.

Em Santa Cruz do Sul e região, tomando por base a forma como a Gazeta conduz sua editoria de Polícia, o gestor de conteúdo multimídia tem a percepção de que a imagem da Brigada Militar é amplamente positiva devido à proatividade, presteza em atender às necessidades da população, por sua agilidade, e por suas ações pontuais em favor da segurança e na inibição de criminalidade. Ele ainda destaca que na área da Polícia e Segurança, é evidente que o jornal fornece uma atenção especial diária à BM por ela atuar de maneira constante e pontual na inibição da violência ou no atendimento a ocorrências de segurança, como acidentes, assaltos, furtos, distúrbios diversos etc. A orientação para a editoria é de se dirigir sempre que possível e rapidamente até o local dos fatos.

Para a Gazeta do Sul, conforme Beling (2020), divulgar matérias sobre a Brigada Militar é manter seu público informado sobre a atuação pontual na inibição à violência e no atendimento às demandas em segurança, o que é sempre uma das preocupações centrais diárias de cada pessoa. “E, nesse sentido, é praticamente impossível não referir ou não mencionar a atuação da Brigada Militar em todas as nossas plataformas.” (BELING, 2020).

## 5.2.2 A perspectiva dos jornalistas

Partindo do pressuposto de que os jornalistas são fundamentais na conduta de apuração e construção de narrativas acerca da realidade, e considerando ainda que a rotina dos mesmos nem sempre reflete de forma transparente aquilo que a empresa para a qual trabalham apregoa, também buscamos ouvir os autores das seis matérias em análise. Eles relataram como se deu o processo de produção e suas visões a respeito de como a imagem da Brigada Militar é representada nos textos.

A jornalista Fernanda Szczecinski é a autora da matéria *“Caçada a ladrões de banco acaba como denúncia anônima”*. A profissional destaca que tomou conhecimento das supostas agressões e torturas dos policiais militares aos suspeitos do assalto do Sicredi de Vale Verde, porque teve acesso aos boletins de ocorrência e fotografias dos suspeitos machucados. Ela afirma que a informação foi passada por uma fonte em off<sup>24</sup> que prefere não revelar. “Mas tenho até hoje os boletins oficiais e as fotos que comprovam os fatos.” (SZCZECINSKI, 2020).

Quanto ao espaço menor dado à Brigada Militar para se pronunciar sobre o ocorrido, a jornalista explica que não foi proposital e que, nesse quesito, entram questões organizacionais. Como o foco da matéria era a denúncia referente às agressões, o contraponto costuma ser, normalmente, conforme Szczecinski (2020), um pouco menor, até em função do espaço físico do jornal. Diante disso, ela defende que a denúncia necessita de mais espaço para ser relatado o contexto, além de introdução, entre outros itens, sendo o contraponto geralmente mais direto.

Naquele caso específico, o tenente-coronel que deveria ter dado o contraponto em questão desligou o celular e não me atendeu. Tive que recorrer ao subcomandante dele, que não tinha muita propriedade sobre o assunto e falou pouco. Mas foi dada oportunidade e espaço para se manifestarem no dia. (SZCZECINSKI, 2020).

Na avaliação da jornalista, a publicação da matéria não foi prematura, mesmo se tratando de um assunto polêmico. Conforme Szczecinski (2020), existem boletins de ocorrência, fotografias e a Brigada Militar foi convocada a dar sua versão, não havendo motivos para adiar a publicação. Embora seja um tema de muita repercussão, a jornalista observa que não tem como afirmar se a matéria pode ter trazido uma imagem positiva ou negativa sobre a Brigada Militar. Ela entende que a matéria trouxe um fato

---

<sup>24</sup> Fonte em off significa uma pessoa que foi entrevistada, mas que por uma série de motivos, prefere não se identificar, mantendo o anonimato e preservando a identidade.

e, diante disso, a imagem da instituição pode ter sido afetada ou não. “Pelos comentários que li no Portal Gaz na época, lembro que boa parte da população se posicionou em defesa da BM”. (SZCZECINSKI, 2020).

A reflexão antes da publicação dessa matéria, se o conteúdo pode colocar a sociedade contra o trabalho da Brigada Militar, não é papel do jornalista, de acordo com Szczecinski (2020). A preocupação que deve existir é a de permitir que a sociedade tenha acesso aos fatos, especialmente aqueles que estão relacionados ao desrespeito para com os direitos humanos. Ela reforça que houve uma preocupação com a resposta da BM, o que é o correto na visão dela. “Fui exposta nas redes sociais e chamada na sala do coronel para conversar. Fui repreendida por ele, ouvi sobre como deveria ter feito meu trabalho.” (SZCZECINSKI, 2020).

Ao ser questionada se o jornal buscou, posteriormente, acompanhar o desenrolar da história e verificar se realmente houve algum tipo de agressão e tortura por parte dos policiais militares, a jornalista respondeu que entrou em contato com a corregedoria da Brigada Militar e com o Ministério Público, mas nunca obteve respostas. Por fim, a profissional complementa que o desejo de publicar o conteúdo está relacionado ao critério de veracidade dos fatos. “Ou seja, termos certeza de que eles aconteceram e como aconteceram e a relevância deles para a população no geral. Foi o que fizemos nessa matéria. Tínhamos provas e entendemos que era um caso grave de abuso de poder, que precisa ser denunciado.” (SZCZECINSKI, 2020).

Reis (2020) destaca que é temerosa a afirmação de que houve a agressão por parte dos policiais se a jornalista ou qualquer outra pessoa não esteve no momento da ocorrência. Contudo, ele acredita ser função da sociedade fazer o julgamento do que é ou não correto. Para o comandante, uma notícia em que o público não aceite ou discorde totalmente pode tirar o que há de mais precioso em um veículo de comunicação, que é a credibilidade. Em consonância, Wagner (2016) reforça a importância da mídia e frisa que a sociedade recorre aos meios de comunicação, porque eles são capazes de elaborar o entendimento da realidade, os quais, para muitas pessoas, são considerados referência. Já outras, com uma capacidade crítica maior, duvidam de alguns fatos divulgados na mídia.

O jornalista Cristiano Silva, que ainda trabalha no Jornal Gazeta do Sul, também foi um dos profissionais entrevistados. Ele é autor da notícia “*Reconhecimento para um herói da comunidade*”, a qual informa que o major André Sebastião Santos dos Santos foi homenageado oficialmente como patrono do 23º Batalhão de Polícia Militar sediado

em Santa Cruz do Sul. O oficial morreu em combate no ano de 2008. Na opinião de Silva (2020), matérias como essa são capazes de sensibilizar o leitor e instigá-lo a criar uma imagem positiva da Brigada Militar. Isso ocorre porque geralmente quando acontece algum crime, situação tensa ou mesmo adversa entre familiares ou vizinhos, o primeiro órgão de segurança a ser lembrado, e por consequência chamado, é a Brigada Militar. “Infelizmente é uma instituição que acaba sendo marginalizada pela sociedade em muitos casos por motivos diversos”. (SILVA, 2020).

Diante dessa “marginalização” da instituição, o jornalista acredita que quando um policial acaba falecendo é importante dar o reconhecimento pelo trabalho prestado à sociedade.

Neste caso, em específico, o oficial tombou em combate, no exercício de suas funções, em 2006. Nessa data ele não estava escalado para o serviço, mas permaneceu no policiamento, fato que amplia a dramaticidade da história e deixa um legado de admiração e respeito por parte dos policiais militares e da comunidade santa-cruzensense. (SILVA, 2020).

O jornalista acredita que a maioria das pessoas compartilha da opinião de que os policiais não se arriscam no exercício de suas funções, fazendo um policiamento de vigia e, quando ocorre algo mais ostensivo, acabam por não colocar a vida em jogo. Contudo, para o profissional, é justamente o contrário que acontece, pois os policiais militares são a primeira linha de defesa do cidadão gaúcho – ideia esta que vai ao encontro das palavras de Reis (2020), ao afirmar que a expectativa da sociedade para que a Brigada Militar dê alguma resposta diante dos acontecimentos é muito grande. Além disso, Reis (2017) reforça que a polícia é o único órgão presente em todos os locais, durante as 24 horas do dia e todos os dias da semana, podendo ser rapidamente acionada principalmente quando coisas ruins acontecem.

Para Silva (2020), mostrar o ato de sacrifício do major André Sebastião Santos dos Santos proporciona à comunidade melhor entendimento sobre a importância do trabalho da Brigada Militar pela segurança. “Até por isso, busquei não relatar apenas o fato de ele ser agraciado com a homenagem e ter o seu nome colocado como patrono de um Batalhão de Polícia Militar (BPM), o 23º, sediado em Santa Cruz do Sul.” (SILVA, 2020). Ele explica que tentou ampliar a matéria com informações adicionais, como detalhes sobre a trágica noite em que o major foi baleado por um disparo de fuzil na troca de tiros contra assaltantes que trabalhavam com o traficante mais perigoso na época, o Seco.

A preocupação do jornalista Cristiano Silva em ampliar a matéria e sempre mostrar todos os lados da história vai ao encontro do que Traquina (1999) assinala, quando diz que o jornalista é um porta-voz da opinião pública, capaz de dar expressão às diferentes vozes, detalhando os acontecimentos. Para Reis (2020) matérias como esta trazem uma visão positiva da Brigada Militar, por mostrarem o esforço dos policiais e, muitas vezes, o quanto eles colocam a vida em risco para proteger a sociedade. Para o comandante, a mídia é o principal vetor que leva informação às pessoas, que tira a sociedade da situação de desinformação chegando a pensar que ninguém está tomando alguma atitude, quando na verdade está, exemplo do policial que tombou em combate.

Autora das matérias analisadas *Polícia vai investigar confusão entre morador do Avenida e PMs, Visitantes dizem ter sido agredidos por PMs na Oktoberfest e Sargento Sortica: o ex-xerifão de Monte Alverne*, a jornalista Ana Cláudia Müller também destacou sua visão quanto aos conteúdos produzidos na época em que atuava na editoria de Polícia do Jornal Gazeta do Sul.

Especificamente em relação à matéria sobre a confusão entre morador do Avenida e PMs, Müller (2020) explica que o vídeo do acontecimento passou a circular em grupos de WhatsApp e chegou no diretor de conteúdo da Gazeta da época, Igor Müller. Como não fazia muito tempo que o jornal havia noticiado uma suposta agressão de policiais a um motorista em uma blitz do Balada Segura, sendo feitas diversas matérias sobre assuntos semelhantes, optou-se pela divulgação da matéria. Ela explica que inclusive foram ouvidos especialistas sobre comportamento dos policiais militares a partir da análise do vídeo. “Então me lembro que o assunto truculência policial estava em alta na cidade. Precisávamos contar mais esse relato sobre outro suposto excesso dos policiais.” (MÜLLER, 2020).

A profissional reforça a importância de serem ouvidos os dois lados da história. “Não cabia a nós, como jornalistas, verificar quem realmente estava correto. Cabia à Brigada Militar fazer essa apuração sobre a reclamação de excesso por parte dos PMs.” (MÜLLER, 2020). Diante desse acontecimento foi aberto um inquérito policial militar para investigação do caso.

O conhecimento a respeito da agressão de PMS a visitantes da Oktoberfest também chegou ao jornal na época por meio de redes sociais. A jornalista relata que estava de plantão em um domingo quando viu no Facebook o relato de uma das fontes da matéria.

Consegui o contato do professor que dizia ter sido agredido e ele topou falar. Ao ler os comentários na postagem dele, vi que havia outro relato de possível agressão por parte dos PMs. Mandeí mensagem e consegui falar com aquela outra pessoa e percebi que os relatos tinham pontos em comum. (MÜLLER, 2020).

Segundo Müller (2020), sempre que há relato de excesso por parte de policiais militares a BM precisa abrir um inquérito policial militar. Contudo, a dificuldade do jornalista é apurar qual a conclusão desse inquérito, se não há uma fonte na corregedoria. “Eu não tinha. E por mais que tentasse, não descobri o que foi definido. O prazo para conclusão foi adiado algumas vezes. Depois, eu saí do jornal e não se voltou ao assunto.” (MÜLLER, 2020).

Ela acredita que o dever do jornalista é não ignorar fatos. Ou seja, se há relatos de excesso por parte de policiais militares é preciso contar desde que se ouça também a versão da corporação. Por outro lado, conforme Müller (2020), quando a BM faz ações positivas para a sociedade, também é preciso noticiar. Tal perspectiva vai ao encontro das colocações de Reginato (2016), diz que a finalidade do Jornalismo é informar de modo qualificado, de maneira que os fatos sejam apurados - e não ignorados - para que se saiba a veracidade.

Reis (2020), por sua vez, considera que a Brigada Militar não deve interferir no que os jornalistas devem ou não publicar. Caso alguma publicação feita pelo jornal não seja do agrado da instituição, o Comando redige uma nota e encaminha ao veículo. Contudo, ele destaca a importância da aproximação da imprensa com a Brigada Militar, pois acredita que é por meio da mídia que as pessoas têm, na maioria das vezes, conhecimento a respeito do trabalho realizado pela BM, incluindo o serviço de destaque de alguns profissionais.

Sobre a matéria referente ao sargento Sortica, Müller (2020) explica que a publicação aconteceu porque quando o policial se aposentou a comunidade de Monte Alverne ficou apreensiva, com medo de não ter mais um policial residindo na localidade e fazendo a segurança no interior. Diante disso, passaram a fazer contato com a Rádio Gazeta para pedir providências às autoridades. A partir daí, o jornal tomou conhecimento sobre a importância do sargento Sortica para os moradores de Monte Alverne, entendendo que ele mereceria destaque nas páginas impressas.

Eu acredito que mostrar os personagens que fazem parte de uma história, seja ela qual for, faz com que as pessoas tenham mais empatia. No caso do Sortica, por exemplo, provavelmente os moradores da área urbana não o conheciam. Essa matéria fez com que soubessem sobre seu trabalho. Fizemos outras reportagens nesse sentido. Acho que é importante humanizar, sempre que possível. (MÜLLER, 2020).

O relato da jornalista tem relação com o conceito de interesse público, conforme discutimos no capítulo 3.1 Christofolletti e Triches (2014) explicam que ele pode ser definido por meio de três perspectivas, sendo uma delas o que os jornalistas acham que a audiência quer, outra o que realmente é oferecido como prioridade nas notícias e, ainda, o que a audiência afirma querer. Do ponto de vista dos profissionais do Jornalismo, o que faria uma notícia ser considerada relevante é o quanto o fato realmente influencia a vida das pessoas, conforme a jornalista da Gazeta mencionou. Nesta mesma proposta, Traquina (1999) diz que o jornalista é capaz de dar expressão às diferentes vozes, contemplando, sobretudo, pautas que sejam de interesse público.

Ao buscarmos a visão da BM, retomamos as ideias de Reis (2017), que enfatiza que o trabalho da Brigada Militar é manter a ordem e a paz social e que a comunidade tem um papel importante na tentativa de controle da criminalidade. Isso porque, além de outras ações, pode levar as demandas à instituição no que se refere à segurança pública. Nesse caso, a comunidade buscou caminhos para que não ficasse desamparada no interior.

O jornalista Lorenzo Franchi, que não atua mais no Jornal Gazeta do Sul, é autor da matéria com o título “Brigada Militar recupera carga de tabaco roubada em Vale Verde” e em entrevista destacou que sempre teve o hábito de fazer rondas, mesmo fora do expediente. Em um desses contatos com as salas de operações foi informado da operação que já estava em andamento. Buscou se certificar do fato com fontes e começou a fazer o monitoramento. Próximo do desfecho recebeu uma ligação e pôde concluir a matéria, usando fotos cedidas pela Brigada Militar.

Logo quando iniciou a atuação no Grupo Gazeta se apresentou e se colocou à disposição dos órgãos de segurança. Conforme Franchi (2020), é interesse da Polícia divulgar ações de combate ao crime e orientar a população para que ela venha se precaver e não ser lesada. Assim como o coronel Reis, o jornalista Lorenzo (2020) destaca que a polícia atua com a inteligência ou ações ostensivas e a imprensa contribui com a mediação e essa parceria entre polícia e imprensa proporciona à sociedade a sensação de segurança. “Da mesma forma que o jornalista procura suas fontes para eventuais matérias/reportagens, a Polícia também busca os veículos de comunicação para difundir suas ações.” (FRANCHI, 2020). Reis (2020) se filia à fala do jornalista quando diz que toda a vez que a mídia for profissional, divulgar os fatos como realmente são, fazendo com que a razão e não a emoção norteiem o trabalho dos

jornalistas, a imprensa não irá prejudicar o trabalho da Brigada Militar. Para Marques e Veloso (2014), a imprensa possui interesses próprios ao abordar o assunto segurança pública, porque ao tratar de uma área da administração pública, faz com que também esteja inserida em um jogo de interesses públicos e privados.

Em relação às expressões contidas na matéria, como “ação rápida” e “resposta rápida”, o jornalista explica que foram usadas com o intuito de reforçar o trabalho policial, a forma como foi desenvolvido e o desfecho. De acordo com Franchi (2020), o objetivo em questão foi para reforçar o êxito na operação e o quanto a Brigada Militar está preparada para reprimir ações criminosas no Vale do Rio Pardo. “Ação rápida, resposta rápida, além de agregarem sentido à competência trazem a sensação de segurança. Poucas horas após o crime, a polícia havia recuperado a carga, o caminhão e os reféns estavam amparados. Ação efetiva, ágil e precisa da polícia”, (FRANCHI, 2020).

Para Franchi (2020), a segurança pública é de interesse de todos, pois todo o cidadão quer viver bem. Com atualizações de leis, como a do Abuso de Autoridade, o contato entre jornalistas e policiais tornou-se mais distante. Diante disso, conforme ele, é preciso ter sensibilidade, tanto do comunicador quanto do policial ao informar à sociedade sobre as ações que permeiam a atividade policial, assim como é dever do profissional de comunicação compreender que há fatos que não podem ganhar midiatização antes de um desfecho. Reis (2020) pondera que é temeroso qualquer precipitação ou antecipação de fatos ainda em andamento. Além disso, observa que críticas quanto ao trabalho da Brigada Militar fazem parte, só não podem mexer com o ponto de equilíbrio dos policiais, porque lidam com vidas de pessoas, que é o patrimônio mais caro a ser preservado.

Franchi (2020) destaca que o jornalista precisa ter responsabilidade e entender que a polícia é uma aliada da boa informação.

Assim como devemos cobrar, fiscalizar e estar atento a condutas indevidas, como comunicadores também nos compete a função de trazer bons exemplos, matérias que reforcem valores, como no caso Brigada Militar que recuperou a carga de tabaco roubada em Vale Verde. (FRANCHI, 2020).

Ele ainda reforça que o veículo não é assessoria para os órgãos de segurança, mas os jornalistas devem entender a força da mídia. Reis (2020) reforça que é por meio da mídia que a Brigada Militar também consegue se comunicar com a sociedade, levando algumas respostas. Percebemos, deste modo, que o Jornalismo assume um papel fundamental na engrenagem social e, como coloca Traquina (1999), as notícias



não apenas exercem o papel de motivar o debate público, mas também de provocar uma ação pública, mostrando a importância da mídia.

### 5.2.3 A perspectiva do público

O grupo focal reuniu 12 leitores do Jornal Gazeta do Sul e teve como intuito verificar o que os mesmos pensam sobre as matérias de editoria de Polícia do jornal. Foram selecionadas seis matérias que precisaram ser lidas pelos integrantes do grupo para que a discussão fosse mais assertiva.

Para preservar os nomes dos integrantes do grupo, os mesmos serão identificados por números. Inicialmente, o grupo ressaltou a importância do trabalho dos jornalistas de levarem notícias a todas as pessoas. Para a Integrante 1, o repórter tem a responsabilidade de informar o que realmente aconteceu. Com o excesso de acontecimentos que circulam diariamente na internet, para ela o jornal impresso ainda é uma das fontes mais confiáveis de notícias, com maior credibilidade, onde o que é lido costuma ser tido como verídico. A Integrante 2 também afirma que a responsabilidade de um jornalista de ser fiel ao que acontece é grande, enquanto o Integrante 3 destaca que entre os papéis dos jornais está sempre mostrar os dois lados da história, de maneira que todos os envolvidos ganhem voz. As visões dos integrantes se assemelham à de Bucci (2020) que acredita que o público espera de um veículo de comunicação esclarecimentos e informações sobre os fatos e que isso é papel e responsabilidade dos jornalistas.

Para a Integrante 1, um jornalista da editoria de Polícia, antes de tudo, deve ser uma pessoa extremamente neutra nas próprias colocações, preparado, dotado de ética, justamente porque escreve sobre matérias que costumam estar relacionadas a danos financeiros e morais, por se tratarem de roubos, violência, agressões. A responsabilidade de um jornalista de Polícia também é reforçada pelo Integrante 4, o qual diz que alguém sempre costuma ser acusado e isso é delicado. Nessa linha de pensamento, Kunczik (1997) explica que selecionar notícias significa restringir o volume de informações e essa seleção é feita por jornalistas que avaliam o que deve ou não ser publicado, o que é de suma responsabilidade. Reis (2020) concorda com o fato de que os jornalistas é que são qualificados para saber o que merece publicação. A decisão de veicular determinado assunto será positiva ou não dependendo da avaliação

do público, considerado os ‘clientes’ de um veículo de comunicação. Tudo isso, na visão do comandante, contribui para a construção da credibilidade.

Na opinião do Integrante 5, um jornalista que escreve matérias policiais precisa ser profissional, ou seja, ter conhecimento e ética em relação ao que aborda, além de ter capacidade de filtrar o que de fato é importante e do interesse da sociedade. Para todos os jornalistas entrevistados – Fernanda Szczecinski, Ana Cláudia Müller, Cristiano Silva e Lorenzo Franchi– trabalhar com a editoria de Polícia requer muita responsabilidade, mas assim como os erros cometidos pela Brigada Militar, todos concordam que é necessário também mostrar o outro lado, como aspectos positivos, seja destacando um policial que deu a vida para salvar a sociedade ou muito fez por uma comunidade. Para Reis (2020), a repercussão e a qualidade das informações devem ser preocupações dos donos dos meios de comunicação. Além disso, o que merece destaque nas páginas do jornal, na perspectiva do comandante, deve ser selecionado de acordo com o público do jornal.

Sem serem questionados sobre uma matéria específica, os participantes falaram sobre a notícia com o título *“Caçada aos ladrões de banco acaba em denúncia contra policiais”*. Para o Integrante 4, a matéria mostrou a imposição militar e teve o papel de informar os acontecimentos e a denúncia. Na visão dele, a contextualização de todo o assalto, além da denúncia, tornou a matéria bastante completa. Contudo, enquanto para o Integrante 4 a notícia não pareceu favorecer o lado dos criminosos, que poderiam ter supostamente sido agredidos, os demais integrantes tiveram uma opinião diferente.

Na opinião do Integrante 6, a matéria falou sobre as denúncias que ocorreram em 2019, mas deixa dúvidas, pois até hoje não se tem conhecimento de quem estava certo, ou seja, se realmente os criminosos foram agredidos e torturados pela Polícia. Embora as torturas tivessem sido detalhadas na matéria e mesmo que o delegado regional Luciano Menezes tenha sido ouvido para falar sobre as denúncias, o Integrante 6 afirma: “Eu sempre prefiro acreditar na Polícia do que nos bandidos. Para saber e afirmar se realmente os criminosos foram torturados tem que se apurar bem os fatos”. Percebemos aí a importância do trabalho ético e qualificado dos jornalistas. Reginato (2016) afirma que é dever desses profissionais apurar bem os fatos, pesquisar e verificar se realmente algo aconteceu para que então seja publicado. Já Chaparro (2001) afirma que o papel que o Jornalismo deveria cumprir – e que teria deixado de cumprir ou estaria cumprindo mal – é investigar, para que assim possa estabelecer sentidos intelectualmente honestos ao que acontece e é relatado.

Para o Integrante 7, ao fazer a leitura da matéria, ele afirma que teve a impressão de que a jornalista deixou a emoção tomar conta, havendo um favorecimento aos criminosos. “Na matéria a jornalista abordou muito o lado dos criminosos. Eu entendo que até podem existir policiais corruptos, mas pela forma com que foi escrita, ela puxou para um lado só”, comenta. Conforme foi visto em seção anterior, a jornalista Fernanda Szczecinski se defende dizendo que foi dada oportunidade para que um oficial da Brigada Militar se pronunciasse. Contudo, nesse caso específico o tenente-coronel que deveria ter dado o contraponto em questão desligou o celular e não atendeu Fernanda. Após esse episódio, a profissional disse ter recorrido ao subcomandante dele, “que não tinha muita propriedade sobre o assunto e falou pouco. Mas foi dada oportunidade e espaço para se manifestarem no dia” (SZCZECINSKI, 2020).

Na mesma linha de pensamento do Integrante 7, os integrantes 2 e 5 citaram os direitos humanos e ambos defenderam a ideia de que, na maioria das vezes, na sociedade, os criminosos são defendidos e tidos como “coitados”. No caso da matéria mencionada, o Integrante 5 ressaltou: “O policial só aplica os seus treinamentos e conhecimentos. Por trás de uma farda existe um ser humano e um policial não tem sangue de barata. Em alguns casos entendemos por que algumas agressões acontecem”.

Para o Integrante 4, assim como no ponto de vista da Integrante 8, não havia necessidade da jornalista ter deixado tão explícito de que forma os criminosos foram torturados, até porque não há nada até o momento que comprove que realmente as agressões aconteceram e a maneira como foram feitas. Todos os participantes do grupo focal foram unânimes em dizer que acreditam que algum posicionamento mais rígido tenha sido aplicado pelos policiais, mas nenhum acredita que de fato as torturas tenham acontecido como descrito na matéria, deixando muitas dúvidas por parte dos leitores. Além disso, a palavra “tortura”, para todos eles não foi adequada e apesar dos questionamentos se as agressões realmente aconteceram, os integrantes acreditaram que a publicação foi válida, pois é um assunto que chama atenção, justamente pelo fato de que a maioria das pessoas leem e dão mais importância para fatos negativos. Parte desse pensamento vai ao encontro do que acredita a jornalista Fernanda, que escreveu a matéria. De acordo com a profissional, havia provas de que as agressões aconteceram e ela entende que era um caso grave de abuso de poder que precisa ser denunciado.

Na discussão sobre as matérias “Polícia vai investigar confusão entre morador do Avenida e PMs” e “Visitantes dizem ter sido agredidos por PMs na Oktoberfest”, o Integrante 9 manifestou a sua opinião dizendo que na maioria das vezes os policiais

militares necessitam ser mais rígidos, firmes e agressivos, senão o respeito se perde ainda mais. Para todos os integrantes, é preciso analisar os dois lados da história. O Integrante 3 afirma que nas duas matérias as pessoas buscaram fazer o que era proibido naquele momento, ou seja, na primeira matéria o som alto em horário inadequado, na segunda, estar em um local onde os policiais já haviam solicitado para se retirarem. Contudo, acredita que algumas pessoas boas acabaram sendo punidas injustamente pela falta de respeito e pelo erro de outras. Ainda para o Integrante 3, por mais que os policiais tenham errado na agressão, nenhum policial, nas duas situações tem tempo para um diálogo tranquilo, pois em momentos como o citado na matéria, é preciso agir rapidamente e tomar uma decisão em pouco tempo.

No entanto, para o Integrante 4, as matérias sobre as agressões trazem a ideia do quanto existe o abuso de autoridade e, ainda, o exagero por parte dos policiais. “Muitas vezes eles passam dos limites, conforme deu para ver nas matérias”, comenta. Nesse caso, Reis (2017) sugere que as formas de fazer as pessoas construírem uma imagem positiva da Brigada Militar está no investimento na profissionalização dos recursos humanos, ou seja, apostar na qualificação dos policiais para que sejam diminuídos os erros no exercício da atividade policial. Já o Jornalismo, conforme Chaparro (2001), tem o papel de levar informação confiável ao público e isso acontece através de boa apuração para que uma instituição ou pessoa não seja culpada ou julgada por uma ação que não tenha cometido.

Na opinião da Integrante 8, a partir das três matérias lidas sobre as agressões por parte dos policiais, é difícil avaliar se a atitude dos militares foi correta ou não. “Nós não sabemos tudo o que as pessoas falaram e fizeram com eles para eles agirem assim, até porque a matéria não relata isso”. Nessa mesma linha de pensamento, o Integrante 8 afirma que a questão que muitas pessoas não levam em conta é de que um policial dificilmente – para não dizer nunca – é bem recebido em uma ocorrência e é preciso levar em consideração tudo o que esses profissionais passam. No caso da matéria referente às agressões na Oktoberfest, ele destaca: “Esses policiais já vêm de outras cidades para trabalharem na Oktoberfest justamente para não terem nenhum vínculo com as pessoas da cidade e eles não vão trabalhar para mostrar os dentes”. A opinião do integrante 8 está relacionada ao pensamento de Calazands (2003), para quem o ofício de policial militar é marcado por uma violência real e a instituição é caracterizada por um modelo que fica submetido à militaridade, que consiste na imposição de uma autoridade sobre determinadas pessoas.

Durante a discussão do grupo focal, os participantes destacaram que a Brigada Militar não é uma instituição falha. Em alguns momentos alguns policiais poderiam controlar mais os impulsos, mas isso não faz deles profissionais ruins. O Integrante 7 ainda destacou: “A Brigada Militar é chamada para resolver um problema e ajudar as pessoas”. Reis (2020) enfatiza que se torna importante que todas as pessoas questionem o trabalho da Brigada Militar para que seja provocada uma reflexão e aprimoramento do serviço no que for necessário. “Temos que estar preparados para tudo isso. Se disserem que somos bonitos ou feios, temos que continuar trabalhando, focando na nossa missão.” (REIS, 2020).

Quanto às matérias referentes ao sargento Sortica, à recuperação da carga de tabaco roubada em Vale Verde e ainda à nova denominação do 23º Batalhão de Polícia Militar em homenagem ao major André Sebastião Santos dos Santos, que tombou em combate, os 12 participantes concordaram com os argumentos dos jornalistas autores das matérias, defendendo a ideia de que as notícias estabelecem uma visão positiva e de aproximação da comunidade com a Brigada Militar. Na visão do Integrante 3, ao começar a ler a matéria do sargento Sortica, na qual ele foi denominado de xerifão de Monte Alverne, inicialmente teve a impressão de que em seguida seria relatada uma situação mais negativa, pois a palavra “xerifão” remete aos filmes antigos e trazem uma visão de um policial autoritário e arrogante. Contudo, na visão do Integrante 3, com o desenrolar da matéria foi possível perceber a suavidade e tom positivo do texto. Para a Integrante 10, ela sempre teve a visão de que o policial é amigo e independente do tom negativo ou não de uma matéria, a admiração pelo trabalho da Brigada Militar permanece. Para a Integrante 8, matérias como essa são positivas e trazem um certo “alívio” ao mostrarem a importância do trabalho da instituição.

Quanto à matéria da carga de tabaco recuperada, a Integrante 1 afirma que o texto aborda o trabalho da Brigada Militar de uma forma positiva ao utilizar as expressões “a resposta rápida da Brigada Militar” e ainda “horas depois, o caminhão foi localizado”. Ela destaca: “A matéria traz todas as informações do roubo em um lugar, carga encontrada em outro, caminhão localizado em outro local. Isso mostra o quanto a Brigada Militar trabalhou para encontrar o material e o quanto foi rápida”.

Na opinião do Integrante 11, todos os jornais trabalham com manchetes que devem chamar atenção dos leitores. No caso das matérias analisadas, é preciso levar em consideração que os policiais agem conforme a realidade em que vivem. No caso dos policiais que teriam agredido visitantes na Oktoberfest, o Integrante 11 observa que um

posicionamento mais rígido por parte dos militares – que atuam em outras cidades – tenha acontecido, pois na cidade onde eles desempenham o próprio trabalho, atitudes dos visitantes dão margem para crimes maiores e, em função disso, precisam se impor.

Após as discussões, os participantes do grupo focal foram solicitados a responder a seguinte pergunta: diante do que foi lido, o jornal fez vocês terem uma visão positiva ou negativa dos policiais militares? Os integrantes concordaram entre si com o fato de que nenhum tipo de agressão, violência, abuso de autoridade por parte dos policiais tenha sido correta. Além disso, acreditam que as matérias foram relevantes por mostrarem o trabalho da Brigada Militar, tanto os erros quanto acertos. Contudo, acreditam que especificamente na matéria sobre a denúncia de que os criminosos envolvidos no assalto ao Sicredi de Vale Verde tenham sido torturados pelos policiais, a jornalista não deveria ter descrito tantos detalhes sobre as agressões as quais ainda não se tem provas concretas de que realmente aconteceram. Além disso, todos concordaram de que a palavra “tortura” utilizada algumas vezes na matéria não tenha sido ideal.

No entanto, apesar do jornal ter destacado atitudes de agressões por parte dos policiais, pelo fato de todos os integrantes do grupo focal terem conhecimento do trabalho da Brigada Militar e da importância da instituição na sociedade, todos afirmaram que as matérias não chegam a contribuir para a construção de uma imagem negativa da Brigada Militar. O que acontece é que a partir do que é lido os leitores tomam conhecimento de que a instituição também erra, assim como todos os outros seres humanos, e que em determinadas situações os policiais militares devem cuidar as atitudes, de maneira que não deixem a emoção “falar” mais alto do que a razão. Além disso, todos foram unânimes em dizer que o jornal é capaz de influenciar opiniões. Inclusive a Integrante 10 ressaltou que o jornal influencia de acordo com o que é publicado e como é publicado.

Para os integrantes, caso o jornal não trabalhasse temas como agressões por parte dos policiais, a sociedade não teria conhecimento de que a Brigada Militar, em alguns momentos, também pode cometer algumas falhas. No entanto, para os participantes, não se deve deixar de lado a compreensão da importância da prestação serviço da instituição no Vale do Rio Pardo.

### **5.2.3.1 O grupo focal na avaliação dos participantes**

Todos os integrantes, ao término do encontro, avaliaram o grupo focal positivamente, compreendendo como bastante válida a realização do mesmo. Um dos integrantes respondeu que o debate foi válido porque uma notícia, ao ser lida, dificilmente é analisada em diversos ângulos, sendo que o grupo focal provocou essa discussão.

Outro afirmou achar o encontro interessante e se mostrou contente ao perceber que “muitos torcem para o bem comum e ordem da comunidade. Brigada Militar, Polícia Civil e equipe jornalística são órgãos de grande relevância e precisam ser de credibilidade”. Entre as respostas, há também quem destacou: “Foi muito bom. A gente confia ainda na Polícia” e outra pessoa opinou sobre a realização do grupo focal da seguinte forma: “Um padrão de ideias boas visando o bem da comunidade e valorizando o policial profissional”.

Uma das participantes salientou que antes da realização do grupo focal não possuía uma opinião formada, mas ao avaliar outros pensamentos e posicionamentos foi possível construir uma determinada opinião, sendo importante esse tipo de discussão. Outro integrante frisou: “O grupo focal foi muito bacana. Com ele foi possível não somente avaliar outras opiniões, mas até mudar o pensamento sobre a atuação da Brigada Militar”.

Em meio a todas as avaliações destacando a importância de se estabelecer discussões sobre a segurança pública, mais especificamente sobre o trabalho da Brigada Militar, um dos participantes enfatizou que percebeu que a maior parte dos integrantes é a favor da imposição militar. Para ele, o grupo gerou discussões bastante interessantes, mas também teria sido interessante ouvir pessoas negras que “muitas vezes sofrem com ações da polícia sem motivo”.

### **5.3 Que imagem da BM o Jornalismo da Gazeta constrói?**

A partir das quatro perspectivas apresentadas até aqui – da BM, da Gazeta, dos jornalistas e do público –, percebemos que o veículo de comunicação também tem o papel de mostrar as falhas da Brigada Militar, porque é uma das funções do Jornalismo, mas todos os jornalistas entrevistados – Fernanda Szczecinski, Ana Cláudia Müller, Cristiano Silva e Lorenzo Franchi – concordam que assim como é preciso mostrar o que há de errado, também é necessário destacar o êxito do trabalho da BM em diversos momentos.

Além disso, o Jornalismo é capaz de construir imagens. Santos (2014) explica que a imagem começa a ser vista a partir do momento em que o homem é inserido na sociedade e quando a formação da autoimagem começa a ser relacionada ao mundo público e à cultura. Para ela, os estudos sociológicos demonstram que por mais individuais que a consciência e a identidade pareçam ser, não levam em conta uma localização social.

Benetti e Storch (2011), por exemplo, reforçam que o Jornalismo se constrói no interior do processo de negociação com o leitor, que o reconhece a partir do contrato de comunicação. O Jornalismo é organizado a partir de uma enunciação que leva em conta a relação com o outro. Por falar em contrato, não se pode deixar de citar o contrato de leitura. De acordo com Fausto Neto (2007), o contrato de leitura pode ser considerado um conjunto de normas e prescrições que um discurso propõe e prevê para que o receptor as observe como condição de interpretação. Além do mais, um contrato de leitura consiste na organização dos procedimentos do jornal ou veículo de comunicação para que consiga explicitar seus vínculos com seus enunciados e, assim, descrever a realidade ofertada.

Mesmo que Beling e todos os jornalistas reforcem que as matérias produzidas contemplem todos os pontos de vista das pessoas envolvidas, proporcionando um equilíbrio entre as opiniões e mantendo a imparcialidade, alguns participantes do grupo focal acreditaram que principalmente na matéria *Caçada a ladrões de banco acaba em denúncia contra policiais* a jornalista deixou a emoção tomar conta, não sendo imparcial, descrevendo todos os detalhes de uma agressão que até então não se sabe se de fato aconteceu. Os participantes do grupo não excluem a possibilidade de os policiais terem atitudes agressivas em algumas situações, mas afirmam entenderem que em determinados casos, se não existir pulso firme, o desrespeito toma conta. Além disso, um dos participantes observou que há casos em que policiais agredem pessoas negras que sofrem violência sem motivo e são pré-julgadas apenas devido à cor da pele.

Embora três das matérias analisadas relatem acontecimentos relacionados a agressões envolvendo policiais, todos os integrantes do grupo focal foram unânimes em afirmar que entendem que a Brigada Militar pode apresentar falhas, já que por trás de uma farda há um ser humano como todos os outros. Contudo, nenhuma das atitudes dos policiais mencionadas nessas matérias fez os participantes deixarem de admirar o trabalho da instituição. Todos acreditam que a mídia é capaz de exercer influência sobre o que as pessoas pensam, mas como a Brigada Militar existe há 183 anos no Rio Grande



do Sul e desde então exerce importante papel em termos de segurança pública, as matérias lidas podem até abordar a imposição militar, no entanto não fazem as pessoas acreditarem que é uma instituição que desempenha um trabalho ruim.

O gestor de Conteúdo Multimídia da Gazeta, Romar Rudolfo Beling, afirma que não há nenhum tipo de parceria entre o jornal e a Brigada Militar no que tange ao conteúdo e complementa dizendo que tanto a BM quanto os demais organismos da área são fontes de informação, cujas manifestações são válidas e importantes em termos de segurança pública. O coronel Valmir José dos Reis, comandante do Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo, ressaltou que a própria BM é uma fonte inesgotável de informações para a imprensa, mas a mídia também é capaz de aproximar a comunidade da instituição.

Reis (2020) afirma que não cabe à Brigada Militar avaliar se uma notícia tem ou não credibilidade. Os veículos de comunicação, como o Jornal Gazeta do Sul, são responsáveis por escolher o que desejam ou não publicar. Contudo, acredita que a partir do momento em que a emoção nortear o trabalho do jornalista e não a razão, isso acarreta um desserviço não apenas à Brigada Militar, mas também à comunidade. Sobre as matérias analisadas, o coronel destacou que é arriscado quando um jornalista faz a publicação sobre supostas torturas cometidas por policiais sem estar no local onde tudo aconteceu. Além disso, explica que jamais se arriscaria a se colocar ao lado de pessoas que deixaram em pânico toda a comunidade do Vale do Rio Pardo.

O coronel ainda ressaltou que sempre que um veículo de comunicação publicar algo contra o trabalho da Brigada Militar, a instituição irá se pronunciar por meio de uma nota oficial relatando os fatos. Contudo, ele diz ser fundamental uma aproximação da mídia e da BM, pois há interesses de ambos os lados.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização dos procedimentos metodológicos, como pesquisa bibliográfica, aplicação de entrevistas e realização de grupo focal, chega-se à conclusão deste trabalho. O referencial teórico trouxe temas que mereciam destaque para que a análise dos dados coletados com os entrevistados e com o grupo focal fosse ainda mais rica. Assuntos como segurança pública, imagem institucional, história da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo e no estado, papel do Jornalismo, entre outros, foram importantes para, posteriormente, cumprir os objetivos propostos e estabelecer relação e reflexão entre todos esses assuntos.

Por meio deste trabalho, foi possível verificar como a imagem da Brigada Militar pode ser construída através do que é publicado pelo Jornal Gazeta do Sul, onde diariamente são veiculadas na editoria de Polícia matérias que mencionem a BM. Nem sempre, como foi possível notar nas matérias analisadas, o trabalho da instituição é exposto positivamente, pois três das seis notícias escolhidas relatavam supostas agressões cometidas por policiais militares. O grupo focal foi aplicado justamente com a intenção de verificar qual a percepção dos leitores a partir das matérias publicadas.

O gestor de Conteúdo Multimídia do Jornal Gazeta do Sul, Romar Rudolfo Beling, argumenta que o veículo dá espaço, voz e vez a assuntos referentes à Brigada Militar assim como com qualquer outra instituição. Além disso, os jornalistas, durante o processo de construção das matérias, necessitam sempre ouvir um contraponto, principalmente quando se trata de assuntos mais polêmicos. O profissional ainda reconhece a importância da BM em termos de segurança pública para a sociedade.

Verificou-se que os jornalistas autores das matérias analisadas, Fernanda Szczecinski, Ana Cláudia Müller, Cristiano Silva e Lorenzo Franchi defendem a ideia de que é preciso divulgar tanto as ações positivas da Brigada Militar quanto as falhas cometidas, principalmente no que se refere ao abuso de poder. Assim como Beling, os jornalistas destacam a necessidade de sempre serem ouvidas todas as pessoas envolvidas em um assunto, de maneira que cada uma tenha o direito de se pronunciar.

Para o coronel Reis, comandante do Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo, os veículos de comunicação são capazes de contribuir para a construção da imagem da BM. Além disso, assim como a instituição é uma fonte inesgotável de notícias, o coronel acredita que a mídia também é um canal que torna

possível a comunicação da BM com a comunidade, pois é através do que é publicado que a Brigada consegue dar uma resposta à população sobre o trabalho que vem desenvolvendo. Ele ainda observa que as informações negativas sobre a BM que são veiculadas não podem interferir na qualidade do serviço dos policiais e que os mesmos precisam continuar focados na segurança e manutenção da paz pública.

O grupo focal foi um método de pesquisa fundamental para a realização deste trabalho, que teve como principal objetivo entender o papel do Jornalismo da Gazeta do Sul na construção da imagem da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo. A realização do encontro dos 12 leitores da Gazeta do Sul foi um desafio, justamente porque a monografia foi produzida em tempos de pandemia causada pelo novo coronavírus. No entanto, os integrantes compareceram presencialmente em uma sala da Unisc para realizar a conversa, mantendo o distanciamento e utilizando máscaras.

Através do grupo focal foi possível notar que todos os participantes se mostram a favor da instituição. Embora um dos participantes tenha destacado a imposição militar e o abuso de autoridade, os demais entendem que os policiais, na maioria das vezes, precisam pensar e agir rapidamente e isso resulta em atitudes agressivas em alguns casos. Todos os participantes acreditam que de fato as agressões tenham sido cometidas e se dizem contra esse tipo de ação. Contudo, especificamente na matéria *Caçada aos ladrões de banco acaba em denúncia contra policiais*, os participantes acreditam que as agressões não tenham ocorrido como de fato foram narradas, inclusive porque até hoje nada foi comprovado. Todos entendem as atitudes firmes dos policiais e reforçam que por trás de uma farda existe um ser humano que comete falhas, se estressa, se irrita como todos os demais.

Apesar de algumas matérias abordarem as agressões por parte dos policiais, todos os integrantes do grupo disseram não deixar de admirar o trabalho da Brigada Militar. Por se tratar de um órgão de segurança extremamente importante para a sociedade e por ter 183 anos de história e credibilidade, todos acreditam que independente do que for publicado, a admiração e o respeito pela instituição ainda predominam. Por outro lado, matérias que exaltaram o trabalho do sargento Sortica, a recuperação de uma carga de tabaco e o reconhecimento de um major que tombou em combate reforçam, para os integrantes, o quanto a Brigada Militar também exerce um papel positivo.

Os participantes do grupo focal avaliaram positivamente esse processo metodológico e afirmaram que apesar de lerem com frequência notícias da editoria de

Polícia, nunca haviam analisado minuciosamente uma publicação e o quanto ela é capaz de fornecer elementos para subsidiar a construção de opiniões. Um dos integrantes destacou que o grupo gerou discussões bastante interessantes, mas também teria sido válido ouvir pessoas negras, que “muitas vezes sofrem com ações da polícia sem motivo”. Diante disso, assumimos essa lacuna e concordamos que teria sido ainda mais rica a atividade se essa pluralidade fosse pensada.

A partir do que foi construído, é possível notar a responsabilidade enorme que o Jornalismo carrega. O papel essencial do jornalista é informar, mostrar todos os lados da história, apurar bem um assunto antes de ser publicado – e, assim, cumulativamente ele contribui com a construção de diferentes imagens, seja de pessoas, instituições públicas ou privadas. Quando uma instituição, como é o caso da Brigada Militar, carrega muitos anos de história e credibilidade, embora as notícias apresentem as falhas cometidas pelos policiais, a admiração permanece.

Conclui-se, ainda, que muito mais do que informar, o Jornalismo também é capaz de influenciar, mas diferente do que ocorria há muitos anos, atualmente as pessoas têm à disposição – e com fácil acesso – vários canais informativos, podendo checar, em caso de dúvidas, ou buscar veículos nos quais têm mais confiabilidade. Diante de tudo isso, uma coisa é certa: a boa apuração é fundamental no trabalho diário dos jornalistas para que se evite prejudicar a imagem de uma pessoa ou instituição.

Por fim, destacamos que a realização desta pesquisa foi fundamental para a formação acadêmica da autora para se entender ainda mais o quanto o Jornalismo é importante na sociedade e o quanto ele é capaz de fazer uma grande quantidade de pessoas criarem uma determinada imagem sobre uma instituição, mostrando assim o seu “poder”. Outras investigações merecem ser feitas em torno deste tema, em especial pela importância que a segurança pública tem na vida dos cidadãos.

## REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Elizabete; CALDEIRINHA, Daniela. *Cadernos Temáticos da Conseg: Mídia e Segurança Pública*. 2009. p. 12-15. Disponível em: <[https://www.novo.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/analise-e-pesquisa/download/outras\\_publicacoes/pagina-2/2cadernotematico\\_midia-e-seguranca-publica.pdf](https://www.novo.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/analise-e-pesquisa/download/outras_publicacoes/pagina-2/2cadernotematico_midia-e-seguranca-publica.pdf)> Acesso em 29 de abril de 2020.

BACKES, Dirce Stein; Colomé, Juliana Silveira; ERDMANN, Rolf Herdmann; LUNARDI, Valéria Lerch et al. *Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas*. P. 438-442. Disponível em: <[http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo\\_saude/88/10\\_GrupoFocal.pdf](http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/88/10_GrupoFocal.pdf)>. Acesso em 17 de outubro de 2020.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2001. Disponível em: <<https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Livros%20de%20Metodologia/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%3%A1lise%20de%20Conte%3%BAdo.pdf>> Acesso em: 11 de abril 2020.

BATISTA, Roseli Araújo. *Mídia & Educação: teorias do jornalismo em sala de aula*. Brasília: Thesaurus, 2007.

BELING, Romar. Posicionamento do Jornal Gazeta do Sul sobre as matérias da editoria de Polícia. Entrevista concedida a Kethlin Meurer, via e-mail. Santa Cruz/RS, dia 13 de novembro de 2020.

BENETTI, Marcia; STORCH, Laura. *Jornalismo, convergência e formação do leitor*. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/38298/41127>> Acesso em 15 de março de 2020.

BREED, Warren. *Controle social na redação: uma análise funcional*. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

BRIGADA MILITAR. Site de notícias. Disponível em: <[www.bm.rs.gov.br](http://www.bm.rs.gov.br)> Acesso em: 15 de março de 2020.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALAZANDS, Márcia Esteves de. *A constituição de mulheres em polícias: um estudo sobre policiais femininas na Brigada Militar do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2940>> Acesso em 9 de setembro de 2020.

CHAPARRO, Manuel. *Linguagem dos conflitos*. Coimbra: Minerva Coimbra, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; TRICHES, Guilherme Longo. Interesse público no jornalismo: uma justificativa moral codificada. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, maio/ago, p.484-503, 2014.

DINIZ, J. Péricles. *O papel do jornal na construção social de identidades*. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14430.pdf>> Acesso em 26 de abril de 2020.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: \_\_\_\_\_. BARROS, A. (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62-83.

DUARTE, Rosália. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Rio de Janeiro: UFPR, 2004. p. 213-225. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>> Acesso em 11 de abril 2020.

ESTATUTO DA BRIGADA MILITAR. 2009, p. 6-15.

FAUSTO NETO, A. *Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos*. Diálogos Possíveis. Salvador, v. 6, n. 2, 2007.

FAUSTO NETO, Antônio; SANCHOTENE, Carlos Renan Samuel. *Enunciação e “contratos de leitura”: novos ‘modos de dizer’ dos discursos jornalísticos*. Disc. Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 27-38, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/view/736/683>> Acesso em 20 de março de 2020.

FELIPPI, Angela Cristina Trevisan. *Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora*. Série conhecimento 46. 1ª ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009, p. 8. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1759/1/Jornalismo%20e%20Identidade%20Cultural%20constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade%20ga%C3%BAcha%20em%20Zero%20Hora.pdf>> Acesso em 12 de abril de 2020.

FONSECA, Virgínia. *Indústria de notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FRANCHI, Lorenzo. Posicionamento do jornalista sobre a matéria "Brigada Militar recupera carga de tabaco roubada em Vale Verde". Entrevista concedida a Kethlin Meurer, via WhatsApp. Santa Cruz/RS, dia 2 de novembro de 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. Editora da Universidade de São Paulo (USP), 1997, p. 15-248.

LINHARES, Johnny R. *O “2 de ouro” em Rio Pardo*. 1970, p.31-35.

MARQUES, Paulo Jamil; VELOSO, Raíssa Benevides. *A cobertura sobre Segurança Pública no Jornalismo Impresso: um estudo de caso das notícias do Jornal O Povo durante a gestão Cid Gomes*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2305-1.pdf>> Acesso em 29 de abril de 2020.

MATA, M. C. *De la cultura masiva a la cultura midiática*. In: Diálogos de la comunicación, Lima: Felafacs, n. 56, 1999.

MEDEIROS, Caciene Souza de. In: CARROZZA, Guilherme; SANTOS, Mirian dos; SILVA, Telma Domingues da (Org.). *Sujeito, sociedade, sentidos*. Campinas: Editora RG, 2012, p. 102-103.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>> Acesso em 28 de março de 2020.

MÜLLER, Ana Cláudia. Olhar da jornalista sobre as matérias produzidas por ela na editoria de Polícia no Jornal Gazeta do Sul. Entrevista concedida a Kethlin Meurer, via WhatsApp. Santa Cruz/RS, dia 2 de novembro de 2020.

PEUCER, Tobias. *Os relatos jornalísticos. Estudos em Jornalismo e Mídia*. V. 1, n. 2, Florianópolis: UFSC, 2004.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina PiumbatoInnocentini. *A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento*. São Carlos (SP): Universidade de São Carlos, 2012. p. 56-59. Disponível em: <[https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf\\_28](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28)>

PORTAL GAZ. Portal de notícias regionais. Santa Cruz/ RS. Disponível em: <[www.gaz.com.br](http://www.gaz.com.br)> Acesso em: 15 de março de 2020.

PORTO, Maria Stela Grossi. *Mídia, segurança pública e representações sociais*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 211-233, 2009.

REIS, Valmir José dos. *Plano de Segurança Pública: ferramenta prática da polícia comunitária*. Curitiba: Multideia, 2017, 36-38.

REIS, José Valmir dos. Visão da Brigada Militar sobre o trabalho do Jornal Gazeta do Sul. Entrevista concedida a Kethlin Meurer presencialmente. Santa Cruz/RS, dia 11 de novembro de 2020.

REGINATO, Gisele Dotto. *As finalidades do Jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, 2016. p. 21-58.

Ressel, Lúcia Beatriz; BECK, Carmem Lúcia Colomé, GUALDA, Dulce Maria Rosa; HOFFMANN, Izabel Cristina; SILVA, Rosângela Marion da; SEHNEM, Graciela Dutra et al. *Uso do grupo focal em pesquisa qualitativa*. 2008, p. 438-442. Disponível em: <[http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/88/10\\_GrupoFocal.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/88/10_GrupoFocal.pdf)> Acesso em 14 de outubro de 2020.

ROCHA, Santos Roberto. *A Brigada Militar e a luta pela sobrevivência*. Editora: BM Edições, 1987. p. 1 - 48.

SANTOS, Raissa Nascimento Dos. *Jornalismo do Século XXI. Profissão, Identidade, Papel Social, Desafios Contemporâneos*. Publicado em 2014. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0360-1.pdf>> Acesso em 26 de abril de 2020.

SILVA, Cristiano. Visão do jornalista sobre a matéria "Reconhecimento a um herói da comunidade". Entrevista concedida a Kethlin Meurer, via WhatsApp. Santa Cruz/RS, dia 2 de novembro de 2020.

SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo et al. *Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente*. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3124\\_1712.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3124_1712.pdf)> Acesso em 5 de abril de 2020.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. Pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p 31-37.

SIMONETTI JÚNIOR, João Carlos. *Jornalismo e identidade: uma abordagem discursiva*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2SIMONETTI.PDF>>. Acesso 26 de abril de 2020.

SIMÕES, Moacir Almeida. *História da Brigada Militar Para Fins Didáticos e de Palestras*. Porto Alegre/RS: Editora Polost, 2002. p. 26.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos do jornalismo*. Publicado em 2001. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em 13 de setembro de 2020.

SZCZECINSKI, Fernanda. Visão da jornalista sobre a matéria "Caçada a ladrões de banco acaba como denúncia anônima". Entrevista concedida a Kethlin Meurer, via WhatsApp. Santa Cruz/RS, dia 1º de novembro de 2020.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1999.

WAGNER, Julianne Barragan. *O Bairro Ewaldo Prass na editoria de polícia do Jornal de Candelária: uma análise de discurso*. Publicado em 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1384/1/Julianne%20Barragan%20Wagner.pdf>> Acesso em 26 de maio de 2020.



**APÊNDICE A – PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM A REPÓRTER  
FERNANDA SZCZECINSKI**

1. Qual tua idade e por quanto tempo trabalhou na editoria de Polícia do Jornal Gazeta do Sul?
2. De que maneira você e o jornal tomaram conhecimento sobre a suposta agressão dos policiais militares nos suspeitos do assalto à agência bancária de Vale Verde?
3. Observa-se que o espaço dado para o pronunciamento do oficial da Brigada Militar foi menor em relação ao que foi escrito sobre as denúncias. Isso foi proposital? Explique.
4. Após essa matéria, a Brigada Militar se pronunciou sobre o assunto por meio de uma nota oficial afirmando que se trata de uma mentira a suposta agressão. Nas palavras do comandante do 23º Batalhão de Polícia Militar, tenente-coronel Giovanni Paim Moresco, ele disse que evidencia “a responsabilidade que deve ser observada na emissão de qualquer avaliação prematura, invertendo os papéis sociais, daqueles que agem em nome da sociedade, com o sacrifício de suas vidas e daqueles do outro lado da cortina da lei”. Diante dessa afirmação, você acredita que tenha sido prematura a fala do delegado regional Luciano Menezes sobre a denúncia das agressões e, da mesma forma, prematura a publicação de algo grave na edição impressa do jornal?
5. Você acredita que a matéria tenha contribuído para a construção de uma imagem negativa sobre a Brigada Militar?
6. Antes da matéria ser publicada, houve alguma reflexão sobre possibilidade do conteúdo colocar, de certa forma, a sociedade contra o trabalho da Polícia Militar?
7. Após a publicação da nota oficial do tenente-coronel Giovanni Paim Moresco buscou-se ir ainda mais afundo para verificar se realmente houve alguma agressão por parte dos policiais?

## APÊNDICE B – PERGUNTAS DA ENTREVISTA COM A REPÓRTER ANA CLÁUDIA MÜLLER

1. Qual tua idade e por quanto tempo trabalhou na editoria de Polícia do Jornal Gazeta do Sul?
2. Sobre a matéria *Polícia vai investigar confusão entre morador do Avenida e PMs*, de que forma o jornal teve conhecimento do vídeo?
3. Pelo que se viu na matéria, os moradores relataram a invasão dos brigadianos e uma suposta agressão, enquanto a Brigada Militar se manifestou dizendo que não foi isso o que aconteceu. Em casos assim, o jornal opta por dar voz aos dois lados ou em algum momento posterior também produz mais matérias para verificar quem realmente está correto?
4. Quanto à matéria *Visitantes dizem ter sido agredidos por PMs na Oktoberfest*, pergunto, também: de que maneira essa informação chegou ao jornal?
5. Na matéria mencionada na pergunta número 4 consta que a Corregedoria da BMiria apurar o caso. Algo chegou de fato a ser feito após as denúncias? O jornal acompanhou o desenrolar da história?
6. Você acredita que essas duas matérias podem contribuir para que os leitores tenham uma visão negativa da Brigada Militar? Se sim, de que forma o jornal trabalha para também mudar um pouco essa visão por parte da sociedade?
7. Sobre a matéria *Sargento Sortica: o ex-xerifão de Monte Alverne*, o que motivou a publicação da mesma?
8. Você acredita que esse tipo de matéria sobre o sargento Sortica contribui para que as pessoas comecem a estabelecer uma empatia com a instituição Brigada Militar? Ou para que construam uma imagem positiva da instituição?
9. Quais são os pontos na matéria sobre o Sortica que você acredita que fazem as pessoas terem uma visão positiva e de admiração pelo trabalho da BM?

**APÊNDICE C – PERGUNTAS PARA O JORNALISTA CRISTIANO SILVA**

1. Qual a sua idade e há quanto tempo trabalha na editoria de Polícia do Jornal Gazeta do Sul?
  
2. A matéria com o título *Reconhecimento para um herói da comunidade* informa que o major André Sebastião Santos dos Santos foi homenageado oficialmente como patrono do 23º Batalhão de Polícia Militar sediado em Santa Cruz do Sul. O oficial morreu em combate no ano de 2006. Você acredita que esse tipo de matéria, relatando a morte de um policial durante o trabalho, é capaz de sensibilizar o leitor e instigá-lo a criar uma imagem positiva da Brigada Militar?
  
3. Quais são os pontos na matéria que você acredita que fazem as pessoas terem uma visão positiva e de admiração pelo trabalho da BM?

**APÊNDICE D – PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM O JORNALISTA  
LORENZO FRANCHI**

1. Qual a idade e durante quanto tempo trabalhou na editoria de Polícia do Jornal Gazeta do Sul?
2. Na matéria *Brigada Militar recupera carga de tabaco roubada em Vale Verde*, como o jornal tomou conhecimento dessa recuperação? A própria instituição avisou?
3. Caso a Brigada Militar tenha feito contato avisando sobre a recuperação da carga, em outras ocorrências o próprio jornal também foi procurado pela BM para divulgar determinado acontecimento? Como acontece essa “parceria”?
4. As expressões contidas na matéria como “*ação rápida*” e “*resposta rápida*”, na sua opinião, contribuem para que as pessoas tenham um determinado entendimento sobre o trabalho realizado pela Brigada Militar? Explique.
5. Você acredita que a divulgação desse tipo de matéria é importante tanto para o interesse público quanto para a construção de uma imagem da Brigada Militar? Se sim, que imagem seria essa?

**APÊNDICE E – PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM O EDITOR DO  
JORNAL GAZETA DO SUL ROMAR RUDOLFO BELING**

1. Levando em conta assuntos relacionados à Brigada Militar, de que forma os editores do jornal avaliam o que merece ou não destaque na editoria de Polícia?
2. Existe algum tipo de parceria entre o Jornal e a Brigada Militar? Como é feita a seleção das fontes?
3. Quando se trata de um assunto mais polêmico sobre policiais militares, quais são os cuidados tomados na construção de uma matéria?
4. Você acredita que o jornal é capaz de contribuir para a construção de uma imagem da Brigada Militar?
5. A partir do que vem sendo publicado nos últimos anos, na sua opinião essa imagem construída sobre a BM é mais positiva ou negativa? Por quê?
6. Qual a importância para o jornal divulgar matérias sobre a Brigada Militar?

**APÊNDICE F – PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM O COMANDANTE DO COMANDO REGIONAL DE POLÍCIA OSTENSIVA DO VALE DO RIO PARDO, CORONEL REIS**

1. Qual a importância de um veículo de comunicação para a Brigada Militar?
2. De que forma a mídia pode prejudicar o trabalho da BM? E de que maneira ela contribui e caminha ao lado da instituição?
3. De que maneira a Brigada Militar busca manter contato e estabelecer uma certa parceria com os veículos de comunicação?
4. Quanto à matéria *Caçada a ladrões de banco acaba em denúncia contra policiais*, qual o posicionamento da Brigada Militar em relação ao fato do Jornal Gazeta do Sul ter publicado essa matéria?
5. Sobre o espaço dado para a BM se manifestar, especificamente nessa matéria - mencionada na pergunta 4 -, acredita que foi pequeno?
6. Se a Brigada Militar afirma que não houve agressão por parte dos policiais, por que surgiu essa afirmação de que os policiais militares teriam agredido?
7. Essa matéria contribuiu para uma imagem negativa de toda a instituição?
8. Em relação à matéria *Visitantes dizem ter sido agredidos por PMs na Oktoberfest* e *“Polícia vai investigar confusão entre morador do Avenida e PMs”*, o que a Brigada Militar tem a dizer sobre elas? Você acredita que foram necessárias essas publicações e que são de interesse público?
9. Sobre a matéria contando a história do sargento Sortica de Monte Alverne, a recuperação da carga de tabaco roubada em Vale Verde e o reconhecimento do major André Sebastião Santos dos Santos, que tombou em combate, avalia como sendo matérias que constroem uma visão de admiração pelo trabalho da BM? Por quê?

**10. APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO INICIAL DO GRUPO FOCAL**

1. Sexo: F ( ) M ( )
2. Idade: \_\_\_\_\_ anos
3. Profissão \_\_\_\_\_
4. Com que frequência lê as matérias da editoria de Polícia do Jornal Gazeta do Sul? \_\_\_\_\_
5. Há quantos anos é leitor da Gazeta ? \_\_\_\_\_
6. Por qual motivo tem interesse em ler as matérias da editoria de Polícia?
  
7. De todas as editorias do jornal, qual a sua preferida?

**APÊNDICE H – PERGUNTAS APLICADAS DURANTE O GRUPO FOCAL**

1. Vocês acreditam que a editoria de Polícia é de muita importância em um jornal? Por quê?
2. Na opinião de vocês é a editoria mais lida?
3. Nas matérias *Caçada a ladrões de banco acaba em denúncia contra policiais, Polícia vai investigar confusão entre morador do Avenida e PMs e Visitantes dizem ter sido agredidos por PMs na Oktoberfest*, o que faz vocês pensarem sobre o trabalho da Brigada Militar?
4. E qual a visão de vocês quanto às matérias sobre a homenagem ao major André Sebastião Santos dos Santos, história de vida do sargento Sortica e recuperação de carga de fumo roubada em Vale Verde?
5. Acreditam que o Jornal tem o poder de influenciar na construção da imagem da Brigada Militar no Vale do Rio Pardo? Se sim, por quê?
6. A matéria sobre a carga de tabaco recuperada pela Brigada Militar começa com a seguinte frase: *“A resposta rápida da Brigada Militar permitiu a recuperação do caminhão e da carga de tabaco que havia sido roubada no fim da tarde de quinta-feira, 14, em Vale Verde”*. Logo em seguida, foi escrito o seguinte: *“Horas depois, o caminhão foi localizado no Bairro Conventos, em Lajeado”*. As expressões *“resposta rápida”* e *“horas depois”* fazem vocês terem que entendimento?
7. Na opinião de vocês, foi correto o Jornal Gazeta do Sul publicar sobre a denúncia de que policiais teriam agredido e torturado os suspeitos de assaltarem a agência do Sicredi em Vale Verde? A palavra tortura seria adequada?
8. De uma forma geral, qual a visão que o Jornal Gazeta do Sul tem passado a vocês sobre a Brigada Militar?
9. Nas matérias lidas, quais as expressões ou abordagens que fizeram vocês construir uma imagem sobre a instituição Brigada Militar?





# ANEXO A – MATÉRIA SARGENTO SORTICA: O EX-XERIFÃO DE MONTE ALVERNE

SÁBADO E DOMINGO, 26 E 27 DE MAIO DE 2018 | GAZETA DO SUL

POLÍCIA 27

APOSENTADORIA

## Sargento Sortica: o ex-xerifão de Monte Alverne

Nos últimos 19 anos, o policial militar morou e atuou no distrito. Dois meses após a aposentadoria, diz que tem saudades do ofício

Ana Cláudia Müller  
ana.muller@gaz.com.br

Ele tem a data em que começou a atuar no policiamento em Monte Alverne na ponta da língua: 5 de agosto de 1999. Desde então, o sargento Edson Sortica, hoje com 46 anos, foi mais que um policial militar para o distrito no interior de Santa Cruz: tornou-se um verdadeiro super-homem. Tudo o que acontecia por lá passava por ele. Quando precisou, fazia as vezes de ambulância, bombeiro, auxiliava no resgate de vítimas. Não é à toa que a comunidade tem sentido tanto a falta dele, que se aposentou há cerca de dois meses, após quase 20 anos atuando na localidade. “Meu serviço eu fiz. Foi bem feito. Isso sim, é gratificante”, afirma.

Após oito anos como brigadista – ele entrou na BM em 1991 – surgiu a oportunidade que definiria o futuro do então soldado Sortica. Havia uma vaga para atuar em Monte Alverne e ele, natural de São Sepé, aceitou o desafio: sozinho, mudou-se para o distrito, onde morava em uma casa funcional. No ano seguinte, criou raízes: conheceu a mulher que seria sua esposa, casou e teve uma filha. Hoje, mesmo aposentado, avisa: não sai mais da localidade.

Histórias para contar não faltam. Em 19 anos, passou por situações de perigo e chegou a fi-

### Enchente

Em qualquer situação grave, o Sortica era sempre chamado. Em uma enchente, em 2003, não foi diferente. O Arroio Castelhano saiu do leito e chegou a invadir as ruas, que ficaram completamente alagadas. “Recebemos a informação de que duas mulheres estavam ilhadas. Fomos até lá, mas nem com um caminhão da subprefeitura conseguimos chegar. Foi preciso uma patrulha para se aproximar”, conta.

Ele usou cordas para se manter preso à pá-carregadeira usada no resgate, passou por dentro de uma casa alagada e chegou até o ponto onde estavam as duas mulheres. “A primeira conseguimos tirar. Na segunda, eu quase não tinha mais forças”, lembra. Desde então, Sortica adquiriu o hábito de monitorar o nível do arroio, para não ser pegado desprevidamente.

car na mira de bandidos. Em 2003, houve assaltos simultâneos ao Banristul e Banco do Brasil em Monte Alverne. Sortica estava almoçando quando soube dos roubos pelo telefone, que tocava direto na casa dele. “Peguei meu carro e fui. Quando vi, meu colega (o sargento Gilmar, também aposentado) estava deitado, rendido, no meio da rua. Os ladrões conheciam meu Santana e, quando cheguei perto, já tinha uma calibre 12 engatilhada nas minhas costas. Me renderam também”, relembra.

Já deitado no chão, Sortica só conseguia pensar na filha, então com apenas seis meses. “Eu só via ela na minha frente. Pensava que já estava morto.” Os criminosos chegaram a atirar no chulo: dois disparos, um em cada lado do PM. Quem viu de longe pen-



Edson Sortica coleciona muitas histórias dos 19 anos em que trabalhou na localidade

## Quatro dias na caçada aos assaltantes de banco

Conhecer cada cantinho do distrito de Monte Alverne é uma das qualidades do sargento Sortica. Isso mostrou-se essencial em algumas situações, como a enfrentada em setembro de 2009, após um assalto a banco em Boqueirão do Leão. Depois de atacar uma agência, nove criminosos fugiram para Monte Alverne. “Eles se perderam nas estradas do interior e vieram parar aqui. Houve confronto, os bandidos perderam os carros e tiveram de fugir pelo mato. O único que conhecia a região, um assaltante conhecido por Beijo, morreu.”

“O ataque foi na terça-feira. Eu só consegui parar para dormir no sábado”, relembra. No segundo dia, até tentou ir para casa descansar, mas logo foi acionado: só ele conhecia a região. “É uma das ocorrências que mais repercutiram. Houve um aparelho policial muito forte. Teve dois assaltantes mortos, prisão de cinco elementos. Ficou gravado não só na minha memória, mas na de toda a população.” Como os assaltantes estavam perdidos, a BM conseguiu capturar cinco deles. Os outros dois foram presos em Porto Alegre.

### A PERDA DE UM AMIGO

Um dos crimes que chocaram o interior permanece na memória do sargento Sortica. O latrocínio que vitimou Gerson Arthur Meurer, em julho de 2016, é lembrado pelo policial militar como um dos momentos mais difíceis da profissão. Na ocasião, o proprietário de um posto de combustíveis, em Linha Nova, chegava em casa quando foi surpreendido por criminosos, que atiraram nele.

Foi a filha da vítima quem ligou para Sortica, quando o crime ainda estava acontecendo do lado de fora do posto. “Depois, quando veio a informação de que ele tinha falecido, eu já estava na casa dele. Tu se sente impotente. Embora queira fazer alguma coisa, não tem mais o que fazer”, conta. “Eu vivia ali no posto, onde tomava chimarrão. Tínhamos uma amizade. Não foi fácil”

so que ele havia sido alvejado. “Minha esposa trabalhava na lancheria do meu sogro na época. Chegaram e avisaram: o Sortica está morto.” Em 2007, hou-

ve mais uma situação como essa. Na ocasião, o Sicredi foi o alvo. “Assaltos a bancos são as ações que marcam mais a comunidade”, comenta.

BRIGADA MILITAR

## Região tem nova Patrulha do Interior

A região terá uma nova Patrulha Comunitária do Interior (PCI). Uma picape e um fuzil serão destinados para esse tipo de policiamento, que vai agir especialmente na área de Pantano Grande, nas imediações da BR-290, e em Encruzilhada do Sul. A área reúne municípios suscetíveis a ações criminosas. O lançamento da PCI ocorreu durante um encontro que reuniu os PMs das 21 patrulhas já existentes na região na manhã dessa sexta-feira, na sede da Agropecuária Greenfield, no interior de Cachoeira do Sul.

“A instalação das patrulhas do interior comprova que é possível a adequação e adaptação das ações de polícia de acordo com as necessidades de cada ambiente”, frisou o comandante do Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo, coronel Valmir José dos Reis.

No encontro, os patrulheiros também realizaram prática de tiros. A proposta da PCI foi apresentada para a comunidade e líderes locais. Foi explicado que a patrulha será responsável por fazer registros de ocorrência e atividades de prevenção e inteligência policial.



No encontro, os PMs praticaram tiro

### Atividades

Os policiais das Patrulhas Comunitárias do Interior mapeiam as propriedades rurais e fazem contato com os líderes das comunidades. Além disso, precisam conhecer os acessos ao interior que podem ser utilizados como rotas de fuga por quadrilhas de assaltantes de bancos, as quais costumam agir em municípios menores, mais vulneráveis pelo pouco efetivo. Com a ação das patrulhas, a ideia é que haja repressão imediata diante de crimes desta natureza.

### “JÁ ESTOU COM SAUDADES”



Emocionado, Sortica conta que já está com saudades de vestir a farda, a qual, segundo ele, era como uma segunda pele. “Achei que era o momento certo. Precisava priorizar minha família”, diz, alegando que perdeu fases importantes do crescimento da filha. “Eu nunca dei de atender as pessoas. Abandonei churrascos de domingo para ir em ocorrências.”

Diferente do que acontece na cidade, o PM que atua no interior acaba sendo requisitado em qualquer horário do dia. Ainda que não estivesse de serviço, os moradores procuravam Sortica até mesmo em casa para pedir ajuda. “Se alguém me procurasse às 3 horas da madrugada, eu atendia. Conheço praticamente toda a comunidade. Quando tu prendes um bandido no interior, o pessoal vai para a rua e bate palmas”, conta. “Alguém até brincou essas dias que o Posto Ipiranga de Monte Alverne era o Sortica. Tudo que acontecia, ligavam pra mim”, brincou.

GAZ Assista ao vídeo da



## ANEXO B – MATÉRIA POLÍCIA VAI INVESTIGAR CONFUSÃO ENTRE MORADOR DO AVENIDA E PMS

SANTA CRUZ



Imagens que mostram o desentendimento circulam nas redes

### Vídeo mostra confusão entre morador do Avenida e PMs

Um vídeo postado na internet mostrando uma confusão entre um morador do Bairro Avenida e policiais militares está dando o que falar e vai gerar uma investigação interna na Brigada Militar de Santa Cruz do Sul. O desentendimento, que se iniciou a partir da reclamação de um vizinho sobre o som alto numa residência, terminou com um homem detido. Airton Adair Faust, de 54 anos, foi levado à delegacia pelos brigadianos acusado de perturbação de sossego e desacato. Uma testemunha alega, no entanto, que houve excesso por parte dos PMs.

De acordo com a esposa de Airton, Gilzane de Oliveira Faust, o filho havia recebido cinco amigos em casa na noite da última sexta-feira. O casal também estava na residência quando, por volta da 1 hora de sábado, dois PMs chegaram. "O som nem estava alto, tanto que eu e meu marido estávamos assistindo um filme na sala", contou. Nesse momento, conforme Gilzane, um motoboy chegou para entregar um lanche. Um dos PMs teria aproveitado que o portão foi aberto e entrou no pátio. "Aí ele deu voz de prisão para o meu marido e chamou reforço", recorda a esposa.

Segundo ela, vieram mais quatro brigadianos e eles pediam que o portão fosse aberto para que pudessem entrar e conversar. No entanto, Airton teria dito que só faria isso se o outro policial soubesse da casa. O PM, no entanto, alegava que não deixaria o pátio. "Meu marido pedia para o brigadiano sair. Depois que ele falou que não, meu marido perguntou se ele estava de palhaçada."

Conforme Gilzane, foi nesse momento que a confusão começou. "Eles colocaram meu marido contra a grade. Aqueles (PMs) que estavam do lado de fora pularam. Vieram para cima do meu marido e derrubaram ele no chão. Depois algemaram e colocaram na viatura", afirma. Na Delegacia de Polícia de Pronto-Atendimento (DPPA), Airton Faust foi ouvido e, em seguida, liberado.

#### O que diz a lei

Uma das reclamações da família diz respeito à suposta invasão dos brigadianos. Eles alegam que o PM não possuía um mandado judicial para entrar no pátio da residência. Contudo, o subcomandante do 23º BPM, capitão Cristiano Marconatto, afirma que, em casos como esse, não é necessário ter a autorização judicial. "Houve o crime de desacato e temos a perturbação de sossego, que é uma contravenção penal."

Segundo ele, o direito de os brigadianos entrarem na casa é garantido pela Constituição Federal. O artigo 5º, inciso 11, diz que "a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador". No entanto, destaca situações específicas como "em caso de flagrante delito".

#### O que diz a BM

O capitão Marconatto afirma que Airton Faust não foi agredido pelos brigadianos. "Ele foi imobilizado, colocado dentro da viatura e levado à delegacia. Ele foi contido, mas não houve agressão." Frisa que o morador teria reagido e desacatado os policiais e, por isso, foi chamado um reforço. Quando os demais PMs chegaram, Airton foi preso. "Havia uma situação de flagrante que autoriza a entrada na residência."

Marconatto afirma que será aberta uma sindicância policial-militar para apurar o caso. "Mas não se vislumbra qualquer tipo de irregularidade ou ilegalidade que tenha sido cometida pelos policiais." ■



(51) 2106.1555



## ANEXO C – MATÉRIA RECONHECIMENTO PARA UM HERÓI DA COMUNIDADE

POLÍCIA • 15

QUINTA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 2020 | GAZETA DO SUL

### HOMENAGEM

# Reconhecimento para um herói da comunidade

**Estado institui major como patrono do 23º BPM. Ele morreu em Santa Cruz durante confronto com o bando de Seco, em 2006**

Cristiano Silva  
cristiano@gazetadosul.com.br

Morto em combate, em defesa da comunidade, durante um dos períodos mais sangrentos da história recente da segurança pública do Rio Grande do Sul, o major André Sebastião Santos dos Santos recebeu uma das principais honrarias da Brigada Militar. Nessa quarta-feira, ele foi homenageado oficialmente como patrono de um Batalhão de Polícia Militar (BPM), o 23º, sediado em Santa Cruz do Sul, para o qual prestava serviço. O reconhecimento foi confirmado por meio do decreto nº 55.387, publicado no Diário Oficial do Estado.

De acordo com a BM, o nome do Major Sebastião foi escolhido



André tinha 34 anos quando foi morto



Brasão do agora 23º BPM - Batalhão Major Sebastião

pelo fato de o policial ter tombado em combate, no exercício de suas funções. Dessa maneira, ele deixou um legado de admiração e respeito pelos policiais militares do 23º BPM e pela comuni-

dade santa-cruzesense.

Decorrido o prazo legal de pelo menos dez anos de sua morte – ocorrida em abril de 2006 –, em 2018 iniciou-se a tramitação da proposta de designação do referido policial como patrono. A partir daquele momento, seu nome passou a preencher os requisitos estabelecidos pela legislação para receber tal honraria.

“Com isso, fica eternizada por este ato a memória deste policial, que sacrificou a sua vida em prol da sociedade, registrando o seu nome na história da Brigada Militar”, afirmou a BM, em nota. O comandante do agora 23º BPM – Batalhão Major Sebastião, tenente-coronel Giovanni Paim Moresco, ressalta a importância dessa homenagem. “Para mim é uma satisfação poder fazer parte deste momento, pois eu e o Sebastião fomos colegas na turma de formação de sargentos, em 1990, em Santa Maria. É uma homenagem mais do que justa a esse servidor que tombou em serviço. Foi um policial que dedicou sua vida defendendo a nossa comunidade”, ressaltou Moresco.

### EFETIVIDADE

## Patrulha Maria da Penha divulga balanço do semestre

A Brigada Militar (BM) de Santa Cruz do Sul divulgou ontem um balanço de atuação da Patrulha Maria da Penha no primeiro semestre deste ano. Ao todo, 320 visitas foram realizadas somente nos seis primeiros meses de 2020. Durante essas incursões, foi efetuada uma prisão por descumprimento de medida protetiva – situação na qual o agressor não cumpre o afastamento em relação à vítima estabelecido por ordem judicial.

A Patrulha Maria da Penha tem como objetivo ser uma ação de caráter preventivo e ostensivo, direcionada ao acompanhamento de mulheres vítimas de violência doméstica. Os policiais também atuam na fiscalização do cumprimento das medidas protetivas de urgência por parte do agressor. Atualmente, 198 mulheres en-

contram-se na rede de proteção da Brigada Militar, em que todas são assistidas por uma equipe capacitada.

Segundo o capitão Rafael Carvalho Menezes, coordenador da Patrulha Maria da Penha, mais de 630 mulheres já contaram com o apoio da rede de proteção desde o ano de 2014. “Nenhuma das assistidas foi vítima de feminicídio, em decorrência da atuação qualificada dessa rede”, ressaltou o capitão Menezes.

“Procuramos tratar a respeito desses delitos que envolvem o público feminino familiar. Por isso, há necessidade dessa atuação de forma mais profunda, buscando a efetividade, para trazer segurança a essas mulheres”, reforçou o comandante do 23º BPM, tenente-coronel Giovanni Paim Moresco.



Desde 2014, mais de 630 mulheres já estiveram na rede de proteção da Brigada Militar

### MORTE



Luto e consernação: velório do policial, em Santa Maria, contou com a presença de centenas de pessoas e muitas homenagens

Natural de Passo Fundo, André Sebastião Santos dos Santos tinha 34 anos e residia em Santa Maria com a esposa e filho. Ele morreu em ação no dia 10 de abril de 2006, durante confronto armado com o bando do candelariense José Carlos dos Santos, o Seco, após um assalto à empresa de transporte de valores Proforte. Nessa data, ele não estava escalado para o serviço, mas permaneceu no policiamento.

Após ser informado de que havia um assalto a uma empresa de valores, Sebastião foi o primeiro a chegar ao local, na Rua Júlio de Castilhos, nas imediações do cruzamento onde a via desemboca na BR-471. Ao entrar em tiroteio com os criminosos, ele foi alvejado e morto por um disparo de fuzil na cabeça. Na época, estava na BM de Santa Cruz do Sul há cerca de um ano. No decorrer de 16 anos de serviço, não cometeu nenhum ato que levasse a algum tipo de punição.

GAZETA DO SUL  
\$1 9082.6407

GAZ  
\$1 9966.7147

GAZETA DO SUL  
\$1 9912.9914

GAZETA DO SUL  
\$1 9852.1017

**DROGAS**  
precisa de ajuda?  
www.ctrecomecar-rs.com.br

### PUBLICAÇÃO LEGAL

MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL, RS  
VIVERAQUE BOM ZINHO

**AVISO DE LIBERAÇÃO DE RECURSOS:**  
A Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul-RS cota-se, para efeito do art. 2º da Lei 8.452/1997, aos partidos políticos, sindicatos de trabalhadores e entidades empresariais com sede neste Município, a liberação dos seguintes recursos:  
- Incentivo Para Ações Estratégicas - Piso de Atenção Básica em Saúde (24/07/2020) - R\$ 24.630,00  
- Incentivo financeiro aos Estados, Distrito Federal e Municípios para Execução de Ações de Vigilância Sanitária (23/07/2020) - R\$ 19.562,40

### ANÚNCIO FÚNEBRE

**HOMENAGEM DE 2º ANO DE FALECIMENTO**  
Esposa Lily, filha Jaqueline e esposo Alexandre, neto Valentin de

**Breno Gilberto Faust**  
\*20/8/1947 †30/7/2018

Agradecemos a Deus pela convivência que tivemos contigo, bem como a esperança e amor pela vida que nos deixaste como herança. Sempre te amaremos.

## ANEXO D – MATÉRIA BRIGADA MILITAR RECUPERA CARGA DE TABACO ROUBADA EM VALE VERDE

AÇÃO RÁPIDA

# Caminhão e carga de tabaco são recuperados

**Levantamentos do Setor de Inteligência da Brigada indicam que quadrilha de outra região seria responsável pelo roubo**

Lorenzo Franchi  
lorenzo@gazetadosul.com.br

A resposta rápida da Brigada Militar da região permitiu a recuperação do caminhão e da carga de tabaco que haviam sido roubados no fim da tarde de quinta-feira em Vale Verde. Na tarde dessa sexta-feira, o Setor de Inteligência da BM localizou o veículo em via pública, no Bairro Conventos, em Lajeado. Horas antes, ainda pela manhã, a carga

de tabaco foi encontrada em uma propriedade rural na localidade Faxinal de Dentro, interior de Vale do Sol. O local foi descoberto pelo Setor de Inteligência da Brigada. A operação contou com policiais da Força Tática.

De acordo com a BM, na abordagem um homem foi encontrado. Ele afirmou ser o dono da propriedade e alegou ter alugado o galpão para outras pessoas, que teriam levado a carga até lá. Ainda conforme o Setor de Inteligência, as investigações apontam que o crime teria sido articulado por uma quadrilha de outra região especializada em roubo de cargas.

Conforme a BM, na ação da noite de quinta-feira, três homens armados com pistolas, em um Honda Civic branco, aborla-

ram o caminhão carregado. Na fuga, o carro seguiu no sentido contrário para tentar despistar as investigações.

O Setor de Inteligência da BM ainda ressaltou que junto da carga de tabaco localizada estavam os documentos de uma das vítimas, além de lacres e cintas da carga, com marcas da empresa – o que certificou a procedência do tabaco. Os quatro tripulantes do caminhão foram feitos reféns, mas logo foram abandonados em Picada Mariante, interior de Venâncio Aires. Nenhum deles ficou ferido.

Cerca de 150 fardos de tabaco foram recuperados. Após o registro, o material foi devolvido ao proprietário. O chacareiro foi levado à Delegacia de Polícia para prestar depoimento.



Carga roubada durante a quinta-feira foi encontrada em galpão na localidade de Faxinal de Dentro, no interior de Vale do Sol

## Inteligência policial e resposta aos bandidos

De acordo com o comandante do 23º Batalhão da Polícia Militar, tenente-coronel Giovanni Paim Moresco, a Brigada conta com uma rede de informações que usa como base indicadores de criminalidade e análises, o que proporciona agilidade nas ações. Moresco também revelou que, a partir da análise de crimes, em certos delitos registrados no Vale do Rio Pardo, a BM conseguiu identificar a participação de criminosos e delinquentes de outras regiões, principalmente limítrofes de Santa Cruz. "Isso faz com que tenhamos uma atenção maior também a outras localidades. A resposta rápida dessa sexta é uma ação de inteligência e de traba-

lho conjunto das forças."

Segundo Moresco, o valor e a pouca distinção entre as cargas de tabaco, feita apenas com lacres e cintas, tornam-se atrativos para este crime. "Desde o ano passado a Brigada Militar está com atuações junto ao Sinditabaco para monitoramento de carga de tabaco e cigarros, no sentido de mantermos identificados prováveis pontos quentes – os locais onde delitos possam acontecer", disse.

O comandante do Comando Regional de Polícia Ostensiva do Vale do Rio Pardo (CRPO/VRP), coronel Valmir José dos Reis, reforçou que a Brigada Militar, o sindicato e empresas do

setor estão mobilizados para garantir a segurança e coibir o roubo de cargas. "Estamos nos reunindo e acompanhando estes casos. Com o nosso Setor de Inteligência sabendo do ocorrido, na noite de quinta-feira acionamos a equipes de diligências e, a partir das linhas de investigação, seguimos o rastro e conseguimos a recuperação total da carga e também do caminhão." Reis ainda ressaltou que a BM seguirá atenta para reprimir e coibir este tipo de crime na região.

Até a noite dessa sexta-feira, os suspeitos do crime ainda não haviam sido localizados. A Polícia Civil segue investigando o caso.



# ANEXO E – MATÉRIA CAÇADA A LADRÕES DE BANCO ACABA EM DENÚNCIA CONTRA POLICIAIS

## 10 . POLÍCIA

GAZETA DO SUL, TERÇA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 2019



(51) 2106.1555

RONDA POLICIAL

### Maria da Penha

Uma mulher foi alvo de uma tentativa de feminicídio na noite desse domingo na Rua Engênio Iserhard, no Bairro São João, em Santa Cruz do Sul. Segundo a Brigada Militar, a vítima, de 30 anos, estava em casa quando o ex-marido, de 40, foi até a residência por volta das 22 horas. Após uma discussão, ele teria atirado contra ela. O disparo atingiu o peito da vítima, que foi atendida e passa bem. A Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (Deam) investiga o crime, mas os detalhes são mantidos em sigilo.

### Maria da Penha II

Um caso semelhante aconteceu, também no domingo, na Praça da Matriz, em Venâncio Aires. De acordo com a Polícia Civil, após um casal discutir, por volta das 19h30, a mulher entrou em um carro junto com seus familiares e o homem, que estava em uma Honda Biz, aproximou-se e deu sete tiros. Cinco disparos atingiram as costas da vítima. Ela foi levada para atendimento no Hospital São Sebastião Mártir, onde permanece internada e passa bem. O autor do crime já foi identificado e outras armas foram apreendidas em uma busca feita pela polícia na residência dele, no Bairro Santa Tecla.

### Presos no carro

Dois criminosos foram encontrados presos dentro de uma caminhonete Chevrolet S10 branca na manhã de ontem. A dupla havia rosbado o veículo na madrugada de segunda-feira em uma propriedade de Linha Taquari Mirim, no interior de Passo do Sobrado. A S10 tinha um dispositivo de monitoramento, que foi acionado e travou a caminhonete, prendendo os ladrões dentro. A Brigada Militar foi acionada e localizou o carro por volta das 6h15, na Rua Dom Pedro II, no Bairro Bom Jesus, em Santa Cruz do Sul. Com a dupla, os policiais apreenderam uma espingarda e uma imitação de arma de fogo.

### ROUBO EM VALE VERDE

## Cerco acaba em denúncia contra PMs

Em depoimento, suspeitos alegaram ter sido mantidos em cárcere privado e torturados para repassar informações

Fernanda Seccocinski  
fernanda@gaz.com.br

O cerco à quadrilha que assaltou o Sicredi de Vale Verde na última quinta-feira já completava 92 horas na manhã de ontem quando a Brigada Militar capturou quatro suspeitos, que teriam tentado resgatar os ladrões. O grupo, formado por dois homens, de 42 e 39 anos, e duas mulheres, de 47 e 32, foi detido em Vila Mariante, no interior de Venâncio Aires, e levado para depor na Delegacia de Polícia de Pronto-Atendimento (DPPA) do município por volta das 11 horas. Conforme a Brigada, eles estavam divididos em dois carros, um Gol Vermelho e um Jac J2 preto, interceptados em pontos diferentes da localidade, quando tentavam resgatar os comparsas que atacaram a agência na semana passada.

Em depoimento à Polícia Civil, no entanto, os suspeitos relataram que já estariam presos desde a noite desse domingo, e teriam passado a madrugada de ontem sendo agredidos e torturados por policiais militares. Segundo os relatos, um dos homens teria sido obrigado a ficar nu e a sentar em uma estrada de chão, onde teria sido sufocado com uma camiseta molhada até desmaiar. Os policiais também teriam tentado introduzir uma barra de ferro no ânus do suspeito.

Com o homem estaria uma das mulheres, que teria sido obrigada a tirar a roupa e permanecer nua por cerca de uma hora, até fornecer a senha do seu celular para os PMs. Os dois teriam sido liberados somente às 11 horas de ontem, quando foram levados para



Suspeitos de tentar resgatar os assaltantes foram capturados em Vila Mariante

### O que diz a Brigada Militar

Questionado sobre as queixas de agressões supostamente cometidas pelos PMs, o subcomandante do 23º Batalhão de Polícia Militar (BPM), major Fábio Azevedo, afirmou acreditar que as informações não procedem. "Estávamos com um contingente muito grande e não ouvi nenhum comentário sobre isso, não acredito que tenha ocorrido. Os suspeitos foram abordados e logo em seguida presos, interrogados e levados para a DP de Venâncio. Acredito que estejam querendo desviar a atenção, e isso é algo para se apurar depois. Não vamos fazer um pré-julgamento, mas se isso for formalizado e o comandante entender que é algo consistente, com certeza será averiguado", disse. Ainda segundo o major, a BM segue nas buscas pelos assaltantes, mas o cerco aos criminosos já foi desarticulado.

exame de lesão corporal na UPA e apresentados na DPPA em seguida. Um terceiro suspeito relatou ter sido agredido, obrigado a ficar nu e recebido socos e pontapés dos PMs, que exigiam que confessasse o roubo ao banco e revelasse nomes dos supostos comparsas. Ele também teria sido asfixiado com a própria camiseta até quase perder a consciência. As agressões teriam durado cerca de uma hora.

De acordo com o delegado regional e titular da DP de Vale Verde, Luciano Menezes, no fim da tarde PMs ainda teriam invadido a casa de uma das suspeitas, no município de Fazenda Vila Nova, onde foram encontrados objetos que ligariam a mulher à quadrilha que roubou o banco. Esses itens incluíam miguéritos, moedas e cédu-

las, e uma roda que originalmente esteve no Honda City capotado pelo bando logo após o assalto. "São objetos que poderiam ligar a suspeita ao crime, mas que se tornaram prova imprestável porque os policiais militares invadiram a casa sem mandado judicial", comentou.

Ainda segundo Luciano Menezes, os depoimentos dos suspeitos serão integrados ao inquérito do Deic, que apura o assalto. "Diante das alegações de que esses indivíduos foram mantidos em cárcere privado e severamente torturados durante a madrugada, para confessar o nome e o paradeiro dos assaltantes que eles foram buscar, os elementos de prova serão encaminhados para a Corregedoria da Brigada Militar e para o Ministério Público", afirmou.

### O que se sabe sobre os quatro suspeitos

Segundo informações da Polícia Civil, os quatro suspeitos detidos em Vila Mariante estariam de fato tentando resgatar os criminosos que assaltaram o Sicredi de Vale Verde. Eles estariam divididos em dois carros. Uma das mulheres seria companheira de um dos assaltantes, já a outra seria enfermeira do Presídio de Lajeado e teria sido levada até o local porque um dos ladrões estaria ferido. No carro que o bando capotou após o assalto, e em uma das espingardas calibre 12 que eles abandonaram no mato, a perícia encontrou sangue, que será enviado para análise. A enfermeira e um dos suspeitos teriam resgatado dois assaltantes em uma casa no interior e largado a dupla perto do Rio Taquari, que seria atravessado de caiaque.

Do outro lado estariam os outros dois suspeitos (a mulher do assaltante e o comparsa) que fariam o resgate do restante no caminho. No entanto, eles foram detidos antes. Com a companheira do ladrão que seria resgatado foram encontrados R\$ 4,7 mil, mas a mulher alegou que o dinheiro seria uma indenização trabalhista. Após serem ouvidos na delegacia de Venâncio Aires, os quatro foram liberados.

Ainda de acordo com a polícia, cinco pessoas teriam assaltado o banco na última quinta-feira. Duas delas já foram identificadas. O líder do roubo seria um homem de 49 anos, de Lajeado, e o outro o companheiro de uma das mulheres detidas ontem, de 33 anos. "A polícia trabalha agora para identificar os outros três suspeitos e produzir provas para que eles sejam presos", afirmou o delegado regional Luciano Menezes.

### EMBRIAGUEZ

Um homem de 38 anos foi preso na tarde de ontem, na RSC-287, após causar acidentes, furar duas barreiras policiais e dirigir embriagado. A perseguição teve início em Santa Cruz do Sul, quando o Astra preto com placas de Quaraí colidiu com dois veículos e fugiu em direção a Candelária. Ele foi interceptado depois de Novo Cabrais. O homem, que apresentava sinais de embriaguez, se negou a realizar o teste do bafômetro. Ele foi ouvido na delegacia de polícia e liberado.

## Criminosos renderam moradores no interior

Também ontem, um homem de 42 anos compareceu à delegacia de Venâncio Aires para contar que teve a casa invadida por desconhecidos que se identificaram como os assaltantes do Sicredi de Vale Verde. Ele relatou que estava chegando em casa de moto com a mãe e estranhou que estava tudo escuro. Ao ligar a lanterna do celular e entrar na residência, foi rendido por dois homens armados. Eles teriam afirmado que não queriam nada, apenas fugir. Os celulares da vítima e da mãe foram rouba-

dos pelos criminosos, que trocaram os chips e começaram a usar os aparelhos.

O morador e a mãe foram amarrados e a irmã, deficiente, foi levada para um quarto. O pai do homem de 42 anos, rendido mais cedo, também permaneceu sob a mira de armas. Pouco tempo depois, um veículo chegou para resgatar a dupla. Dentro do carro havia dois indivíduos com armas longas, que usavam camiseta e capuz para esconder o rosto, além de luvas pretas. Os bandulos de mala deixaram R\$ 700,00

para consertar uma porta que teriam arrombado.

Quando os criminosos foram embora, o pai da vítima contou que eles haviam chegado, se apresentado como assaltantes e pedido comida. Após afirmar que não iriam machucar ninguém, comeram uma galinhada. A suspeita da polícia é de que essa é a casa onde a enfermeira e um dos suspeitos apreendidos pela BM teriam resgatado os criminosos antes de os levarem para as proximidades do rio. Os R\$ 700,00 foram apreendidos pela BM.



## ANEXO F – MATÉRIA VISITANTES DIZEM TER SIDO AGREDIDOS POR PMS NA OKTOBERFEST

**OKTOBERFEST** ■■ Brigada Militar ainda não tem registro, mas Corregedoria Regional deve apurar

# Visitantes dizem ter sido agredidos por PMs na festa

Ana Cláudia Müller

✉ ana.muller@gaz.com.br

Enquanto se divertia com um amigo na Oktoberfest, o empresário e professor universitário, Daniel Hoppe, teria sido agredido. O que chama atenção, no entanto, são os supostos autores da violência. PMs do Batalhão de Operações Especiais (BOE) de Porto Alegre, que vieram a Santa Cruz para auxiliar na segurança dos visitantes, teriam batido com cassetetes em frequentadores da festa. O caso, que aconteceu na madrugada de sexta para sábado, foi relatado por Hoppe nas redes sociais e foi registrado na Delegacia de Polícia.

Hoppe conta que estava no Poliesportivo às 5h25, quando a música foi desligada. Os policiais entraram no local e começaram a pedir que os visitantes fossem embora, ordem que estava sendo obedecida. O problema aconteceu quando ele e o amigo resolveram utilizar o banheiro. Um PM teria entrado e exigido que os dois fossem embora. “Fechando o zíper alertei: ‘só um pouquinho, meu amigo está

**Nas redes sociais, o relato de um empresário teve cerca de 200 compartilhamentos**

na cabine’. Mal terminei a frase e tomei um empurrão para fora e algumas pancadas de cassetete nas costas e na nuca. Levantei os braços em sinal de paz mas não adiantou”, conta o empresário no relato que está circulando nas redes sociais e já tem quase 200 compartilhamentos.

Na saída do ginásio, cerca de 15 policiais formavam um cordão humano que, conforme ele, teria virado um “corredor polonês”. “Como se eu merecesse ser castigado por chibatadas, por estar no banheiro atrasando a vida deles alguns segundos” conta. “Bater em um cara da paz e em paz por estar fazendo xixi e atrasando em 10 segundos a operação deles de varredura em um ginásio da Festa da Alegria? Pra que? A impaciência era



■ ■ Hoppe mostra hematomas

### Corregedoria da BM vai apurar caso

Até o fechamento desta edição, a Brigada Militar ainda não tinha registro sobre os casos envolvendo os brigadianos. “Assim que tiver qualquer denúncia a Corregedoria Regional irá apurar os fatos”, afirmou o comandante da 1ª e 2ª Companhias da Brigada Militar e coordenador da segurança na Oktoberfest, capitão Rafael Menezes. “Nós estamos aguardando os horários e locais para verificar se conseguimos as imagens do fato”.

por medo de fazer hora extra? Estou cansado”.

No relato, Hoppe conta que soube que outras pessoas haviam passado pela situação. Uma delas foi Felipe Kopp. O consultor de seguros estava com a esposa no primeiro fim de semana de Oktoberfest, quando teriam sido vítimas de violência. Segundo ele, assim que a música foi desligada, os policiais apareceram e os visitantes começaram a deixar o local. “Minha esposa precisava usar o banheiro e eu fiquei do lado de fora, aguardando”, conta.

Mas, enquanto esperava, teria sido agredido. “Eles vieram fazendo um arrastão, mandando todo mundo sair. Eu falei que só estava esperando, mas eles nem quiseram ouvir. Me empurraram e bateram com o cassetete”. No banheiro feminino, a esposa de Kopp teria recebido uma borriada de spray de pimenta, assim que abriu a porta da cabine.

**“Nunca tinha sido algemado. Foi humilhante”**

No mesmo dia que Hoppe teria sido agredido, Marcelo Beckenkamp também relatou ter passado por uma situação de violência. Ele estava com amigos no lonão, por volta das 5 horas, quando uma briga entre duas mulheres chamou sua atenção. “Eu, infelizmente, tentei apartar a confusão. Meu chapéu caiu no chão e, quando eu me abaixei para pegar, senti uma rasteira”, conta. De acordo com ele, eram policiais militares do BOE que haviam o derrubado. “Até tu conseguir explicar que não está envolvido na confusão, já apanhou”.

Ele conta que foi algemado pelos PMs que ainda teriam lhe agredido com cassetetes. “Um deles puxou meu dedo e começou a torcer. Ele me ameaçava e dizia que ia quebrar. Outro jogou gás de pimenta em mim. Eu, algemado, ia fazer o que?”. Detido, Beckenkamp foi levado pelos brigadianos até a DPPA. “Nunca tinha sido algemado. Foi humilhante. Eles (BOE) não vem fazer segurança. Eles vem bater mesmo”.

Segundo ele, no dia seguinte retornou ao Parque da Oktoberfest. No entanto, um dos brigadianos teria lhe reconhecido. “Eu estava indo para a saída, já no sábado, e um deles começou a me chutar, de propósito. Agora eu te pergunto: no dia anterior eu estava no meio da confusão, podem ter me confundido. Mas no sábado, apanhei por que?”, desabafa. “Eu vi gente pulando a cerca, tentando entrar. Concordo que, nesses casos, é preciso ter pulso firme. Mas não dá para tratar quem é de bem do mesmo jeito”, reclama. ■